



**Tânia Correia
Estrela Santos**

**De Peixe em Peixe: Design dum sistema para a Av.
Dr. Lourenço Peixinho – A reabilitação do edificado
através da valorização do património Aveirense**



**Tânia Correia
Estrela Santos**

**De Peixe em Peixe: Design dum sistema para a Av.
Dr. Lourenço Peixinho – A reabilitação do edificado
através da valorização do património Aveirense**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Design, realizada sob a orientação científica da Prof. Doutora Teresa Franqueira, Professora auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro, e sob a co-orientação do Prof. Doutor Álvaro Sousa, Professor auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.

O Júri

Presidente

Prof. Doutor Luís Nuno Coelho Dias

Professor auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro

Arguente

Prof. José Carlos Baptista da Mota

Assistente do Departamento de Ciências Sociais, Políticas e do Território

Orientadora

Prof. Doutora Teresa Cláudia Magalhães Franqueira Baptista

Professora auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro

Co-orientador

Prof. Doutor Álvaro José Barbosa de Sousa

Professor auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro

Agradecimentos

Aos docentes da Universidade de Aveiro que me auxiliaram no decorrer destes dois anos letivos, particularmente à minha orientadora Prof. Dr.^a Teresa Franqueira e co-orientador Prof. Dr.^o Álvaro Sousa, agradeço todo o apoio, todas as conversas e todo o incentivo.

À arquiteta Ângela Cunha, também quero deixar presente a minha gratidão, pela ajuda inicial que me levou a avançar com este projeto.

Aos meus amigos, mesmo aqueles que por impossibilidade estiveram menos presentes, obrigada pela verdadeira amizade. Marlene Marinho, Marcos Alves, Mara Fernandes, Mónica Rodrigues, Helena Pinho, Filipa Vieira, Salomé Santos, Licínia Gaspar, Cláudia Alexandrino, Ana Farinha, obrigada por toda a dedicação, por todas as conversas durante este processo cheio de obstáculos, mas acima de tudo obrigada pelos momentos felizes.

Ao meu namorado, Marco Pinho, dedico um agradecimento especial pela atenção redobrada e pela paciência nos momentos mais difíceis.

Agradeço igualmente à minha tia Graça toda a preocupação que demonstrou por mim, não só ao longo do Mestrado, mas em toda a minha vida.

Por último, porque eu sei que estarão a ler este discurso na ânsia de encontrar o seu nome, deixo o meu agradecimento ao Dominick pelo carinho insubstituível, e à minha mãe. As pessoas não se definem por aquilo que fazem, mas pelas decisões que tomam e por quem escolhem ser na vida. Não poderia ter mais sorte na pessoa que me acompanha ao longo deste percurso e que me apoia incondicionalmente em todos os aspectos.

"O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso, existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis."

(Fernando Pessoa)

Resumo

O presente trabalho dissertativo consiste na proposta de um sistema que visa a reabilitação da Avenida Doutor Lourenço Peixinho através do Design Estratégico, propondo a ocupação do edifício abandonado ao longo desta via, com serviços e espaços culturais que divulguem, exponham e valorizem o património Aveirense.

A atual situação da Avenida, artéria central da cidade de Aveiro, é consequência de diversos fatores de índole urbanística, social, ambiental e organizacional. Embora se tenha verificado a existência de esforços por parte do Município e da sociedade civil, estes parecem não ter sido suficientes para inverter um processo aparentemente de abandono.

O Design, enquanto disciplina de índole teórica e prática, é talvez das áreas que mais anseia interagir com os problemas presentes na sociedade contemporânea, tentando encontrar soluções a partir de oportunidades, quer no campo social, quer no próprio território.

Assim, esta dissertação, enquanto projeto de mestrado na área do Design, parte de uma temática atual como o abandono dos centros históricos urbanos. As cidades e os seus sistemas de gestão convencional têm apresentado problemas no acompanhamento da metamorfose que ocorre a um ritmo arrebatador nas sociedades que habitam as grandes urbes.

Ao propor a reabilitação através da ocupação do edifício e através da valorização do património cultural, a intenção consiste em contagiar toda a periferia urbana da cidade de Aveiro, recomendando a interação com entidades, instituições e associações existentes na cidade. Em síntese, ao projetar o sistema “De Peixe em Peixe”, pretende-se impulsionar um movimento de regeneração em cadeia por toda a cidade.

Palavras-chave

Design Estratégico; Edifícios abandonados; Sistema produto-serviço; Património local.

Abstract

The present dissertative work consists in the proposal for a system that aims the rehabilitation of Avenida Doutor Lourenço Peixinho through the Strategic Design, proposing the occupation of abandoned buildings along this route, with services and cultural spaces that discloses, exposes and values the patrimony inherent to Aveiro.

The current avenue's situation, central artery in Aveiro, is a consequence of several factors of urban, social, environmental and organizational nature. Although we noted the existence of efforts by the municipality and civil society, these seemed to have been insufficient in the reverse of a process apparently of abandonment.

Design, as a discipline of theoretical and practical nature, is perhaps one of the areas that more yearn to interact with the living problems in today's society, trying to find solutions from opportunities, both in the social field, as well in its own territory.

Therefore, this dissertation, as a master's project in the area of Design, starts from a current theme, as it is the abandonment of historic urban centres. The cities and their conventional management systems have been showing problems monitoring the metamorphosis that occurs at a fast speed in the societies that inhabits large cities.

Proposing the rehabilitation through the occupation of the building and through the promotion of cultural heritage, the intention consists in infecting the entire urban periphery of Aveiro, recommending the interaction with existing entities, institutions and associations in the city. In summary, when designing the system "De Peixe em Peixe", we intended to foster a movement of chain regeneration throughout the city.

Keywords

Strategic Design; Abandoned buildings; Product-service system; Local heritage;

Índice

Introdução	3
-------------------------	----------

PARTE 1 Contextualização e Estado da Arte

Capítulo 1

O abandono dos centros históricos urbanos e a sociedade envolvente	9
--	---

Capítulo 2

A evolução dos processos de intervenção urbana e os seus campos de ação	19
---	----

1.1 Evolução histórica das intervenções urbanas	20
---	----

1.2 1.2 A Reabilitação Urbana	23
-------------------------------------	----

Capítulo 3

A investigação de Casos Emblemáticos	31
--	----

1.1 Apresentação dos critérios de seleção	33
---	----

1.2 Interpretação final de dados orientados à aplicação do Projeto	55
--	----

PARTE 2 Apresentação do Projeto

Capítulo 1

1.1 O papel do Design no processo de reabilitação urbana	59
--	----

1.2 A vantagem dos Sistemas em Rede	65
---	----

Capítulo 2

2.1 Aveiro	71
------------------	----

2.2 A Avenida Doutor Lourenço Peixinho	77
2.2.1 Análise Diacrónica	77
2.2.2 Análise das Patologias.....	79

Capítulo 3

Enquadramento do projeto	85
Fase de Investigação.....	87
Concretização da Proposta.....	96

Considerações Finais	117
-----------------------------------	------------

Bibliografia	121
---------------------------	------------

Índice de Figuras	125
--------------------------------	------------

Anexos	129
---------------------	------------

Introdução

Esta dissertação, enquanto projeto de Mestrado na área do Design, elege como temática principal para investigação o abandono dos centros históricos urbanos. Esta situação, que tem vindo a ser discutida por inúmeros teóricos não apenas da área urbanística, mas também social, económica e outras, parece ter na sua origem todo um historial de intervenções urbanísticas que se materializaram de forma contraproducente, associando-se nos últimos tempos a fenómenos como a globalização que trazem para primeiro plano uma realidade, para a qual estes territórios não estão de todo preparados.

Ao analisar diacronicamente os processos de intervenção urbanística, tornam-se evidentes os acontecimentos e as decisões que encaminham as zonas históricas das cidades para esta posição de abandono. As ações de “Renovação urbana”, que entraram em vigor após a II Guerra Mundial, tomaram conta de muitos centros urbanos, alterando notavelmente a sua morfologia, o que reverteu em diversas situações indesejáveis, como a mobilização da população para a periferia e a destruição de distintos monumentos e zonas históricas que, na época, foram consideradas prejudiciais para a comunidade.

O fenómeno da globalização, apesar de mais recente, tem-se difundido de tal forma nos diversos campos (económico, social, religioso, jurídico, político,...) que culmina numa alteração radical da vivência humana, acabando naturalmente por se refletir nos territórios referentes. Com a proliferação das novas tecnologias de comunicação e informação, a sociedade vê-se na possibilidade de simplificar quase todos os aspectos da sua vida, entrando assim num processo de aceleração. Numa era em que tudo parece acontecer a um ritmo vertiginoso, os espaços que já apresentavam anteriormente uma posição de fragilidade, acabam por assentar numa situação de abandono integral, derivada da falta de apoio e meios para acompanhar esta nova realidade atual.

É desta consciencialização que surge a motivação para trabalhar com a Avenida Doutor Lourenço Peixinho, centro histórico da cidade de Aveiro. Esta artéria urbana, apesar da sua posição privilegiada, fazendo a ligação da estação de Caminhos-de-ferro à zona turística, parece existir apenas enquanto local de passagem, sem qualquer motor atrativo, não aproveitando todo o seu potencial inerente.

Patologias como a escassez de habitantes permanentes, resultado do elevado valor das rendas e do mau estado em que se encontra a maioria do edificado, a constante remodelação morfológica da rua provocada por diversas intervenções dirigidas pelo Município, como a construção do viaduto e o futuro parque de estacionamento, o encerramento do comércio com longos anos de existência ao longo desta via, são alguns exemplos que justificam o estado atual esmorecido da Avenida.

A questão que se coloca perante este cenário apresentado, materializa-se da seguinte forma: *Em que é que o Design se apresenta como uma mais valia num projeto de transformação do espaço público, ou por outras palavras, que características é que esta disciplina oferece perante a necessidade de planear uma reabilitação urbana?*

Não desconsiderando as outras capacidades intrínsecas à disciplina do Design, é no conceito de criatividade que esta proposta se foca. Este termo é portanto desconstruído face a diversas perspectivas, acabando por orientar a reflexão não só para a criatividade, enquanto competência do Designer, mas também para a consideração de termos como “economia criativa” e “indústria criativa”. Ainda dentro do contexto da globalização, é sujeita à investigação a temática dos “sistemas em rede”, com o intuito de resgatar este conceito para a concretização da proposta de reabilitação.

Tendo em consideração todas as questões aprendidas, a proposta projetual aqui apresentada apoia-se no Design Estratégico como veículo para a criação de um sistema que propõe a reabilitação da Avenida Doutor Lourenço Peixinho, através do planeamento de serviços que irão ocupar uma parcela considerável do edificado abandonado nesta artéria, visando a comunicação, utilização e valorização do património da cidade de Aveiro, este que aparenta carecer igualmente de um projeto que o valorize.

Para tal, nas metodologias aplicadas, foram tidas em consideração sobretudo pesquisas de índole bibliográfica, etnográfica e análise de casos de estudo. Na primeira abordagem, foram pesquisados diversos livros, artigos e ainda notícias de carácter web-gráfico, que se acharam pertinentes para o estudo dos temas em questão: o abandono dos centros históricos urbanos, a envolvimento da sociedade atual, a globalização, a análise diacrónica das intervenções urbanas, a criatividade, a vantagem dos sistemas em rede,... Ressalta-se no entanto a perspectiva do Design por detrás de cada momento investigativo.

Quanto ao estudo etnográfico conduzido, a estratégia adoptada baseou-se no “action-research”, uma pesquisa do tipo interpretativa realizada através da observação de determinado problema, do consequente levantamento de informação para análise (também designada neste trabalho como pesquisa de campo), da confirmação da necessidade de uma intervenção e, para finalizar, a apresentação da proposta concretizada, para possível implementação.

Como última metodologia, foi realizado um levantamento de casos emblemáticos que pretenderam sustentar determinadas decisões posteriormente tomadas na construção do projeto.

A dissertação seguidamente apresentada divide-se em duas partes: na primeira parte, designada de “Contextualização e Estado da Arte”, é exposta uma abordagem teórica, enquanto que no segundo momento já se orienta uma exposição mais prática, onde será apresentado o projeto.

No que diz respeito à primeira etapa, o capítulo 1 faz uma primeira análise do abandono dos centros históricos urbanos e todos os factores inerentes, o capítulo 2 introduz um discurso mais histórico apresentando a evolução das intervenções urbanas, e por último, o terceiro capítulo, reflete os resultados obtidos através do estudo dos casos emblemáticos.

A segunda parte do trabalho, de índole mais prática, incide inicialmente numa pequena reflexão sobre o conceito de criatividade, seguida de um segundo ponto sobre “sistemas em rede”, que compõem portanto o primeiro capítulo. A análise seguinte já é mais focalizada no território, onde se apresenta primeiro um subcapítulo sobre a cidade de Aveiro e depois um momento idêntico acerca da Avenida Doutor Lourenço Peixinho. Por fim, o derradeiro capítulo pertencente à segunda parte, faz a apresentação da proposta de reabilitação para o território em estudo.



Figura 1 Efeitos da globalização

PARTE 1 Contextualização e Estado da Arte

Capítulo 1

O abandono dos centros históricos urbanos e a sociedade envolvente

A temática que dá início a esta dissertação é a atual questão do abandono dos centros históricos urbanos (Lynch 1959; Jacobs 1961; Peixoto 2003; Portuguese 2004; Roda 2005; Tavares 2008; Mendes 2011). Este assunto, cada vez mais discutido nos dias de hoje, pode ser analisado de diferentes perspetivas. Ou estes espaços são vistos como zonas descontinuadas e enfermas que descaracterizam a cidade como um todo, ou é possível contemplá-los como territórios que demonstram um potencial enorme para o desenvolvimento destas mesmas cidades (Roda 2005; Mendes 2011). A perspetiva que aqui se propõe transmitir, aos olhos da disciplina do Design, é precisamente comprovar a possibilidade que existe de reabilitar um território como a Avenida Doutor Lourenço Peixinho.

Antes de mais, para que haja a percepção correta dos fenómenos envolventes que levam a que esta situação de abandono aconteça tão frequentemente, é necessário entender o seu contexto físico, ou seja, a cidade. Ainda que este assunto não seja central para a elaboração desta dissertação, ele é indissociável do projeto de intervenção desenvolvido. Neste sentido, procura-se de forma simples contextualizar a cidade e as relações que se criam nas massas humanas que aí habitam. Muito haveria a dizer, no entanto por questões pragmáticas, apenas se assinalam alguns pontos considerados essenciais.

“A Cidade, sem dúvida a maior criação física do Homem e uma das mais significativas criações do seu espírito” (Távora in Furtado e Macedo n.d., 2).

Apesar de ser possível delimitar territorialmente uma cidade, expressar a sua existência através de um conceito exato parece ser uma tarefa impraticável. A ideia de “cidade” pode ser analisada de diferentes perspetivas, onde os critérios podem ser económicos, sociais, políticos e outros.

Se o objetivo for defender uma visão material/física, uma cidade pode ser vista como um núcleo de vias e edifícios, onde é obrigatória a coexistência de determinados serviços e entidades administrativas, bem como uma concentração demográfica acima dos 10000 residentes (Henriques 2003).

Já numa abordagem que destaca o carácter funcional, a urbe pode transformar-se num cenário representado pela vivência de “pessoas, animais e plantas” que ocupam um determinado papel, onde se criam relações não apenas entre eles, mas com todos os recursos

existentes no planeta, resultando assim num “ecossistema” (Tavares 2008).

Numa análise mais tradicional, segundo Ramos (*ibidem*), os espaços citadinos são locais de encontro, trocas comerciais e transições.

Não querendo estender demasiado esta reflexão quanto às diferentes visões existentes, entende-se já ser possível cruzar informações relevantes. Apesar de todas as áreas apresentarem uma definição bastante própria, acredita-se que todas elas coincidem num ponto. As cidades são, de facto, palco das atividades do ser humano e da sua relação com os recursos e meios envolventes (Lynch 1959; Carlos 2007; Fadigas 1991 in Tavares 2008), o que significa que são o resultado da sociedade que nelas habitam. Senão faça-se o pensamento contrário: sem a vivência e evolução das relações e das necessidades do homem, as cidades aparentemente nunca teriam sido edificadas. Nesta perspetiva, para entender o conceito de “cidade” atual, é necessário compreender a sociedade, as suas relações e a sua ligação com o território.

Bauman (2001), no seu livro, “Modernidade Líquida”, compara as transformações contemporâneas nas relações sociais com os comportamentos físicos de solidificação e liquefação. As relações entre indivíduos, sejam estas profissionais, pessoais, ou de outra índole, estão a passar por um processo, este cada vez mais acelerado, em que deixam de ser firmes e sustentadas, para passar a ser “líquidas” e flexíveis. Isto acontece porque cada vez mais é exigida uma capacidade de adaptação do ser humano às situações que lhe são diariamente confrontadas.

O aparente problema consequente deste “derretimento” é a falsa sensação de liberdade e individualidade sustentadas por esta aceleração, no entanto, o positivismo com que é sentida esta crescente postura individual do homem perante a sociedade, não leva a ter em consideração o abandono do sentido de comunidade e entreaajuda (Lipovetsky 1983; Bauman 2001).

Prevalece uma cultura de relacionamentos frágeis e pouco preservados, que têm a possibilidade de ser terminados por qualquer situação menos agradável, aparentemente encarados com ligeireza e um tal desapego preocupante. Senão analise-se o caso das redes sociais, como o *Facebook*, em que todos os dias são solicitadas e aceites amizades, na maioria das vezes com indivíduos dos quais apenas se conhecem as informações existentes nas páginas pessoais. Não só a “criação” de relações passa a estar à distância de um “click”, como existem apenas num âmbito virtual, o que traz algumas implicações nem sempre com consequências positivas.

Bauman (2001) ilustra também uma situação semelhante à exposta anteriormente, como é o caso dos relacionamentos amorosos entre os jovens. Cada vez mais são ligações precoces, baseiam-se na maioria em contactos físicos de menor importância e a sua rutura é feita muitas vezes por meios como a internet ou as mensagens de texto.

Mas essa falsa independência que ocorre no século XXI, não se reflete apenas em relacionamentos superficiais. Problemas como depressões, isolamentos e sensações de abandono, são cada vez mais usuais, conduzindo frequentemente a situações de suicídio. A sociedade tornou-se indiferente e insensível em relação a diversos problemas sociais, caminhando para uma posição cada vez mais egocêntrica. Uma opção sexual, um tom de pele ou mesmo uma estrutura física menos comum, são motivos suficientes hoje em dia para uma rejeição social (Lipovetsky 1983; Bauman 2001).

Lipovetsky (1983) leva esta análise do individualismo mais adiante, quando reflete sobre o deslumbramento atual pela cultura do corpo. A sociedade todos os dias recebe informação de novas práticas físicas, como a yoga e o pilates, informação esta que alicia o espectador com promessas de um físico invejável. A questão que aqui se põe não passa pela importância que essas práticas devem ou não ter no dia-a-dia, mas o extremismo com que são encaradas pela sociedade que, cada vez mais, ganha uma obsessão pelo físico e pela falsa aparência de juventude.

O filósofo partilha ainda da opinião de Bauman quanto às questões do consumismo pós-modernista. Numa época em que a publicidade e a comunicação têm um poder imenso sobre o pensamento do consumidor, é fácil perceber o processo de sedução e a ilusão que é transmitida ao cliente de que ele é que detém o poder de decisão, por forma a criar uma realidade onde o consumo, seja de bens ou serviços, ultrapasse exageradamente o limite do necessário. Vive-se numa era em que a posse de bens físicos é um status e o poder de consumo é um patamar na sociedade (Lipovetsky 1983; Bauman 2001).

Mas toda esta panóplia de situações não é apenas visível aos olhos da sociologia. Se prevalecer um mundo sem normas sociais, onde cada indivíduo segue as suas próprias convicções e estipula os seus próprios direitos e deveres, crê-se que iremos cair numa desumanização do ser humano, numa sociedade desencaminhada, e por consequência, numa desgovernança das cidades.

“Não há indivíduos autónomos sem uma sociedade autónoma, e a autonomia da sociedade requer uma auto-constituição deliberada e perpétua, algo que só pode ser uma realização compartilhada dos seus membros” (Bauman 2001, 50).

A tese presentemente defendida intenta comprovar que a realidade do abandono dos centros urbanos é um primeiro alerta, consequência de todas estas circunstâncias. Julga-se que a conjuntura aqui descrita é responsável pelo facto dos centros históricos urbanos serem territórios em risco. É necessário perceber as cidades de uma outra forma, onde a atenção não deve recair sobre questões que apenas visam o território e as suas estruturas, mas a população que habita neste território e as suas necessidades.

As áreas designadas por “centros históricos” são núcleos centrais antigos existentes nas cidades, que foram adquirindo forma ao longo

do tempo, sendo possível verificar marcas das várias épocas que aqui residiram. Apesar de, em tempos, terem sido o grande âmagô das urbes, zonas consideradas de luxo, que significavam inovação e qualidade de vida, com o momento pós-industrial estas tenderam a cair gradativamente em desuso (Flores 1998 in Tavares 2008).

Ainda que sejam visíveis aos olhos de qualquer observador as deteriorações existentes nos centros históricos urbanos, faz-se agora uma observação detalhada dos resultados consequentes da aceleração que se assistiu nos últimos anos.

O envelhecimento da população que habita nestes centros é talvez das consequências mais patentes desta evolução no desenvolvimento das cidades. Porque o poder de compra já não é o de antigamente, quando a economia permitia ter uma habitação no centro, a população com essas propriedades envelheceu e a população mais jovem não apresenta quaisquer possibilidades de investimentos tão elevados. A par com este desfasamento entre os preços praticados nestes territórios e a economia atual, a construção nas periferias continua a ser uma constante, apresentando valores bastante mais acessíveis (contextualização histórica desconstruída no próximo capítulo). Nestas áreas restam apenas os habitantes mais antigos, juntamente com escritórios, bancos e o comércio que consegue acompanhar as rendas exigentes (Tavares 2008).

Mas a construção, em algumas cidades portuguesas, não se situa apenas nas periferias. O aparecimento contínuo de novos edifícios e equipamentos como tentativa de modernização e crescimento urbano, cria uma descaracterização da sua morfologia. Apesar das ações de Renovação Urbana (Parte 1; Cap. 2) terem caído em desuso e comprovados os seus danos, ainda se assistem a algumas intervenções esporádicas desta índole, o que resulta não só numa incessante alteração da imagem citadina, como no desaparecimento de algum património que acaba por ser destruído para dar lugar a este novo edificado (Carlos 2007). Exemplos destas novas estruturas são pontes e viadutos, como se pode exemplificar pela última intervenção realizada no território em estudo, a Avenida Doutor Lourenço Peixinho.

Todos estes fatores levam consequentemente à própria degradação dos imóveis existentes nos centros. Está-se em crer que o edificado pertencente a privados acaba por não ser mantido, por falta de interesse ou verbas para tal, e as edificações públicas com sinais de degradação, por vezes preocupantemente evidentes, caem no esquecimento quando ofuscadas com novos e modernos projetos para financiar.

Voltando à temática já referenciada por Bauman e Lipovetsky, o consumismo é de facto uma realidade atual, da qual os centros históricos urbanos também sofrem. Com o aparecimento das novas superfícies comerciais, o ato de consumir deixa de ser visto como algo prático, que só é realizado quando necessário, muitas vezes individualmente, para passar a ser uma prática de lazer, que funciona

como um momento de descontração realizado ao fim-de-semana em família (Peixoto 1995).

Com esta realidade, as grandes marcas que se instalam nos centros comerciais, também designados por catedrais de consumo e “não-lugares” (Marc Augé 2007), abrem possibilidades de dispêndio cosmopolita e globalizado que, inevitavelmente, não permite qualquer tipo de concorrência por parte do comércio tradicional instalado, de um modo geral nos centros históricos. Compreende-se que naturalmente porque o antigo comércio não foi planeado segundo estes novos moldes, torna-se inevitável o abandono deste antigo consumo tradicional. A globalização, situação responsável por muitas destas novas “megatendências” aqui descritas (Mendes 2011), é um fenómeno enraizado na sociedade contemporânea.

Giddens define a globalização como um processo inevitável que atua em diversas dimensões, estas que estão a estruturar o nosso modo de vida de tal forma que, é pelo autor considerada como “a nossa maneira de viver atual” (Giddens 1999, 29). Apesar de ser um termo que foi apenas difundido a partir dos anos 80, é indiscutível a divulgação e o imediatismo que tem adquirido, o que por si só já pode ser considerado como um testemunho da sua absorção na realidade contemporânea.

Mas como qualquer processo inovador que altere o curso da vivência humana, este é passível de ser analisado através de diferentes pontos de vista. Segundo o autor existem os “céticos” e os “radicais”. Os céticos formam aquele grupo de pessoas pouco receptivas que entendem a globalização como um processo meramente teórico, sem qualquer influência evidente. Quem adota esta opinião defende que o mundo e a “economia global” permanecem sem grandes mutações já alguns anos (Giddens 1999).

No entanto, como contrabalanço, existem os radicais. A globalização é por eles entendida como um fenómeno bastante claro, e efetivamente intrínseco no atual modo de vida, onde se consegue verificar uma evolução na economia em que o mercado deixou de ser à escala local para se tornar global. Esta visão da globalização, aparece aqui defendida por toda uma evolução e aumento do comércio externo, assim como uma nova escala na movimentação de capital. A confirmação mais evidente desta evolução é a nova realidade das compras e transações pela internet. Com a popularização dos novos meios de comunicação e das novas tecnologias, a economia adquiriu uma outra dimensão, global, que não pode ser comparada a realidades antecedentes (*ibidem*).

Apesar de existirem estas posições demarcadas quanto ao conceito, a globalização parece ir muito para além da vertente económica (Giddens 1999; Mendes 2011), aliás entende-se que a economia é apenas uma parcela do que realmente é afetado por este fenómeno.

Se for observada toda a evolução tecnológica das últimas décadas, esta opinião torna-se evidente. Hoje em dia já é possível comunicar “instantaneamente” através de produtos inovadores como os

telemóveis e os computadores, realidade esta que estava longe de ser pensada em épocas anteriores. Um exemplo óbvio desta comunicação e informação globalizada através das novas tecnologias de comunicação são as redes sociais como o *Facebook*, já referida neste capítulo (Mendes 2011).

A par com a globalização da comunicação, as novas tecnologias trouxeram também a proliferação da informação que veio alterar radicalmente as tendências culturais. Acredita-se que essa influência pode ser notada pelo aumento considerável de pessoas que nos últimos anos frequentam o ensino superior, pois o acesso ao conhecimento está vulgarizado e globalizado. Com este exemplo é possível destruir a crítica apontada pelos céticos que afirmam que a globalização cria desigualdade entre grupos com diferentes posses económicas. A globalização foi de facto o grande impulso para a “circulação de ideias” ao nível global.

Também na categoria das relações pessoais é possível assistir a uma alteração nos comportamentos. O conceito de família já não é o mesmo e os valores por esta adotados tendem cada vez mais a modificar (Giddens 1999), isto por consequência da vulgarização do acesso à informação aliada ao individualismo, já anteriormente citado.

Outros campos onde a globalização se introduz poderiam ser apresentados, como a política e as questões ambientais, mas tendo em conta o foco da investigação, e entendendo que já ficou comprovado o domínio e pertinência da globalização na atualidade, é agora retratada a relação deste fenómeno com o território e a identidade local.

As consequências advindas da globalização, neste caso podem igualmente ser percepcionadas de uma forma positiva ou negativa. Quem opta por uma posição contra a globalização defende que este processo leva à degradação e destruição das entidades locais. Com o acesso à informação corre-se, de facto, o risco das culturas locais se homogeneizarem e proliferarem, ao serem utilizadas como produtos “experiência” em prol da economia. Isto é facilmente comprovado quando se encontra *Limoncello* (bebida típica do sul de Itália) ou vinho do Porto vendidos em qualquer parte do mundo.

No entanto, caso se encare o fenómeno da globalização como uma revolução positiva para a atualidade, o que aparenta ser a melhor posição, tendo em conta que é um processo evasivo no qual não existe um poder de escolha, podem ser analisadas inúmeras vantagens.

A globalização traz a possibilidade de eliminar barreiras na comunicação e na interligação entre países, empresas e relações sociais, o que cria consequentemente hipóteses que anteriormente não existiam. Alguém desempregado já pode procurar emprego do outro lado do mundo, um país em crise já pode pedir ajuda externa, um empresa já pode vender os seus produtos com uma enorme facilidade noutro continente,... ou seja, aparentemente o distanciamento físico que existia foi extinto.

Mendes (2011) ainda acrescenta outras vantagens. A par com a informação globalizada vem também a consciencialização globalizada. Situações de exploração infantil, deterioração do meio ambiente, incumprimento dos direitos humanos passaram a ser expostos e impedidos.

Quanto à questão dos territórios, a globalização é aqui encarada de forma diferente da que defendem os cépticos. Apesar do conceito implicar uma larga escala e poder existir o risco de se caminhar para “um mundo mais plano” (Thomas Friedman in Mendes 2011), acredita-se que as identidades locais aparecem como marcas únicas, com características diferenciadas, capazes de gerar valor numa era global.

Aqui introduz-se o conceito de “Glocalização”. Esta tendência que apareceu para fazer face à homogeneização das singulares territoriais, é entendido como um conceito que “pensa globalmente, mas atua localmente” (Mendes 2011). A possibilidade de dar a conhecer ao mundo uma realidade local única, de forma a que esta seja potenciada e valorizada, considera-se que seja uma proposta para o futuro. Se por um lado a proliferação da informação através das novas tecnologias de comunicação consentem numa dispersão dos valores e permitem transações com uma rapidez incrível, é no entanto real o impulso que a globalização implica no desenvolvimento e potenciação de territórios (*ibidem*).

A ação de pensar para o global, mas atuar para o local é neste momento o formato mais consciente para quem pretende concretizar um projeto que intenta a reabilitação de um território com uma identidade local forte, como o centro da cidade de Aveiro. A Avenida Doutor Lourenço Peixinho, território em estudo, parece sofrer atualmente de diversas patologias acima assinaladas como características dos atuais centros históricos urbanos. Assim pretende-se demonstrar que o papel do Design poderá ter um enorme contributo nesta realidade. O seu desempenho possibilita interligar as dimensões local e global, na perspetiva de posicionar o território, neste caso a Avenida Doutor Lourenço Peixinho, no mundo atual.



Figura 2 Abandono territorial

Capítulo 2

A evolução dos processos de intervenção urbana e os seus campos de ação

Depois de clarificado o panorama atual relativo ao abandono territorial, especificamente, dos centros históricos urbanos (Parte 1; Cap.1), entende-se ser necessário refletir quanto ao domínio dos conceitos técnicos utilizados para nomear ações de intervenção urbana.

Segundo o relatório da Direção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano (DGOTDU), atualmente existem diversas nomenclaturas associadas a este tipo de processos urbanísticos, embora a sua utilização e contextualização nem sempre seja correta.

Através da avaliação dos instrumentos de gestão territorial, realizada pela mesma entidade, ficou claro o descuido e a desassociação com que hoje em dia são empregues as terminologias técnicas em documentos de diversa ordem. Desta falta de clarividência dos termos utilizados, resultam inúmeros problemas não só a nível académico, o que implica uma crescente falta de rigor no estudo urbanístico, mas também na gestão prática das ações territoriais, onde naturalmente a comunicação das ideias entre todos os agentes implicados nestes processos torna-se imprecisa (DGOTDU 2008).

Tal como afirmam Zein e Di Marco (Pasquotto 2010, 143), o ato de nomear um conceito *“não é, ou não deveria ser, de forma alguma aleatório”*, portanto, para que se faça uma opção exata e consciente, é necessário inicialmente dominar o conhecimento de tais terminologias e perceber as suas origens.

Depois de uma vasta pesquisa sobre esta temática, tornou-se clara a realidade apresentada pela DGOTDU. Existem inúmeros artigos académicos e livros publicados que debitam sobre estas questões, mas no entanto torna-se uma tarefa complicada perceber quais se encontram em conformidade com os acontecimentos reais. A falta de rigor e a discordância de factos entre os diversos trabalhos é evidente. Na tentativa de encontrar um documento que fosse na realidade fiel à história do urbanismo, e portanto seguro para servir de fonte a esta reflexão, foram analisadas com especial atenção as fontes e origens bibliográficas por detrás dos artigos e livros encontrados.

Tendo em conta a profundidade da pesquisa levada a cabo por Ana Pinho, investigadora do LNEC (Laboratório Nacional de Engenharia Civil) e vencedora do prémio *Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana 2010*, entendeu-se que seria uma opção correta realizar esta análise da evolução histórica das práticas urbanísticas, com base na sua tese de doutoramento *Conceitos e Políticas Europeias da Reabilitação Urbana*, de Maio de 2009, documento este que lhe deu o

prémio (qualquer referência extra a este documento que se entenda necessária, será devidamente referenciada).

1.1 Evolução histórica das intervenções urbanas

O estudo e a preocupação com ações de intervenção urbana é um movimento relativamente recente, tendo sido a sua circunstância acionadora a Revolução Industrial. Até então as questões urbanísticas deste género incidiam apenas em edifícios isolados de ordem religiosa ou civil.

Com o desenvolvimento da indústria após a revolução, que levou consequentemente ao crescimento exponencial da população, à propagação rápida de novos produtos que todos os dias apareciam no mercado, incluindo os novos meios de transporte da época, os centros urbanos tornaram-se nos grandes ímanes sociais da época. No entanto estes aglomerados citadinos, apesar de parecerem ser os novos polos da inovação, começaram a ser questionados e criticados pelo seu descuido quanto a questões de salubridade.

Foi então que nas primeiras décadas do séc. XX que, a par com o pensamento iluminista, que valorizava as preocupações higienistas, surgiram as primeiras preocupações com o estado e manutenção do edificado histórico existente. A Carta de Atenas, adotada em 1932, foi o primeiro reflexo destas inquietações.

Este documento, resultado da primeira Conferência Internacional fomentada pelo ICOM, Concelho Internacional dos Museus, trazia como ponto de partida para este movimento urbanístico, premissas que visavam a conservação e manutenção regular do património público, a introdução de conceitos relativos à preservação, a consciencialização do respeito necessário pelo património histórico e artístico, com especial atenção para o facto de que a utilização devida de um edifício poderá contribuir para a sua manutenção, e o reconhecimento de que a inovação e os avanços tecnológicos poderão ter um papel importante nessas ações.

Tendo sido o grande impulso para a proliferação destas questões, esta carta levou ao aparecimento de outros documentos legais, entre eles a Carta Italiana do Restauro. No entanto é relevante destacar o facto de que as medidas lançadas por estes documentos apenas tiveram como preocupação o edificado, referenciando-se às zonas envolventes apenas como um enquadramento do monumento e não como um espaço em si, que merecia igual atenção.

Em 1934, durante o quarto CIAM, Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, foi estruturada uma nova carta, também designada por Carta de Atenas. Este novo documento, ainda a par com a perspetiva do pensamento iluminista, veio trazer novas medidas, mas desta vez direcionadas para as questões da habitação e salubridade.

Devido ao panorama citadino do momento, onde os grandes núcleos populacionais viviam em condições precárias, com falta de espaço, luz, instalações próprias e higiene, foi necessário diagnosticar os problemas e criar medidas que obrigassem a uma mudança. Uma nova estruturação da cidade era indispensável, onde criar áreas isoladas para habitar, trabalhar, circular e usufruir, parecia ser a melhor solução.

Assim foram criadas zonas centrais urbanas para habitação com as devidas condições de higiene, envolvidas com espaços verdes destinados às práticas desportivas e lazer. Contribuindo também para este novo modo de vida saudável, os aglomerados industriais foram retirados para as zonas periféricas, assim como o tráfego de veículos foi mobilizado de forma a não interferir com as boas condições de habitabilidade.

Mas para que esta nova configuração fosse aplicada, era necessário perceber qual seria o destino dos centros históricos. Quanto a esta questão, este documento pensado à luz do movimento moderno, referia inicialmente que qualquer edifício ou núcleo de edifícios que apresentassem valor histórico para a comunidade, deveriam ser preservados. Porém nas premissas seguintes esta constatação torna-se dúbia. Estes mesmos edifícios ou núcleos, apenas seriam mantidos ilesos caso se verificasse serem do interesse geral, se a sua manutenção não significasse manter a população sem condições de higiene, e caso não fosse por algum destes ou outros motivos declarada a sua presença como prejudicial à comunidade. Caso contrário seriam tomadas as medidas necessárias.

Rapidamente se percebeu que apesar de lhes ser conferido valor histórico e/ou artístico, este tipo de edificado era considerado enfermo e conseqüentemente a sua destruição apenas seria vantajosa para esta nova vivência citadina.

Foi então através desta perspectiva e seguindo estes fundamentos, que nasceram as intervenções designadas de “Renovações Urbanas”. Estas ações viram a sua grande oportunidade de atuação após a II Guerra Mundial. Com a destruição dos grandes polos, juntando a falta de condições de habitabilidade previamente existentes, apresentaram-se assim as condições ideais para a aplicação deste novo modelo urbanístico.

Contudo mesmo depois de terem sido reconstruídos todos os espaços abalados pela guerra, o movimento moderno continuou em voga e a renovar centros urbanos históricos por toda a Europa.

Faça-se aqui o parêntese para designar corretamente uma ação de renovação urbana. Segundo a DGOTDU, a definição regulamentada afirma que é *“uma intervenção sobre o tecido urbano existente em que o património urbanístico e/ou imobiliário é substituído, no seu todo ou em parte muito substancial”* (DGOTDU 2008, 65).

Complementa-se esta afirmação, dizendo que este tipo de atuações implicam uma alteração na morfologia do espaço implicado, assim

como o tipo de imóveis envolvidos. A renovação urbana pode incidir em operações com alterações de infraestruturas, individualmente ou em volumes de construção, pode implicar modificações nos usos dados aos edifícios e a “estrutura fundiária” deverá ser alterada de forma a enquadrar-se no novo modelo (*ibidem*).

Esta mesma entidade introduz ainda um outro conceito, a “Reestruturação Urbana”. Por esta ação entende-se *“uma intervenção sobre o tecido existente que tem por objetivo a introdução de novos elementos estruturantes de aglomerado urbano ou de uma área urbana”* (DGOTDU 2008, 62), sejam eles equipamentos para utilização pública ou mesmo a construção de novas vias para circulação automóvel. Esta ação apresenta características muito semelhantes à renovação urbana, pois implica na maioria das vezes a demolição de parte das estruturas já existentes. No entanto aqui é usual a alteração dos usos, assim como a alteração das estruturas fundiárias. Não foi possível perceber em que momento da história é que surgiram este tipo de intervenções, porém depreende-se pelas suas características que possa ter feito parte do movimento moderno.

Isabel Guerra (2005, 17) explica ainda a renovação de uma outra forma, compartimentando a ação em 3 dimensões. A “dimensão morfo-tipológica” onde se encontram as alterações de configuração espacial, de linguagem e edificado, a “dimensão funcional” onde têm lugar as alterações de função dos elementos e a “dimensão social”, medidas estas que substituem a população pré-existente, por outra mais condizente com as novas funções do espaço.

Foi neste contexto histórico-social que nasceram os grandes centros habitacionais nas periferias. Esta construção em massa nos arredores das cidades nasceu como resposta à expulsão das classes médias e baixas dos centros. Sendo assim obrigados a retirar-se, esta parcela da sociedade começa consequentemente a perder a sua ligação com os núcleos históricos.

Nos anos seguintes ao término da II Guerra Mundial, enquanto ainda se implementavam ações de renovação urbana, foram nascendo paralelamente novas perspetivas e visões quanto às regras urbanísticas que deveriam ser adotadas. Não só a aplicação dessas intervenções demonstraram não ter um efeito positivo no desenvolvimento da cidade, mas a sociedade, por consequência da guerra, criou uma maior sensibilidade quanto às questões sociais, ambientais e mesmo de valores materiais. A sensação de perda, trouxe uma nova visão perante o edificado histórico e um novo apego pelos centros urbanos.

O sexto CIAM, realizado em 1947, foi então o grande impulso de mudança e o grande retorno dos centros históricos. A partir deste momento a noção de espaço/cidade, deixou de ser vista como um módulo geométrico que devia ser manipulado racionalmente, um espaço frio de pura arquitetura, para passar a ser o lugar onde a sociedade existe, cria, vive e experiencia.

Era necessário centralizar de novo a cidade para poder humanizá-la. Com as ações modernas de renovação e a consequente retirada para as periferias, os núcleos centrais tornaram-se disformes, fracionados e frágeis, o que mais tarde levou a uma conscientização da conexão entre a cidade enquanto espaço físico e a cidade enquanto espaço social. A “sociologia urbana” veio alertar para a dependência entre estes dois fatores. Todas as ações de intervenção no território, mais tarde tendem a repercutir-se na sociedade.

Os anos sessenta e setenta, foram os grandes momentos do desenvolvimento da teoria em volta das questões sociais e urbanísticas. Os Congressos foram surgindo e as perspectivas foram sendo desenvolvidas, agora com um olhar mais cuidado sobre o relacionamento entre a vivência da sociedade e o meio envolvente. Autores como Jane Jacobs (1961) começaram a expressar a sua opinião e a manifestar a sua relutância quanto às ideologias até então seguidas.

Como consequência desta crescente visão existencialista, e depois de unidos esforços, não só pelas entidades, mas pela própria sociedade em questão, foram surgindo sobre os espaços anteriormente estruturados à luz do movimento moderno, reabilitações urbanas com o intuito de devolver à cidade a sua antiga força.

1.2 A Reabilitação Urbana

As ações de “Reabilitação Urbana” surgem num ambiente completamente descontextualizado para as práticas que se pretendiam realizar, sendo necessário uma grande mobilização de esforços para se conseguir criar um ambiente propício para tal.

Das primeiras medidas adotadas destaca-se a readaptação dos regulamentos jurídicos existentes, onde era essencial materializar uma “política de conservação integrada”, entre outros conceitos legais, que visavam a manutenção e reabilitação de todo o património edificado, assim como os meios envolventes.

No documento legal Resolução (76) 28, documento lançado em 1976 pelo Concelho da Europa, criado precisamente para legalizar estes novos conceitos, a definição de reabilitação urbana vem defender a manutenção dos elementos de interesse público e a preservação do património, mas ainda de uma forma muito fechada. Esta preocupação abrangia apenas os edifícios e zonas urbanas que estivessem ocupadas por imóveis com algum interesse para a comunidade, fossem de índole histórica, cultural ou mesmo paisagística. Os centros urbanos em si ainda não se encontravam aqui integrados.

Mas esta preocupação focada apenas no edificado mostrou novamente não ser suficiente. Foi então a par com o reconhecimento

da necessidade de criar medidas mais amplas, trazendo para primeiros plano as questões económicas, culturais e sociais, que se reestruturou novamente o conceito de reabilitação urbana.

Foi apenas no ano de 2004 que o Concelho da Europa, veio novamente divulgar uma atualização do conceito e suas características. O “Guidance in urban rehabilitation” é, segundo Ana Pinho, considerado o documento mais inclusivo e esclarecedor sobre as normativas da prática em questão.

A definição publicada por esta instituição defende que a reabilitação urbana é uma ação que poderá ser uma revitalização ou regeneração, de prazo médio ou longo, mas sempre de índole política. O seu objetivo é, portanto, a execução de políticas adaptadas às necessidades locais. Para esclarecimento, o conceito de regeneração ou revitalização urbana entende-se como *“uma operação de renovação, reestruturação ou reabilitação urbana, orientada por objetivos estratégicos de desenvolvimentos urbano, em que as ações de natureza material são concebidas de forma integrada e ativamente combinadas na sua execução com intervenções de natureza social e económica”* (DGOTDU 2008, 63).

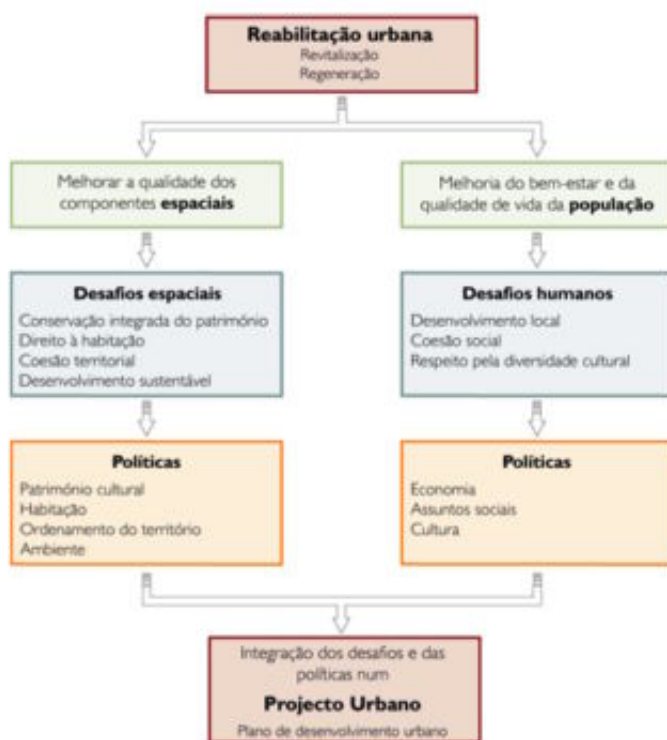


Figura 3 – Proposta do Concelho da Europa para a “Nova política europeia de reabilitação urbana”.

Na “Reabilitação Urbana”, os seus campos de atuação dividem-se em desafios ao nível territorial e populacional.

Quanto à vertente física da intervenção continua a existir uma noção de “conservação integrada” que pretende preservar o património, mantendo todas as suas características inerentes, o “direito à habitação” criando condições de habitabilidade e qualidade para que a população se sinta atraída a viver nestes espaços, tornando os edifícios reabilitados mais atrativos que os outros, a “coesão territorial” onde a preservação do edificado vive a par com a adaptação das suas funções assegurando assim uma evolução adaptada às necessidades atuais e o “desenvolvimento sustentável” trazendo para primeiro plano medidas ecológicas ligadas à mobilidade e equipamentos dentro dos centros históricos.

Os objetivos focados nas preocupações sociais pretendem conseguir um “desenvolvimento local” onde o crescimento da economia através do turismo apresenta-se como uma solução bastante viável, a criação de uma “coesão social” através da integração de ações que apoiem a diversidade e atraiam novas comunidades a viver/visitar estes espaços e por fim o “respeito pela diversidade cultural” pretendendo criar medidas de comunicação e acessibilidade à cultura por todos e para todos.

Entende-se também ser necessário sintetizar os meios de atuação. Um plano de desenvolvimento urbano, para que seja considerado e designado de reabilitação urbana, deverá respeitar as seguintes premissas:

- o projeto deve fazer parte de um plano global de intervenção e ser planeado para que a sua atuação venha a influenciar o restante território;
- as entidades públicas envolvidas no território devem ser parte integrante do projeto;
- a equipa de trabalho deve ser constituída por diversas áreas;
- deve envolver a comunidade em todo o processo;
- o plano de gestão referente ao projeto deve estar de acordo com todas as questões legais necessárias;
- deve existir um apoio monetário equilibrado entre financiamentos públicos e privados, assim como parcerias;
- o plano deve ser construído tendo em conta o fator tempo e fases;

Faça-se aqui um parêntese acerca dos documentos lançados pela UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. Em 2008 foram publicados dois documentos de apoio aos intervenientes em reabilitações urbanas nos centros históricos, no entanto apesar de estes serem mais recentes do que o “Guidance in urban rehabilitation” (2004), aparentam ser menos coerentes e menos esclarecedores. A diferença poderá residir talvez no facto dos documentos tentarem fazer uma abordagem mais global, acabando por parecerem mais dispersos.

A DGOTDU, no relatório de conceitos já referido anteriormente neste capítulo, apresenta uma definição de reabilitação territorial mais técnica. Nesta designação regulamentada, uma ação de reabilitação

urbana apresenta-se como uma “*intervenção sobre o tecido existente em que o património urbanístico e imobiliário é mantido e modernizado, através de obras de beneficiação das infraestruturas urbanas e de obras de reconstrução, alteração, conservação, construção ou ampliação de edifícios*” (DGOTDU 2008, 60).

Uma intervenção desta índole não poderá apenas atuar nos edifícios, mas sim em todos os elementos constituintes da malha urbana, senão chamar-se-ia de “reabilitação do edificado”. No entanto pretende-se que a morfologia do território continue com as mesmas características, podendo apenas alterar algumas infraestruturas, equipamentos e edifícios caso se justifique que todo o conjunto será beneficiado. Quanto ao uso dado ao imóveis ficará ao critério do projetista alterar ou não (*ibidem*).

Paulo Peixoto (2003) acrescenta a esta reflexão uma visão bastante focada na questão social, mas que se reflete perfeitamente no projeto que aqui se pretende realizar. Este investigador do Centro de Estudos Sociais na Universidade de Coimbra, apresenta a reabilitação como uma tentativa de restabelecer à cidade a sua dinâmica, a sua energia, propondo ações que incentivem a sociabilidade, a criação de novos espaços com novos usos que não destruam a identidade já existente no espaço, mas que a reavivam.

A esta nova vivência, o autor designa de “nova realidade alegórica das cidades” (Peixoto 2003, 222), que se pode evidenciar através de três características. Os centros históricos são vistos frequentemente como espaços onde é possível a criação de cenários que nos remontam para um passado outrora existente, como se ilusoriamente se conseguisse recuperar o que lá existia, ou seja esta ideia de património recuperado surge como um pretexto para se alicerçar ao turismo e ao consumo através de práticas de lazer. A segunda manifestação vem como consequência da primeira, quando se integram estas dinâmicas no centro histórico, eles tendem a ser vistos como espaços para convívio da comunidade onde fervilham dinâmicas culturais e artísticas. Por último, estas novas vivências nos centros históricos, aliadas muitas vezes aos novos equipamentos e às fachadas coloridamente recuperadas, trespagam uma ilusão de qualidade de vida, de “obra de arte” ativa (*ibidem*).

Apesar do autor com esta análise manifestar uma opinião negativa quanto às consequências previstas aquando a realização de um projeto desta índole, não se crê que estes caminhos de atuação sejam necessariamente prejudiciais. A comunicação e usufruto do património local em projetos deste género, aliados a atividades culturais e ao turismo, já provaram ser bastante eficazes. Prova desse facto são inúmeros casos que se podem encontrar pelo mundo, alguns deles seguidamente apresentados (Parte 1; Cap.3).

Peixoto (2003) expõe também a tendência atual que se observa da réplica de metodologias projetuais. A competitividade cada vez maior por títulos associados à cultura, às verbas monetárias, entre outros

atrativos, levam a que cada vez mais se assista a uma reprodução quase impensada de intervenções de reabilitação urbana.

Naturalmente se percebe a natureza desta crítica da sua autoria. Esta tendência é realmente notória, porém rapidamente se percebe o erro destas intenções. Cada reabilitação é, ou deveria ser, projetada para um território específico, tendo em conta as suas características e as suas necessidades. Quem projeta, ou mesmo quem financia estes trabalhos, deve entender que o custo e o tempo acrescentado quando se projeta algo novo e inovador, posteriormente compensa.

Como última apreciação quanto à gestão atual deste tipo de projetos interventivos, o autor critica a preferência dos centros urbanos históricos para a realização destas ações, perante zonas recentemente construídas, tendencialmente nas periferias, que cada vez mais se encontram também ao abandono (Peixoto 2003).

Se esta questão for verdadeiramente analisada, crê-se que a discussão não passa por escolher os centros históricos sobre as periferias, mas a incapacidade de entender o centro como parte integrante de um todo. Um projeto de sucesso não deverá ter como objetivo reabilitar o centro, mas reabilitar a cidade através do centro, ou seja, deve-se perspetivar um movimento de regeneração que abranja toda a urbe.

Furtado e Macedo, designam esta dificuldade de “falta de zoom estratégico”. É necessário visionar uma metodologia que englobe o centro histórico com a restante cidade, por forma a criar um “sistema em rede” (Parte 2; Cap.1) que proporcione à comunidade um suporte territorial adequado às suas necessidades (Furtado e Macedo n.d., 9).

Aliada a esta falta de visão alargada, observou-se nos últimos anos uma explosão no sector da construção que, por muito que os projetos de reabilitação tentem englobar estas parcelas nos seus trabalhos, torna-se incansável contornar a realidade do abandono. Segundo o estudo apresentado por Ana Pinho e José Aguiar, Portugal não só é o país que mais construiu nos últimos anos, como é o país que menos tem reabilitado, isto porque também, comparativamente ao sector de compra e arrendamento, é o que menos tem apoio financeiro do estado (Pinho e Aguiar 2005).

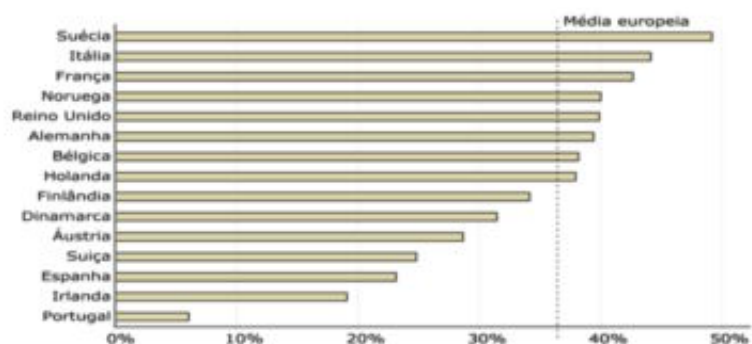


Figura 4 – “Segmento da reabilitação no sector da construção em 2002. Enquadramento internacional”.

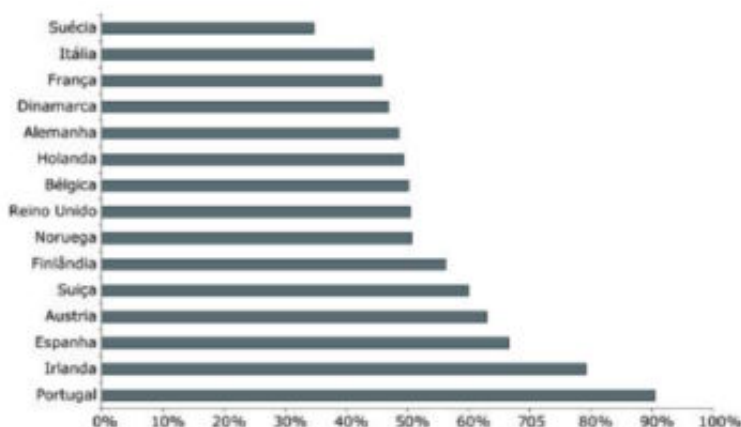


Figura 5 – “Peso da construção nova no sector da construção de edifícios em 2004. Enquadramento internacional”.

Dando por concluída esta análise diacrónica das intervenções urbanas, tornou-se claro o caminho a seguir aquando a realização do projeto. A reabilitação urbana apresenta-se atualmente como a melhor solução, não só pelo seu carácter personalizado perante o território onde irá intervir, mas pela diversidade de áreas de atuação que incorpora nas suas medidas.

Já não temos uma intervenção apenas preocupada com as questões urbanísticas, mas uma política que integra as questões territoriais, sociais, culturais, ambientais e económicas. Uma gestão aparentemente ideal para um centro urbano histórico que se encontre abandonado, sempre objetivando uma contaminação de todo o território envolvente.



Figura 6 Casos Emblemáticos

Capítulo 3

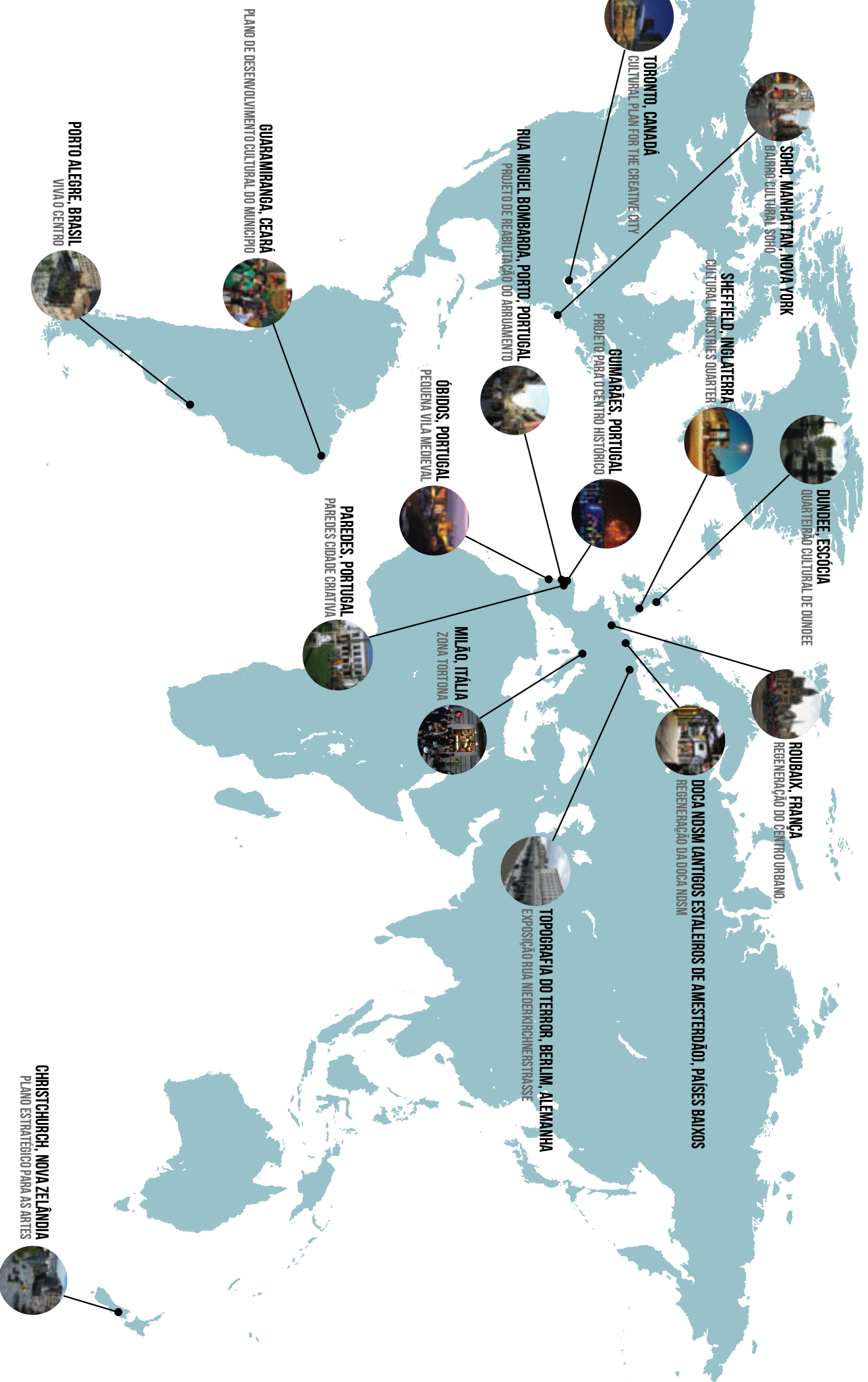
A investigação de Casos Emblemáticos

Absorvida toda a informação relativa ao abandono territorial e às suas causas envolventes, esta fase investigativa recai na procura, análise e investigação de casos de estudo que comprovam o sucesso que alguns projetos de reabilitação, através de conteúdos culturais, demonstram ter.

Como vai ser possível verificar ao longo do trabalho, as tendências globalizantes têm aqui um papel positivo. Não só os projetos seguidamente apresentados vivem da globalização, e sem este movimento não existiriam, mas são conhecidos através dela, isto é, sem as novas tecnologias e os meios de informação, seria muito mais difícil expor o êxito destas intervenções, e portanto, o conhecimento das mesmas não incitaria cidades do outro lado do mundo a tomar uma atitude.

Numa primeira fase de investigação pretendem-se casos de intervenções urbanas consideradas como processos de reabilitação, que de uma forma inovadora tenham valorizado a vertente cultural, preferencialmente interagindo com o património local existente, seja ele apenas o edificado ou a valorização de outros valores locais.

A intenção inerente passa por comprovar o sucesso que este tipo de ações têm vindo a demonstrar, e a sua capacidade de reavivar cidades anteriormente caídas no esquecimento.



1.1 Apresentação dos critérios de seleção

Da pesquisa realizada com base nas temáticas associadas a esta investigação (reabilitações urbanas, cultura, património local, espaços criativos,...) foram absorvidos quinze casos de estudo que se entendem como exemplos de sucesso interessantes, os quais de alguma forma poderão contribuir para a posterior realização deste projeto.

Apesar de todos eles serem casos emblemáticos que certamente mereceriam o cuidado de serem analisados de forma aprofundada, para a realização deste estudo foram apenas selecionados cinco dos quinze anteriormente indicados.

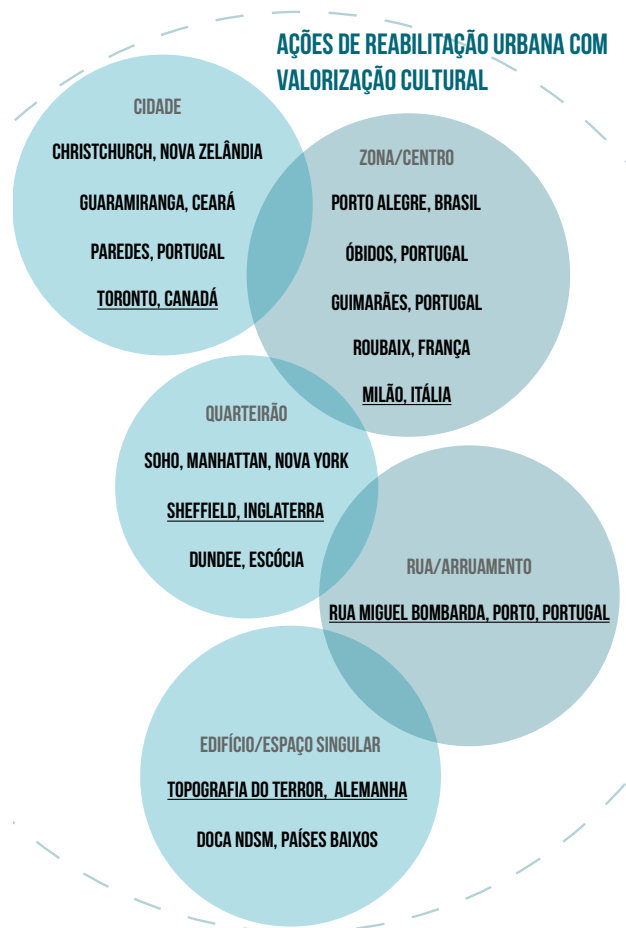


Figura 8 – Seleção dos Casos Emblemáticos.

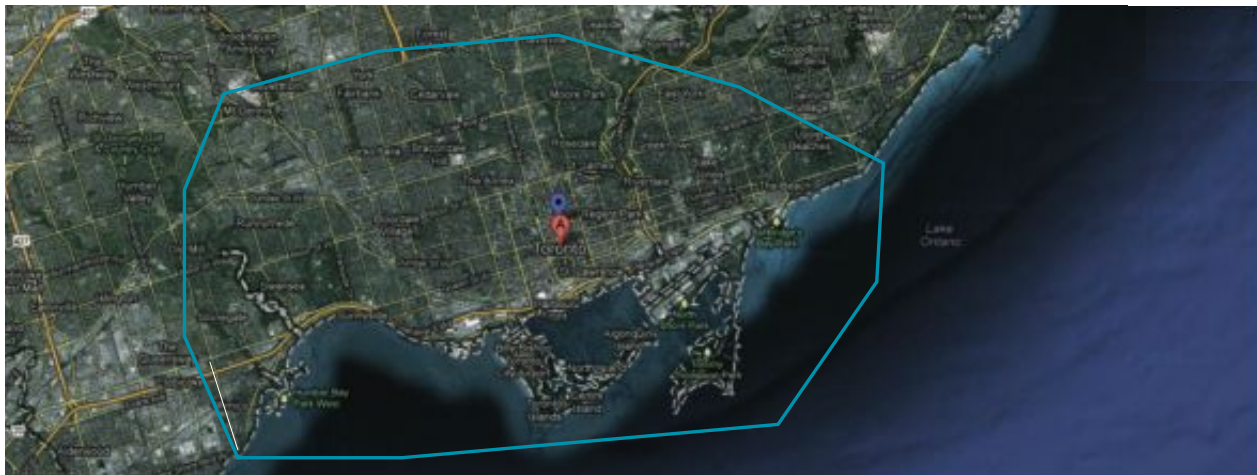
Como critério de seleção, os quinze casos de estudo escolhidos, foram posteriormente agrupados por escalas do espaço urbano. Partindo do conceito geral de cidade para o mais particular, o edifício

ou espaço singular, tornam-se visíveis as diferentes perspetivas que os autores destas ações urbanas adotaram.

Em alguns casos parece apenas ser necessária a reabilitação de um quarteirão com o intuito de este contaminar a restante cidade, enquanto noutros a perspetiva passa por intervir em vários pontos fulcrais da cidade de forma a criar uma rede que obrigue a cidade a interagir com a mudança. Partindo deste princípio foram então filtrados os cinco casos de estudo, todos eles com escalas distintas. O objetivo por detrás desta escolha prende-se com a intenção de observar estas diferentes perspetivas adotadas em cada uma das escalas.

A par com este critério, foi tida também em consideração a forma como cada caso interagia com o património local existente. Tendo em conta o peso desta matéria no estudo em causa, estes cinco casos emblemáticos foram selecionados com base nas suas características individuais e na forma como estas poderão contribuir para a realização do projeto. Segue-se a exposição dos cinco casos de estudo finais, apresentados sob a forma de fichas tipográficas. No fim de cada caso exposto, é realizado um “apanhado” de ideias.

TORONTO ONTARIO, CANADÁ



ESPAÇO FÍSICO

A cidade de Toronto, capital de Ontario, é catalogada a maior cidade pertencente ao Canadá. Desenvolvida na margem do lago Ontario, esta apresenta-se como um dos maiores centros turísticos da zona, não só pelas suas características territoriais mas por toda a concentração cultural e científica que aqui habita. A sua imagem é de uma cidade moderna, construída essencialmente na vertical.

CONTEXTO HISTÓRICO

A história de Toronto nasceu em 1834, quando esta passou do estatuto de província, na época designada de “York”, a cidade, com o nome que apresenta atualmente. O objetivo passava por desenvolver mecanismos que acompanhassem as inovações trazidas pelas ocupações americanas, no início do séc. XIX. Mas apesar do seu desenvolvimento ter sido positivo, a longo deste século a cidade foi sofrendo diversas perturbações. Problemas económicos, rebeliões e mesmo a cólera e a febre tifoide, foram obstáculos suficientes para deitar abaixo a cidade de Toronto.

Em 1853, foi o ano da viragem. Com o aparecimento dos Caminhos-de-ferro, a cidade rapidamente desenvolveu meios para a sua recomposição. Aqui nasceram os primeiros moldes de uma cidade moderna, com zonas habitacionais e comerciais distintas, onde nasceram edifícios que ainda hoje permanecem na história (“St Lawrence Hall” e “St James' Cathedral”). Após o arranque do seu desenvolvimento com a industrialização, Toronto continuou a sua expansão, não só territorial, social e económica, mas também cultural. Provas desse cuidado foram a criação do “Royal Ontario Museum” em 1912 e do “Toronto Symphony” em 1922.

Porque a cidade entretanto foi sendo ocupada por diferentes nacionalidades e etnias, no final dos anos quarenta, Toronto era a cidade do Canadá mais atacada pela II Guerra Mundial. A par com outros conflitos políticos da época, a cidade voltou a sofrer um golpe significativo, o que levou a um estado de pobreza que se arrastou durante gerações.

No entanto as vagas de imigrantes continuaram a chegar à cidade, dando a Toronto, já em 2001, o título de uma das cidades mais multiculturais do mundo. Apesar de todos os incidentes por que esta cidade tem passado, Toronto tem-se desenvolvido num centro urbano de excelência. Com uma economia próspera e uma identidade cultural invejável, esta cidade nunca cessou em investir em planos que a dinamizassem.

MOMENTO IMPULSIONADOR

Por volta de 1973, enquanto Toronto vivia uma das suas épocas de prosperidade, foi implementado um plano que visava a habitabilidade e a atração da população para o centro. Após 30 anos, as entidades municipais perceberam que, com os desenvolvimentos que a cidade suportou, o mesmo plano já não fazia sentido. Foi então em Novembro de 2002 que foi adotado um novo plano, tendo sido positivamente ampliado em 2003, devida à existência de novas verbas.



PROJETO



Este conjunto de projetos, intitulado “Toronto’s Cultural Renaissance”, nasce de duas premissas constatadas pelas entidades do município: Toronto apresenta-se como uma cidade pronta para a mudança, preparada para uma realidade global existente; e é considerada uma comunidade com uma cultura, educação e diversidade etnográfica acima da média. Este panorama cria uma excelente oportunidade para a implementação de um plano ligado à área cultural e artística, gerido de forma a desenvolver o turismo e potenciar economicamente a cidade, ou seja, a concretização de uma cidade criativa.

Os campos de intervenção propostos incidem em diversas áreas. Propõe-se o desenvolvi-

TORONTO ONTARIO, CANADÁ

mento de uma “Avenida das Artes”, onde se pretende concentrar trabalhos ligados à arte pública, assim como alguns centros e entidades ligados à criatividade. Esta avenida transformada em “corredor cultural” será o núcleo central do projeto. A par com esta intenção, objectiva-se a estruturação de um “equipamento” que vise a comunicação da história da cidade, bem como a manutenção e promoção do património local.

Toronto transformar-se-á numa cidade mais atrativa, com um conteúdo artístico de excelência, não apenas em arte pública, mas em toda a comunidade criativa. Intenta-se a atribuição de bolsas de estudo para estudantes locais e estrangeiros.

Outras medidas encontram-se estipuladas, como o desenvolvimento de um plano estratégico para a promoção da economia local, a melhoria das condições físicas da frente marítima para a criação de atividades de lazer, eventos e festivais diversos, etc.

Porque o edificado neste tipo de projetos de reabilitação nunca fica esquecido, o plano cultural integra nos seus objectivos a reabilitação de espaços como o Museu Royal Ontario, a Companhia de Ópera, e outros monumentos de interesse público.

RESULTADOS

Apesar do projeto ter sido planificado perspetivando o seu término apenas passados 10 anos, em Novembro de 2005, já foi possível visualizar os primeiros resultados: as principais organizações e entidades ligadas à cultura viram os seus orçamentos aumentados em 11%; foram apoiadas 11 novas instituições artísticas na renovação dos seus equipamentos; mas a consequência mais significativa foi o aumento de “\$1.90” para “\$15.71 per capita” em despesas ligadas à cultura.

Se em dois anos passados, os resultados já se apresentam notoriamente positivos, só se pode prever que este será um caso de sucesso de excelência no panorama das reabilitações urbanas.

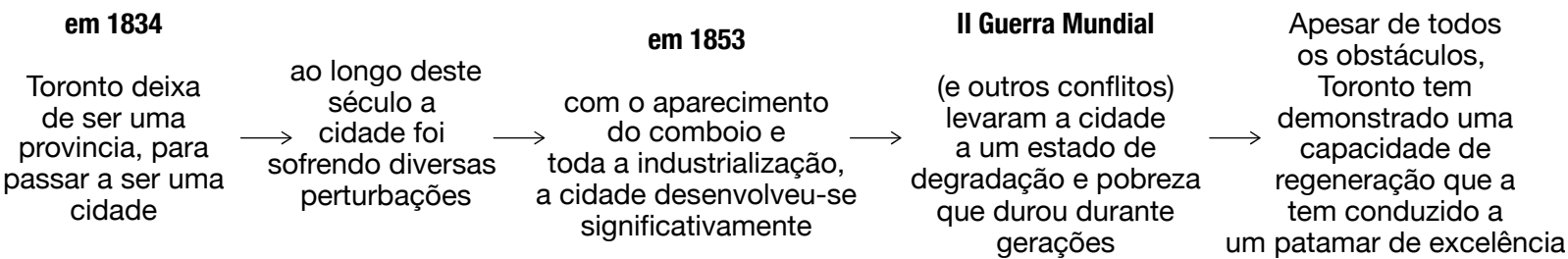
REFERÊNCIAS

- . <http://www.planodeviagem.com/destinos.php?id=99>
- . <http://www.toronto.ca/culture/history/history-shortversion.htm>
- . <http://www.toronto.ca/culture/pdf/creativecity-2003.pdf>
- . http://www.toronto.ca/city_manager/pdf/amalgationreport.pdf
- . <http://pt.scribd.com/doc/2905084/Cascais-CriativoVersao15>



TORONTO ONTARIO, CANADÁ

CONTEXTO HISTÓRICO



ATORES ENVOLVIDOS

- . Entidades Governamentais de Toronto e Ontario que planearam e financiaram os planos
- . Fundação da Comunidade de Toronto (Toronto Community Foundation), fundada para o projeto
- . Conselho das Artes de Toronto (Toronto Arts Council - TAC)

DURAÇÃO

Permanente, com eventos periódicos nocturnos e diurnos (Festival internacional de cinema de Toronto, etc)

ESPAÇO FÍSICO

- . Capital de Ontario; a maior cidade do Canadá
- . Cidade do litoral, situada na margem do lago Ontario
- . Com cerca de 2,5 milhões de habitantes, em que a maioria são emigrantes, esta é considerada das cidades mais multiculturais do mundo

ELEMENTOS DE DESTAQUE

- Urbanísticos e Culturais**
- . uma cidade construída na vertical, com um número elevado de edifícios “torres”
 - . “Museu Royal Ontario”
 - . Companhia de Ópera
 - . “Avenida das Artes”, parte integrante do projeto
 - . , ...

MAIS VALIAS

- . Toronto apresenta-se como uma cidade pronta para a mudança, preparada para uma realidade global existente
- . Considerada uma comunidade com uma cultura, educação e diversidade etnográfica acima da média
- . Este panorama cria uma excelente oportunidade para a implementação de um plano ligado à área cultural e artística, gerido de forma a desenvolver o turismo e potenciar economicamente a cidade, ou seja, uma cidade criativa.

ÍNDOLE

Cultural e Turística

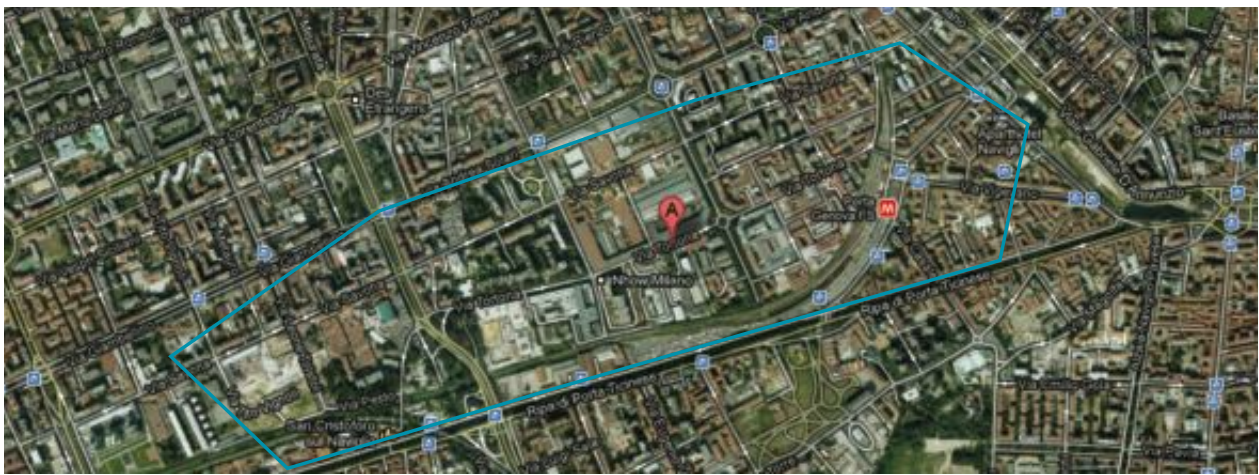
OBSERVAÇÕES

Se em dois anos passados, os resultados já se apresentam notoriamente positivos, só se pode prever que este será um caso de sucesso de excelência no panorama das reabilitações urbanas.



imagens retiradas de diversos sites

ZONA TORTONA MILÃO, ITÁLIA



ESPAÇO FÍSICO

Milão é uma cidade em constante evolução que tem demonstrado durante os últimos anos ser um sucesso em termos de desenvolvimento urbanístico. Evidências de outros tempos e das mudanças ocorridas até então, podem ser apreciadas ainda hoje em diversas áreas da cidade, mas particularmente na zona de Tortona.

CONTEXTO HISTÓRICO

Existem de facto, na área circundante de Tortona e de Savona, algumas marcas claras de um passado rural e de um processo de industrialização posterior, este que encontrou aqui o local apropriado para a instalação de grandes grupos por um longo período de tempo.

Até a segunda metade do século XIX, a zona de Tortona servia apenas para lotes rurais encontrando-se delimitada por canais de irrigação e por caminhos destinados à prática da agricultura. Com o passar dos anos e o desenvolvimento social, os campos de cultivo aos poucos foram substituídos por urbanizações, contudo sem prejudicar a morfologia do território, onde já se incluíam as indústrias, edifícios residenciais, estruturas institucionais públicas, áreas comerciais, estradas e linhas ferroviárias. Para a época esta foi já uma grande reabilitação e modernização da zona. Todo este desenvolvimento ficou caracterizado pela instalação de importantes fábricas industriais, tais como a “Ansaldo”, a “Calzoni Riva”, “Parisini Loro”, a “General Electric” e a “Nestlé”.

Muito do património cultural desta região foi conquistado nesta época. Atividades como o artesanato foram crescendo perto das fábricas, desenvolvendo-se maioritariamente pelos próprios trabalhadores e suas famílias. Mesmos as edificações construídas na época, tais como pontes, chaminés e tanques de água, ou mesmo algumas habitações que albergavam os operários, podem ser hoje em dia visitadas, devido ao seu carácter típico local. Toda esta ambiência de zona industrial nunca chegou a abandonar a zona de Tortona. Esta é talvez das características que faz com que esta zona da cidade seja tão única.

Foi então que no final dos anos 60, a crise energética e consequentemente o encerramento abrupto das fábricas, levaram mais uma vez a uma transformação drástica no aspecto geral da área. Todo aquele movimento e frenesim industrial, deu lugar a edifícios devolutos, ruas desertas e quarteirões vazios.

MOMENTO IMPULSIONADOR

Mas, novamente, as entidades governamentais favoreceram e apoiaram a mudança, demonstrando a sua capacidade regenerativa e a sua criatividade, procurando alcançar novas formas de ocupação. As áreas desmanteladas, todos aqueles edifícios que tinham sido construídos para a indústria, com materiais simples, como o ferro e o tijolo, e que foram guarnecidos com grandes janelas e claraboias, tornaram-se entretanto palco para uma nova aventura: o objetivo era a reconversão de toda a área em questão, num "espaço criativo".



PROJETO



O projeto iniciou-se com uma proposta dos fotógrafos Flavio Lucchini e Fabrizio Ferri, com a criação de salões para fotografia de moda. O “Superstudio” nasceu então em 1983, fazendo o aproveitamento dos depósitos das locomotivas da estação de Porta Genova e instalando-os no interior de uma fábrica de bicicletas. Esta inauguração foi o despoletar de um movimento de regeneração da zona.

Nos anos seguintes, este tornou-se um centro privilegiado de inúmeras inaugurações de estúdios de renome, tal como o “Foto Studio Orsi” que abriu em 1985, o departamento de design de moda ligado ao teatro criado por Brancato na antiga “Bisleri” e até mesmo um

ZONA TORTONA MILÃO, ITÁLIA

dos laboratórios de restauração mais conhecidos, o “Formica”. Em 1990, o município de Milão adquiriu as instalações “Ansaldo”, que foram requalificadas para a realização de laboratórios de cena do “Teatro Alla Scala”. Nesse mesmo edifício, pouco tempo depois, abriu o Museu Municipal da Cultura, um projeto realizado pelo arquiteto inglês David Chipperfield.

Já na segunda metade dos anos 90, Alessandro Cajarati Crivelli propôs o "modelo de mix cultural". Este visava reabilitar uma das maiores fábricas ainda ao abandono, a antiga fábrica belga de instrumentos de precisão Schlumberger, para diversas atividades ligadas ao design, às artes, à comunicação e à moda, criando no seu interior uma espécie de vila de criatividade, misturando artistas, designers e profissionais da área da publicidade. Pouco tempo depois a Armani estabeleceu a sua sede na antiga fábrica da Nestlé, na parte do “Palazzo delle Poste” restaurado por Tadao Ando, seguida por outros projetos para o mesmo espaço, como a criação de um Museu da Moda.

RESULTADOS

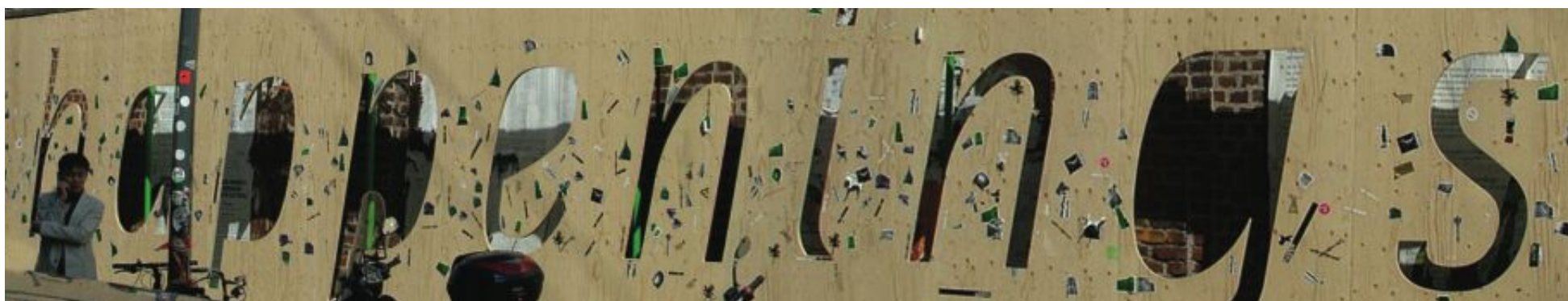
Nos dias de hoje, a zona de Tortona aparece num cenário internacional como área distinta no âmbito da exploração da criatividade: toda a zona chama a atenção de designers, artistas, estilistas, fotógrafos, todos os profissionais ligados às artes e cultura que estão decididos a estabelecer aqui a sua sede de trabalho, entrando assim em contacto próximo com algumas atividades tradicionais da zona, que continuam a ser exercidas neste núcleo, agora urbano.

Mas se durante as épocas baixas, ditas normais, Tortona já é um fervilhar de criatividade constante, existem épocas em que este movimento e agitação rebentam a escala. Todos os anos Tortona é completamente transformada durante as Semanas da Moda, quando estilistas de todo o mundo visitam Milão para assistir às exposições e desfiles.

Igualmente durante a “Salone del Mobile”, feira mundial de mobiliário, que inclui o “Fuori Salone” e a “Zona Tortona Design”, o distrito de Tortona torna-se ainda mais movimentado, versátil e dinâmico. Durante este grupo de eventos, toda a área em questão é identificada, como se fosse criada uma rota onde são indicados os locais de maior interesse para os visitantes. Todo este movimento de regeneração da zona tem atraído a atenção não só das entidades locais, mas também de empresas privadas que cada vez mais têm vistos novas oportunidades nesta região.

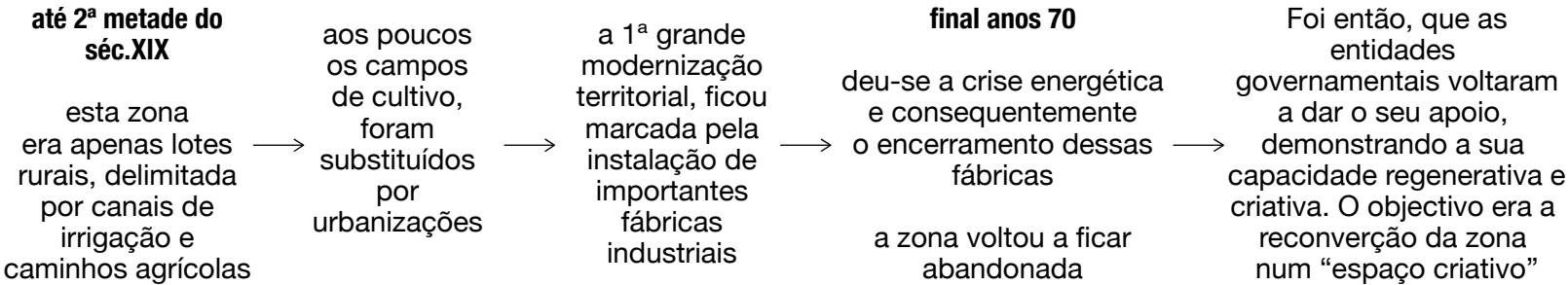
REFERÊNCIAS

- . http://www.my-milano.com/zona_tortona_emergence.html , BNF 2008
- . http://www.myearlscourt.com/userfiles/pdfs/RBKC/19.%20Cultural%20Strategy/RBKC_App1_CulturalStrategy_Part1of6.pdf Futurecity, 2011
- . http://www.tortonallocations.com/vis_dettaglio.php?primoLivello=menu&idLivello=761
- . <http://www.tortonadesignweek.com/>
- . <http://www.tortonallocations.com/>



ZONA TORTONA MILÃO, ITÁLIA

CONTEXTO HISTÓRICO



ATORES ENVOLVIDOS

- . Entidades Governamentais, favoreceram e deram apoio ao projeto de reabilitação
- . Flavio Lucchini e Fabrizio Ferri, foram os primeiros a apresentar uma proposta para um “espaço criativo”
- . Diversos investidores privados que foram abrindo espaços (Armani, Brancato, Alessandro Crivelli,...)
- . Município de Milão, responsável também pela abertura de alguns espaços como o “Teatro Alla Scala”, etc

DURAÇÃO

Permanente, com eventos periódicos nocturnos e diurnos

ESPAÇO FÍSICO

- . Zona de Tortona e parte de Savona
- . Aspeto de zona industrial ainda muito marcado
- . Durante os eventos toda a área é delimitada e identificada, como se fosse marcada uma rota, onde são indicados aos visitantes os locais de interesse.

ELEMENTOS DE DESTAQUE

- Urbanísticos e Culturais**
- . Edificações construídas na época da industrialização, com um grande carácter típico local
 - . “Teatro Alla Scala”
 - . Museu da Moda, projetado pela Armani
 - . “Galvanotecnica Bugatti”, palco de exposições e demonstrações
 - . , ...

MAIS VALIAS

- . Todos os projetos se preocuparam em manter as características já existentes na zona, o ambiente industrial
- . Considerada internacionalmente como área distinta no âmbito da exploração da criatividade
- . Existe o cuidado em procurar dinamizar as atividades tradicionais locais
- . Urbanisticamente a zona proporciona-se à transformação radical de ambiente durante as épocas de eventos

ÌNDOLE

Empresarial, Cultural e Turística.

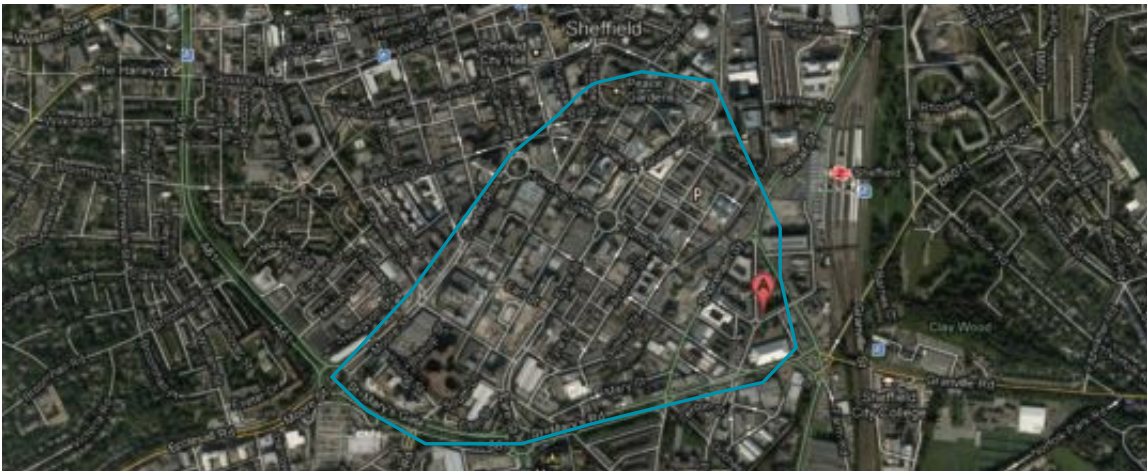
OBSERVAÇÕES

Se durante as consideradas épocas baixas, Tortona já é um fervilhar de criatividade constante, existem épocas onde os eventos proporcionam um movimento e agitação que rebenta a escala: Semanas da Moda, “Salone del Mobile”, que inclui o “Fuori Saloni” e a “Zona Tortona Design”, ...



imagens retiradas de diversos sites

CULTURAL INDUSTRIES QUARTER SHEFFIELD, INGLATERRA



ESPAÇO FÍSICO

O CIQ (Cultural Industries Quarter) situa-se no lado oeste do vale do rio Sheaf, conferindo-lhe assim uma posição territorial bastante característica. Apesar de ser parte física integrante da cidade, este quarteirão, não só pela sua posição geográfica natural, mas porque tem como linha delimitadora num dos seus lados os caminhos de ferro, acaba por sofrer um afastamento perante o restante movimento citadino. Precisamente devido a esta distância, esta zona tem sofrido diversas tentativas de aproximação ao longo dos tempos.

CONTEXTO HISTÓRICO

Até à data de 1770, esta zona designada na época de “Alsop Fields”, vivia maioritariamente da agricultura, começando a ser industrializada a partir desta data. A par com a construção de espaços de trabalho industriais, esta era também a zona de eleição para a construção das casas senhoriais dos novos investidores. Foi nesta época que se começou a delimitar a morfologia deste território, orientado em grelha, o que ainda permanece atualmente.

Na entrada para o séc. XIX, a primeira onda de industrialização estava concluída, deixando visíveis ruas inteiras preenchidas com propriedades de larga escala que serviam de posto de trabalho a muitos operários, mas também de casa. Alguns tinham direito a viver em habitações construídas em aglomerados, instalados para este propósito. Até meados do mesmo século a construção em massa continuou, resultando numa saturação do território. Edifícios como o “Truto Works” e o depósito de madeiras em “Matilda Street”, podem ainda hoje ser visitados.

Já em 1870 surge a construção da estação de comboios de Midland (“Midland Station”), mesmo encostada a este ajuntamento industrial, surgindo como uma via de acesso, não apenas física, mas de informação. Para a sua construção foi necessário a demolição de algum do edificado pré-existente, o que criou uma ligeira descaracterização da zona. Com a chegada deste novo meio de transporte, a tendência para o abandono tornou-se inevitável. A indústria metalúrgica foi a única a permanecer.

Nos anos seguintes a área entrou em declínio evidente. A realocação das indústrias nas periferias, seguidas dos “programas de limpeza” sociais, típicas intervenções de renovação urbana, tornaram este quarteirão abandonado e descontextualizado perante a restante cidade.

MOMENTO IMPULSIONADOR

O início do processo de reabilitação urbana surgiu com o aparecimento do “Leadmill Arts Center” e do “Yorkshire Artspace Society”. Estas iniciativas foram as pioneiras de um crescente movimento de inauguração de espaços ligados à cultura.



PROJETO



Apenas dez anos após a primeira abertura, a entidade municipal viu o potencial que existia nesta zona, designando-a em 1988 de “Cultural Industries Quarter”. Foi então formulado um plano estratégico que pretendia dar continuidade a este movimento de reabilitação da área. Desde então têm surgido outros projetos paralelos, alguns de índole pública, como é o caso da “Sheffield Hallam University”, que tem posicionado alguns dos seus polos criativos neste quarteirão (o “Showroom Cinemas” e o “Media Center”), outros implementados a título privado.

CULTURAL INDUSTRIES QUARTER SHEFFIELD, INGLATERRA

Apesar dos anos 80 terem marcado este território com diversas construções modernistas, existe ainda uma grande componente tradicional ligada à vida industrial outrora existente, inclusive as indústrias metalúrgicas que continuam a desempenhar um papel vital na economia local.

RESULTADOS

Apesar de este ser um caso em que o sucesso ainda não é evidente, pois as próprias entidades envolvidas admitem a ausência de muitos serviços que tornariam este quarteirão mais atrativo turisticamente, já se conseguem identificar alguns resultados positivos neste processo.

Profissionais ligados às áreas culturais e artísticas começam a utilizar esta zona como espaço de lazer e convívio social, o que potencia o crescimento económico e consequentemente o aparecimento de mais espaços. Mas não só os profissionais encontram vantagens neste núcleo. O facto de ser um polo universitário, e portanto muito vivenciado pela comunidade estudante, cria neste quarteirão uma grande oportunidade para o mercado da habitação, assim como para os bares, discotecas e todo o tipo de entretenimento inerente.

Na fase em que este plano de intervenção se encontra, torna-se inevitável que sejam criados suportes para a comunicação de todas as atividades aqui desenvolvidas. Segundo o estudo realizado pelo município, muitos habitantes locais não sabem sequer indicar onde se situa o CIQ, o que leva a concluir que, se localmente não existe esse conhecimento, a nível global as perspectivas não serão melhores.

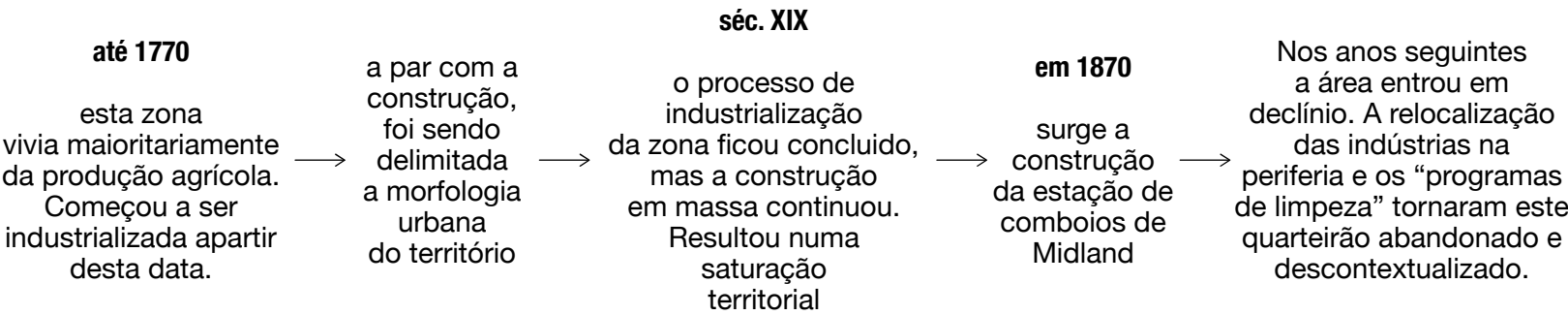
REFERÊNCIAS

- . http://sccplugins.sheffield.gov.uk/urban_design/pdf/part_4.3.pdf
- . http://www.integreatplus.com/sites/default/files/CIQ_action_plan.pdf



CULTURAL INDUSTRIES QUARTER SHEFFIELD, INGLATERRA

CONTEXTO HISTÓRICO



ATORES ENVOLVIDOS

- . Para a criação e implementação deste plano de reabilitação, foi criada uma “agência” constituída por:
 - . representantes económicos locais
 - . “Sheffield Hallam University”
 - . “Chamber of Commerce”
 - . “Sheffield City Council”

DURAÇÃO

Permanente

ESPAÇO FÍSICO

- . situa-se no lado oeste do vale do rio Sheaf
- . tem como delimitação territorial as linhas dos caminhos de ferro, construídas em 1870.
- . devido a todo este panorama, sofre um ligeiro afastamento da restante cidade, que se repercute na sua dinâmica.

ELEMENTOS DE DESTAQUE

- Urbanísticos e Culturais**
- . Espaços pioneiros de todo o processo, como o “Leadmill Arts Center” e o “Yorkshire Artspace Society”
 - . “Showroom Cinemas”
 - . “Media Center”
 - . “The National Centre for Popular Music (NCPM)”
 - . , ...

MAIS VALIAS

- . Todos os planos criados pretendem manter o ambiente industrial e o edificado que se julgue pertinente
- . Um quarteirão que faz a ligação entre a cultura e a aprendizagem através da universidade, potenciando o conhecimento
- . As actividades locais ligadas à indústria outrora existente, como a metalurgia, são valorizadas

ÌNDOLE

Turística, Cultural, Empresarial, Educativa, ...

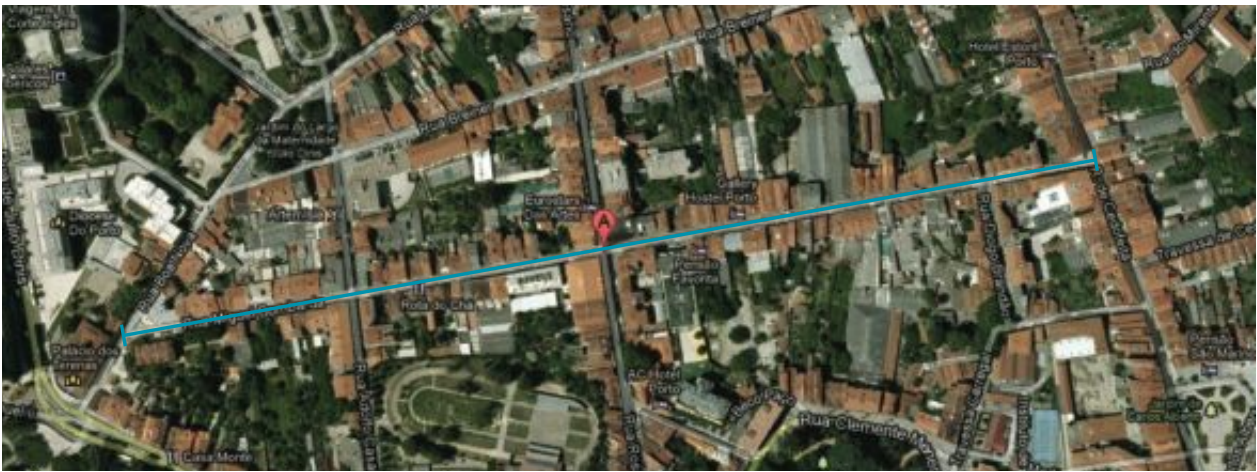
OBSERVAÇÕES

Apesar deste processo de reabilitação ter em vista um plano de perspetivação de 10 anos, o programa de gestão a ser implementado planeia apenas os próximos 5 anos. Este caso ainda não é muito evidente, porém os primeiros resultados têm-se demonstrados tão positivos, que este já tem sido apresentado como caso de estudo em diversas áreas.

imagens retiradas de diversos sites



RUA MIGUEL BOMBARDA PORTO, PORTUGAL



ESPAÇO FÍSICO

“Rua Miguel Bombarda” é o nome associado ao arruamento bastante conhecido no centro da cidade do Porto, onde é notória uma grande concentração de espaços alternativos e galerias de arte. Quem o visita crê que aquele espaço seja apenas uma rua, mas na verdade este começa na Rua de Cedofeita e termina na Rua da Boa Nova, chegando a ocupar duas freguesias diferentes.

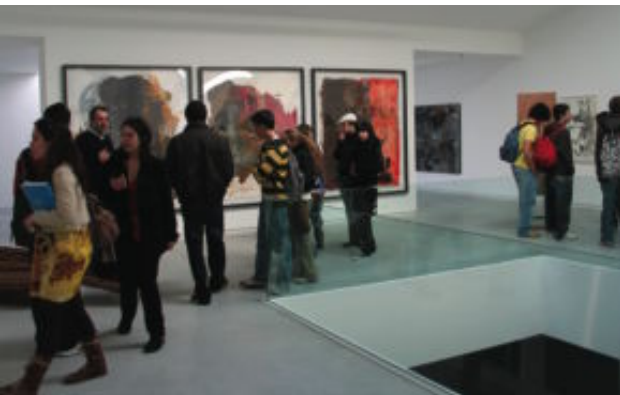
CONTEXTO HISTÓRICO

A sua primeira referência na história é na Planta Redonda de Balck, em 1813, onde ainda se encontrava bastante deserto e sem o seu presente aspecto. Vinte e seis anos mais tarde, este conjunto de ruas já aparentava a sua extensão atual e com um aumento significativo no número de edificado, exceptuando a Rua de Cedofeita que só se veio a desenvolver a meados do séc. XIX. Em 1910, com a implementação da República, a rua principal, que dá nome ao arruamento, foi rebatizada, passando de Rua do Príncipe para a sua atual designação, Miguel Bombarda.

Foi então em 1996 que o galerista Fernando Santos abriu a sua primeira galeria nesta rua, esta que até ao momento não era mais que um aglomerado de armazéns antigos, motivando outros profissionais da área a fazerem o mesmo. Este movimento foi o que levou à grande enchente de galerias de arte como é visível hoje em dia. Contudo esta refuncionalização do território não parece ter alterado de forma considerável o movimento de visitantes já existente.

MOMENTO IMPULSIONADOR

O projeto para a sua reabilitação iniciou-se em 1998, no seio do já existente Circulo Cultural da Miguel Bombarda, mas infelizmente ficou estagnado durante alguns anos, devido a questões económicas por parte da Câmara, o que levou ao descontentamento dos comerciais, que até então procuravam dinamizar o espaço. Mais tarde a proposta foi analisada e viabilizada sob a forma de projeto, pela Empresa Municipal de Gestão de Obras Públicas, e posta em prática pela Autarquia da cidade do Porto, iniciando-se as obras em 2008. O arquiteto escolhido para a elaboração do planeamento foi Filipe Oliveira Dias.



PROJETO



Enquanto projeto o seu objectivo passava pela transformação e revitalização da rua Miguel Bombarda e suas envolventes, focando-as para a divulgação e comunicação da arte e cultura, de forma a reabilitar não só a zona em causa, mas toda a baixa da cidade do Porto. Dentro do planeamento foi criado um plano de intenções, com vista a dar resposta a todas as patologias encontradas. Como primeira intenção, e talvez a mais fulcral, procurou-se a pedonização de parte do arruamento. Para tal foram seleccionadas a Rua Miguel Bombarda e a Rua Nova, não só pela sua ambiência calma, mas essencialmente pelo reduzido movimento automobilístico. Ainda que arquitetonicamente ambas as ruas não sejam propriamente merecedoras de contemplação, estas permitem no entanto fazer a ligação dos Caminhos Românticos, ao Palácio de Cristal, o que as torna um ótimo local para a concentração de espaços ligados às artes.

Na Rua Miguel Bombarda, a prioridade passa a ser do peão, não impedindo contudo a circulação automóvel de residentes. Na Rua da Boa Nova, o automóvel e o peão passaram a ter a mesma importância. Com a implementação deste projeto, procurou-se que a rua não perdesse os seus residentes, antigos e novos, garantindo que a zona se mantivesse viva e segura a qualquer hora. As intervenções de índole artística ao longo das ruas, foram a segunda vertente deste projeto. Estas duas ruas deixaram de aparentar serem espaços de passagem, para passarem a ser locais de fruição. Todo o mobiliário urbano e infraestruturas existentes, incluindo a iluminação pública, assentos e bancos, foram reformulados e adaptados à atual funcionalidade deste espaço urbano.

RUA MIGUEL BOMBARDA PORTO, PORTUGAL

O pintor Ângelo de Sousa foi o autor das obras artísticas relativas ao pavimento. Para a rua, o autor optou por uma composição geométrica, em calçada Portuguesa, utilizando apenas quatro cores (preto, branco, ocre e vermelho). Para o pavimento específico dos passeios, o autor projetou oitenta desenhos de rostos expressivos para serem gravados em cubos de granito irregular. Ângelo Sousa explica o motivo desta escolha; *"Quando pensei no trabalho global das caras, achei que era interessante que as pessoas fossem surpreendidas ao ver no chão outros rostos a olhar para elas. São caras de gente ensonada, bem-disposta, maldisposta, enfurecida, feliz, etc.. Reportam a momentos iguais aos que vivem e sentem quaisquer normais cidadãos"*.



RESULTADOS

Atualmente, Miguel Bombarda é uma das zonas mais mediáticas de cultura do nosso país, reunindo algumas dezenas de galerias de arte que, no primeiro sábado de cada mês, inauguram em simultâneo as suas novas exposições, atraindo multidões de apreciadores de arte, investidores, artistas, seguidores de formas de vida alternativas e muitos curiosos. Neste museu vivo exterior não existem só galerias, mas também há livrarias, restaurantes, lojas alternativas, de moda e ateliers, e até mesmo o Centro Comercial Bombarda, um centro comercial alternativo que chama a atenção de muita gente.

Mas o mais curioso deste arruamento e dos seus eventos, é a vivência e o ambiente que aqui se sente, uma celebração coletiva de cultura e modernidade.

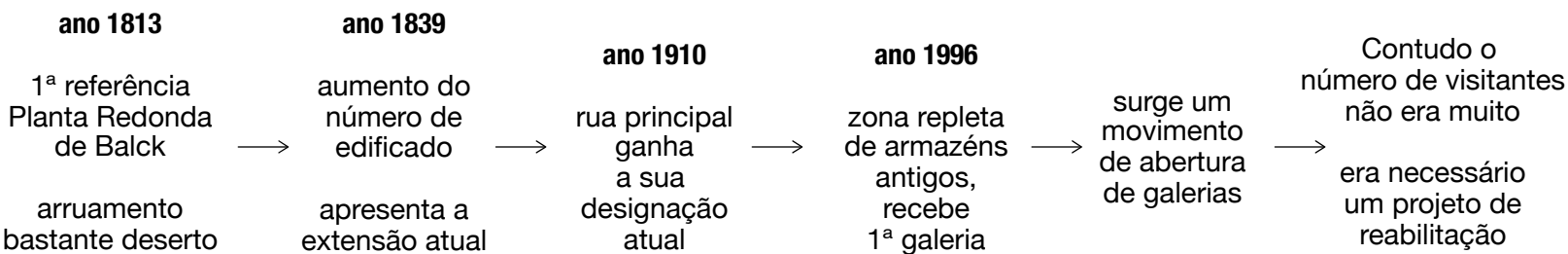
REFERÊNCIAS

- . <http://mribeiro.efamultimedia.net/exerciciosweb/bombarda/historia.html>
- . <http://www1.ionline.pt/conteudo/31483-amanha-e-dia-inauguracoes-na-miguel-bombarda>
- . http://www.filipeoliveiradias.pt/html/pt/projectos/ficha.asp?P_cod_projecto=110
- . http://www.jn.pt/paginainicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Porto&Concelho=Porto&Option=Interior&content_id=1023735&page=-1



RUA MIGUEL BOMBARDA PORTO, PORTUGAL

CONTEXTO HISTÓRICO



ATOES ENVOLVIDOS

- . Senhor Fernando Santos, 1º galerista do arruamento e impulsionador do movimento
- . Circulo Cultural da Miguel Bombarda, associação local
- . Empresa Municipal de Gestão de Obras Públicas, responsáveis pela viabilização do projeto
- . Autarquia da cidade do Porto, responsável pela realização do projeto
- . Arquiteto Filipe Oliveira Dias
- . Ângelo de Sousa, escultor

DURAÇÃO

Permanente, com eventos periódicos noturnos e diurnos

ESPAÇO FÍSICO

- . Arruamento no centro do Porto
- . Início na Rua de Cedofeita e término na Rua da Boa Nova (2 freguesias)
- . Faz a ligação entre os Caminhos Românticos e o Palácio de Cristal
- . Rua Miguel Bombarda é exclusivamente pedonal
- . Rua da Boa Nova, peão = veículo

ELEMENTOS DE DESTAQUE

- Urbanísticos**
- . Elementos em calçada Portuguesa espalhados pela rua, com composições geométricas a 4 cores
 - . Nos passeios 80 desenhos de rostos gravados em cubos de granito irregular

MAIS VALIAS

- . Grande concentração de espaços alternativos e galerias de arte
- . Projeto de reabilitação provou trazer movimento à zona
- . Existe uma grande comunicação da arte e cultura Portuguesa
- . Criou um movimento de regeneração da baixa do Porto
- . Periodicamente são criados eventos de grande sucesso

ÌNDOLE

Cultural e Turística

OBSERVAÇÕES

Apesar do projeto de reabilitação ter sido apenas a nível urbanístico, influenciou em muito toda a vivência de espaços artísticos aqui localizados. Forte componente estratégica.

imagens retiradas de diversos sites



TOPOGRAFIA DO TERROR BERLIM, ALEMANHA



ESPAÇO FÍSICO

Quem visita a Alemanha, mais propriamente Berlim, sabe que não poderá ficar indiferente a todo aquele “peso” histórico que paira no ar. Niederkirchnerstrasse é a rua em estudo, onde pode ser visitada a exposição Topografia do Terror. Um projeto pensado para ser temporário, estruturado para ser ao ar livre, que devido ao seu sucesso explosivo, obrigou a Fundação a criar um edifício para o albergar.

CONTEXTO HISTÓRICO

Situados no seu centro urbano, na rua anteriormente designada de “Prinz Albrecht Strass”, agora Niederkirchnerstrasse, encontravam-se o palácio prussiano onde Hitler mantinha a sede do movimento Nazi, bem como o edifício sede da Gestapo e outras instituições alicerçadas aos mesmos ideais. Este foi o local onde foram projetados os planos de genocídio aos judeus e perseguições a outras minorias e onde mais de 15 mil pessoas foram interrogadas e torturadas.

Do complexo núcleo onde se concentrou o aparelho do terror nazista não ficou quase nada após a Segunda Guerra Mundial. A maioria das ruínas dos edifícios foram destruídas e o terreno tornado baldio, sobrando apenas o Ministério de Aviação, onde atualmente se situa o Ministério da Fazenda, e o “Martin Gropius Bau”, um dos museus com melhor programação da capital Alemã atualmente. Entretanto esta rua deixou de fazer parte do dia-a-dia da sociedade Alemã, não sendo mais do que o espaço onde se encontrava o muro de Berlim.

MOMENTO IMPULSIONADOR

Nos anos seguintes a população procurou realizar diversos esforços com o intuito de revalorizar o interesse pelo local, até que no ano de 1983, foi lançado o primeiro concurso que pretendia encontrar projetos para aproveitamento da rua e reabilitação da zona. Infelizmente todos os esforços mostraram ter sido em vão.



PROJETO



"Isto não é um monumento nem um lugar para prestar homenagem às vítimas do nazismo, é um lugar para vir aprender", justificou Andreas Nachama, diretor da Fundação Topografia do Terror. A exposição teve início em 1987, na altura pensada para que a sua duração fosse de apenas seis meses, sendo este o espaço provisório escolhido. Intencionalmente projetada para as comemorações dos setecentos e cinquenta anos da cidade de Berlim, a exposição acabou por vir dar resposta aos pedidos realizados por várias famílias de vítimas da perseguição.

A exposição é maioritariamente constituída por fotografias e documentos onde são visíveis todos os momentos inerentes ao império Nazi. Desde os planos criados por Hitler para a criação dos campos de concentração, fotografias de situações onde fica evidente o tratamento que era dado aos prisioneiros, até retratos de situações terríveis como os toques de chamada onde inúmeros cativos morriam ao frio. Incluídos na exposição ainda se podem visitar vestígios dos calabouços.

Desde a sua inauguração, a exposição ao ar livre recebia em média meio milhão de visitantes por ano, atraídos por toda a componente histórica do lugar junto às ruínas do famoso muro. Devido não só ao seu carácter social, mas por toda a questão emocional envolvida, o interesse pela exposição ultrapassou largamente o esperado.

TOPOGRAFIA DO TERROR BERLIM, ALEMANHA

RESULTADOS

Entretanto, no ano 1990, depois de todo o sucesso, ficou clara a necessidade de construir um edifício permanente para abrigar a exposição. Depois de diversos problemas, não só nos projetos implicados, mas também na sua construção, o centro de documentação, juntamente com toda a envolvente dos 4,5 hectares do terreno onde está localizado, custou 26 milhões de euros.

Como evento comemorativo dos 65 anos do fim da Segunda Guerra Mundial, em Maio de 2010 foi oficialmente inaugurado o novo centro de documentação e exposição Topografia do Terror.

Nachama declara ter dúvidas se o edifício em causa terá o mesmo impacto que as ruínas dos calabouços.

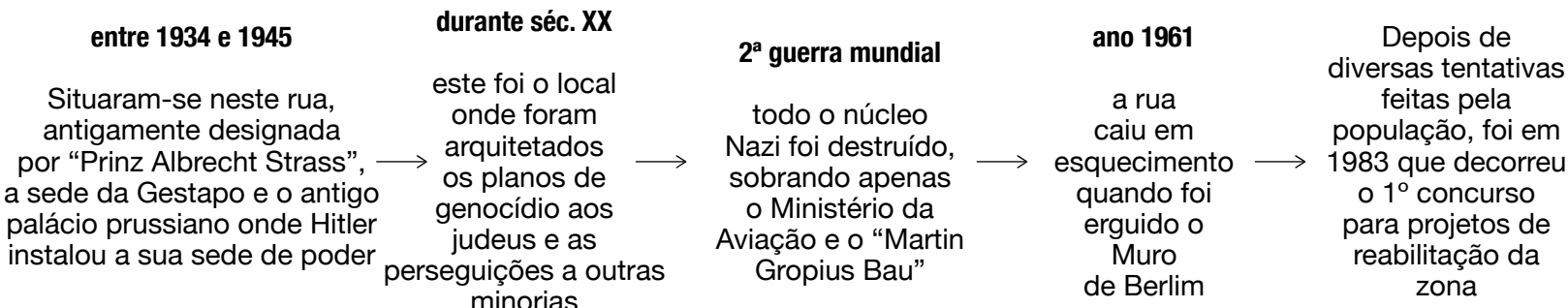
REFERÊNCIAS

- . <http://vladimirexplica.blogspot.pt/2010/05/berlim-abre-topografia-do-terror-sobre.html>
- . http://viagem.uol.com.br/guia/cidade/berlim_museus.jhtm
- . <http://www.dw.de/dw/article/0,,2861636,00.html>
- . <http://www.dw.de/dw/article/0,,5542264,00.html>
- . <http://profze2008.blogspot.pt/>



TOPOGRAFIA DO TERROR BERLIM, ALEMANHA

CONTEXTO HISTÓRICO



ATOES ENVOLVIDOS

- . População local, que exerceu pressão para que fossem feitos projetos para a zona
- . Andreas Nachama, Director da Fundação Topografia do Terror
- . entidades locais

DURAÇÃO

Planeada para ser provisória, mas devido ao grande sucesso, foram feitas alterações para que se tornasse permanente

ESPAÇO FÍSICO

- . Exposição inaugurada ao ar livre
- . Ao longo da rua viam-se fotografias e documentos que apresentavam cronologicamente todo o percurso Nazi
- . existem ainda algumas ruínas das construções que lá existiam (calabouços,...)
- . Mais tarde, foi construído um edifício permanente para albergar a exposição

ELEMENTOS DE DESTAQUE

- Arquitetónicos e Culturais**
- . Atual Ministério da Fazenda, antigo Ministério da Aviação
 - . Um dos museus com melhor programação de Berlim, o “Martin Gropius Bau”
 - . As ruínas do antigo Muro de Berlim

MAIS VALIAS

- . “Isto não é um monumento, nem um lugar para prestar homenagem às vítimas do nazismo, é um lugar para vir aprender” (Andreas Nachama, diretor da Fundação Topografia do Terror)
- . Projeto que reascendeu o interesse público pelo local
- . Uma exposição com um grande carácter educativo e social, mas também com um grande peso emotivo

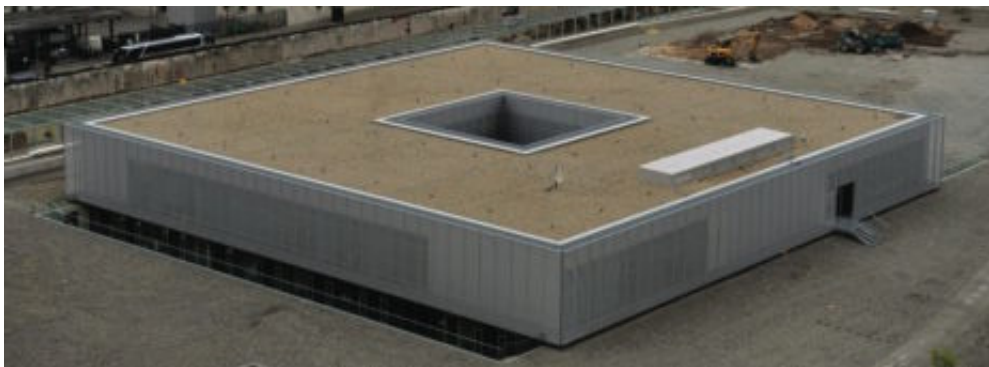
ÌNDOLE

Turística, Cultural, Histórica, Educativa, ...

OBSERVAÇÕES

Nachama admite que tem dúvidas sobre se o edifício construído para albergar a exposição permanentemente terá o mesmo poder de captação que as ruínas dos calabouços.

imagens retiradas de diversos sites



1.2 Interpretação final de dados orientados à aplicação do projeto

Concluída a decomposição e análise dos cinco casos de estudo emblemáticos, tornaram-se claros e satisfatórios os critérios de seleção aplicados aquando a filtragem perante os quinze casos iniciais. Cada projeto provou a sua pertinência e o seu sucesso, e de cada um foram retiradas noções e conceitos que certamente enriquecerão o projeto que se intenta propor.

Toronto mostrou ser uma cidade capaz de investir na cultura, com uma predisposição por parte das entidades municipais de concretizar planos que procuram a mudança, numa atualidade globalizada. Curiosamente os seus objetivos passam por implementar uma “Avenida das Artes”, intenção de certa forma similar com o projeto em causa, numa perspetiva de proliferar posteriormente a reabilitação pela restante cidade.

Em Itália, a Zona Tortona a par com todos os eventos que sazonalmente vão acontecendo, demonstra uma capacidade inovadora para atrair empresas de renome, onde o investimento privado consegue criar um balanço claramente positivo na economia local. É de ressaltar também o cuidado com que procuram conservar e comunicar todo o património da zona, não só pelo edificado existente que se mantém, mas pela interação que intentam dinamizar com as atividades locais.

O quarteirão das indústrias culturais, em Sheffield, interessantemente apresenta características territoriais muito semelhantes à Avenida Doutor Lourenço Peixinho. A sua reabilitação foi impulsionada através da abertura de serviços ligados à cultura, tal como a zona Tortona, no entanto estes foram maioritariamente de índole pública. Este é talvez um caso onde os resultados ainda não são totalmente evidentes, no entanto já se conseguem observar algumas melhorias denunciadas do seu sucesso.

A Rua Miguel Bombarda, não só por ser um caso evidente em Portugal, mas por ter uma escala semelhante à Avenida Doutor Lourenço Peixinho, é um caso de estudo que não poderia ser deixado de parte. As primeiras iniciativas foram iniciadas pela comunidade, neste caso um galerista, o que possivelmente despertou a curiosidade e atenção das entidades municipais. O interesse neste caso de estudo focaliza-se nas dinâmicas e eventos que se vão realizando.

A exposição Topografia do Terror, em Berlim, será o caso mais evidente onde a história e todo o património cultural local foram o impulso para a reabilitação do território em questão. O seu objetivo não passa por fazer uma homenagem às vítimas do movimento Nazi, pois o seu foco é o conhecimento e a aprendizagem. Ressalta-se aqui o esforço exercido pela comunidade para que a intervenção acontecesse.

Com a aplicação desta metodologia foi possível não só comprovar a pertinência deste tipo de intervenções numa realidade atual onde os espaços urbanos abandonados proliferam cada vez mais por todo o mundo, assim como a evidente possibilidade de os reabilitar. A criatividade e inovação em cada uma das intervenções, deixa claro o papel que um Designer poderá exercer num projeto deste género.



Figura 9 Criatividade

PARTE 2 Apresentação do Projeto

Capítulo 1

1.1 O papel do Design no processo de reabilitação urbana

A disciplina do Design, não obstante da sua pouca idade, tem mostrado deter competências singulares que, ao longo do seu processo de desenvolvimento, a têm levado a conquistar diversas áreas de interação, incluindo a área urbanística e de intervenção urbana. Ainda que esta afirmação pareça ser indubitável, coloca-se aqui a questão a que se pretende ver respondida no decorrer deste capítulo.

Em que é que o Design se apresenta como uma mais valia num projeto de transformação do espaço público, ou por outras palavras, que características é que esta disciplina oferece perante a necessidade de planear uma reabilitação urbana?

Apesar da aptidão para o trabalho interdisciplinar, a faculdade em abordar globalmente os projetos e outras competências intrínsecas à prática do Design, é na “criatividade”, a grande chave de sucesso para o desenvolvimento económico na atualidade, que esta reflexão se foca.

“Creativity is not intelligence. Creativity involves the ability to synthesize. It is a matter of sifting through data, perceptions and materials to come up with something new and useful” (Florida 2005 in Creative Economy 2008, 16).

De uma forma introdutória, a “criatividade” pode ser definida como um processo que concebe, interliga e transforma ideias em produtos materiais ou imateriais, de maneira a produzir algo de novo, ou mesmo readaptar algo que já existe (Creative Economy 2008).

No entanto, apesar da sua caracterização comum, este conceito pode ser interpretado por diferentes pontos de vista. Na área da psicologia, onde o seu estudo parece já ter sido extensamente discutido, permanece a dúvida se este conceito designa uma capacidade própria do ser humano ou um processo exterior que gera ideias originais. Outra abordagem a considerar é a social, que assinala a criatividade como um processo mensurável (*ibidem*).

Mas o foco para o qual esta reflexão é remetida é de índole económica. Na medida em que é necessário perceber o contributo do poder criativo na desenvolvimento da economia, o relatório apresentado pelas Nações Unidas, “Creative Economy Report”, expõe um plano de solução designado pelo “modelo dos 5 C’s”.

Através de quatro formas de capital (social, cultural, humano e estrutural/institucional) que se definem como fatores determinantes do crescimento da criatividade, é possível não só medir os resultados económicos da criatividade, mas o ciclo da atividade criativa, onde os efeitos da acumulação destas mesmas determinantes, se manifestam como os resultados da criatividade (*ibidem*).

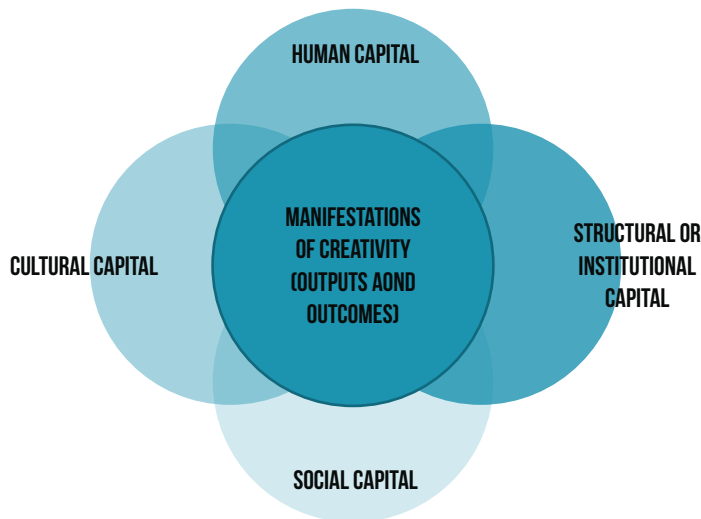


Figura 10 – “Modelo dos 5 C’s”.

De uma outra forma, pode-se designar a “criatividade” como a capacidade de formular novas ideias e de as aplicar na concretização de “*obras de arte e produtos culturais, criações funcionais, invenções científicas e inovações tecnológicas*”, onde o objetivo é sempre a transformação da idealização em algo capaz de originar valor (Creative Economy 2008, 3).

Numa realidade contemporânea, em que se desenvolve uma mudança de paradigma, onde a economia, a cultura, a tecnologia e a sociedade evoluem não só ao nível local, mas também global, a criatividade, agregada ao conhecimento e ao acesso à informação, todas elas capacidades inerentes ao Design, aparece como um fator capaz de potenciar o desenvolvimento económico e, neste caso específico, o desenvolvimento territorial.

O termo “cidade criativa” tem proliferado nos últimos anos, descortinado por teóricos que veem no centro da sua atenção a relação da criatividade com os espaços urbanos (Mendes 2011; Florida 2005; Landry e Bianchini 1998; Landry 2000).

Emergido dos anos 80 enquanto resposta aos efeitos da globalização e consequentemente às reestruturações urbanas, o conceito de “cidade criativa”, segundo Charles Landry (2000), não envolve apenas artistas e profissionais envolvidos nas áreas das “economias criativas”, mas todos os que desejem intervir com perspetivas inovadoras. Isto implica que uma cidade que pretenda abraçar estes

valores, crie coletividades que em conjunto geram novas ideias e projetos. Para tal, está implícita a existência de uma burocracia criativa, uma comunidade criativa, uma educação criativa, uma organização criativa, etc.

Esta ideia de coletividade na participação alargada do projeto, é também partilhada por Jane Jacobs (1961). Para a autora, a comunidade é indiscutivelmente quem melhor conhece as necessidades reais do espaço, bem como o próprio espaço. Esta é constituída por individualidades com interesses e necessidades próprias, mas também com qualidades, conhecimentos e recursos vários, o que faz dela um universo de opiniões e ideias.

A palavra-chave para alcançarmos uma vida urbana saudável, é a diversidade. Não só a diversidade de pessoas, de onde surge uma diversidade de ideias, mas também uma diversidade de estratégias com vista a alcançar melhorias urbanas (*ibidem*). No entanto a sua perspectiva parece indicar que esta é a única maneira de se conseguir um projeto social de êxito, através de uma visão libertária de cidade. Contudo acredita-se que esta visão seja mais uma esperança de um mundo idealista, do que na realidade uma hipótese.

A vantagem desta nova morfologia das “cidades criativas” é que elas podem utilizar o seu poder criativo de diversas formas. Cidades como Sheffield, em Inglaterra (Parte 1; Cap.3), aproveitam para impulsionar as indústrias culturais, aumentar a taxa de emprego e habitação, e evoluir enquanto centros de crescimento urbano. Já outros casos optam por se focar na vertente cultural, dando apoio às artes e cultura, com o intuito de promover a coesão social e a valorização da identidade local (Toronto, Canadá). No caso do projeto em concretização, a intenção passa por criar sistemas que concebam experiências culturais através do património local, para os habitantes e visitantes do território.

Não obstante do propósito final, todas estas formas regenerativas urbanas, pretendem basear-se numa “economia criativa”, um novo modelo de gestão multidisciplinar centrado na matéria criativa local, com o objetivo de criar emprego, gerar receitas, promover a inclusão social, melhorar a qualidade de vida e fomentar a evolução cultural. No âmago deste novo plano económico encontram-se as “indústrias criativas” (Creative Economy 2008).

As “indústrias criativas” podem-se definir como atividades ligadas aos bens e serviços que utilizam a criatividade e o conhecimento enquanto recursos, produzindo bens materiais e imateriais e serviços de índole artística e intelectual. Comummente este tipo de indústrias trabalham com patrimónios locais e matérias tradicionais associados às novas tecnologias, aos media e às novas tipologias de serviços (*ibidem*).

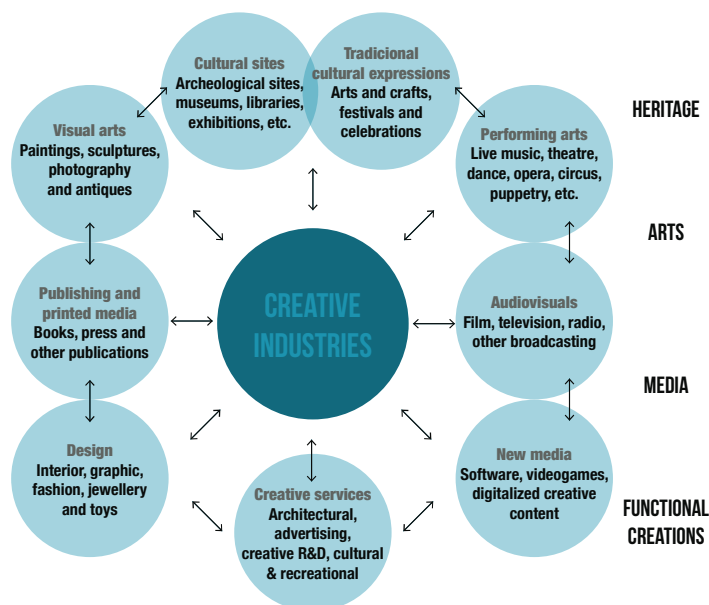


Figura 11 – Classificação das “indústrias criativas”.

Segundo as Nações Unidas, este tipo de serviços tem mostrado um rápido crescimento económico ao nível da exportação, com um aumento de 8,8% entre os anos 1996 e 2005. Estes números não só evidenciam o sucesso que a “economia criativa” tem conseguido nos últimos anos, mas também a excelente adaptação que estas recentes indústrias têm numa realidade global que continuará a aumentar.

É neste momento que entra o papel do Design, enquanto disciplina capaz de oferecer uma diferenciação progressiva através da sua capacidade criativa, na construção de todo o projeto. Trata-se de uma profissão de destaque pela sua competência em intervir não só na concepção projetual, mas também no delineamento dos serviços, na construção de todos os suportes de comunicação e na integração da proposta. A vantagem é assegurada por uma visão geral do projeto, onde é garantida a coerência entre os diferentes elementos e a preocupação em certificar uma conformidade entre o projeto, o local e os atores envolvidos.

Sabe-se no entanto, que apesar do Design se apresentar como um excelente instrumento estratégico que tem a capacidade de contribuir com uma visão dinâmica, criativa e transversal do projeto, não pode ser menosprezada a necessidade de outros elementos técnicos na construção do trabalho, neste caso alguém da área urbanística, social, da arquitetura, entre outros elementos.



Figura 12 Gestão em Rede

1.2 A vantagem dos Sistemas em Rede

“Sempre que olhamos para a vida, olhamos para redes” (Fritjof Capra in Martinho 2001, 1).

Numa era globalizada, já tão referida no decorrer deste documento, onde tudo acontece a um ritmo vertiginoso, a tendência passa pela mutuação de uma “economia industrial”, para uma economia com base no acesso à informação. Tal como afirma Gameiro (2008), vive-se uma época em que o acesso, possibilitado pelos avanços tecnológicos alcançados no último século, levam a uma alteração das morfologias organizacionais.

As redes ao longos dos tempos têm conseguido conquistar a sociedade sem que a mesma tenha a percepção deste acontecimento, fazendo frente a outros tipos de organização, nomeadamente as de constituição vertical. Estes novos sistemas começaram por fazer apenas parte do domínio particular, com enorme dificuldade em competir com estruturas onde o poder central prevalecia, como as igrejas e os exércitos, passando hoje em dia a integrar quase toda a complexidade de organismos existentes no mundo (Castells 2005). Tal como afirma Castells (in Martinho 2001), a própria “contemporaneidade” pode ser caracterizada pelo estado de “estar em rede”.

O conceito de “redes”, discutido por diversos autores (Castells 2005; Martinho 2001; Gameiro 2008; Mance 2000), apresenta uma definição muito própria. Paulo Gameiro (2008), descreve a ideia de “rede” como um tipo de organização que se baseia num conteúdo de “natureza emancipatória”, ou seja, uma estrutura que fundamenta a sua morfologia numa estratégia assente na independência.

Watts (in Martinho 2001) complementa esta definição com um ponto bastante relevante. Para o autor a forma como eram compreendidas as estruturas em rede no passado, partiam de uma premissa errada, onde o elemento “tempo” definia caracteristicamente os elementos do sistema. As redes são organizações em constante mudança, dinâmicas, que evoluem e alteram a sua forma, independentemente da sua questão temporal.

“Redes” podem então ser designadas por sistemas de organização que não apresentam uma forma fixa, em que a sua adaptação depende de toda a dinâmica associada. São traçados que não podem ser delimitados, pois encontram-se em constante mutação, típicos de uma realidade contemporânea.

Numa visão mais ilustrativa, Castells define sucintamente rede como *“um sistema de nós interligados. E os nós são, em linguagem formal, os pontos onde a curva se intersesta a si própria”* (Castells 2005, 20). Por outras palavras “redes” podem ser figuradas como estruturas constituídas por linhas e pontos, que se interligam em concordância.

Seguindo esta lógica, é possível entender que os sistemas em rede não possuem um elemento central, ao contrário das anteriores estruturas verticais. Sem esta imposição de um elemento regulador que detém isoladamente o poder decisivo, todos os “nós” existentes na rede, não obstante de serem parte integrante da organização, conseguem manter a sua independência.

Outra vantagem assegurada por esta nova tipologia horizontal é a possibilidade de decisão conjunta entre todos os elementos, onde deixam de existir posições de controlo, para passar a existir apenas uma atitude de parceria entre os diversos elementos. Os sistemas em rede constroem-se da vontade comum de chegar a determinados objetivos, através de determinados meios (Martinho 2001).

Transportando este conceito para uma perspetiva social, é possível perceber a existência de “sociedades em rede” (Mance 2000; Castells 2005). A sociedade moderna pode ser entendida como uma rede articulada, em que os diversos elementos se potenciam entre si e fortalecem a rede global, *“permitindo-lhe expandir-se em novas unidades ou manter-se em equilíbrio sustentável”* (Mance 2000, 24).

A sociedade contemporânea é de facto uma sociedade em rede, onde as novas tecnologias de comunicação e informação têm um papel fundamental. Tal como afirma Castells (2005), o aparente isolamento e tendência individualista, que é apontada como consequência negativa do contacto com a internet e meios virtuais, parece estar completamente errada.

Está provado que as novas tecnologias de comunicação estão seguramente adaptadas para fomentar a sociabilidade virtual, aliás através da implementação das redes sociais, foi possível assistir a uma intensa transformação nos hábitos sociais existentes, senão faça-se o raciocínio: quantos de nós não tínhamos perdido o contacto com pessoas que nos estão fisicamente ou temporalmente afastadas, e com o acesso a redes como o *Facebook* ou o *Twitter*, voltámos a estabelecer relação com as mesmas.

Na economia, a estruturação de redes também parece ser o grande passo a seguir. As empresas, para conseguirem manter o seu nível competitivo, dando resposta às exigências dos clientes e aumentarem a qualidade dos seus produtos, têm optado por reorganizar as suas estruturas internas de maneira a criar redes de colaboração e coordenação que vão desde os fornecedores aos próprios consumidores finais.

Tendo em consideração que a criatividade e inovação são o caminho para a criação de valor nas sociedades atuais (Castells 2005), associando a tendência das “economias criativas” (destacadas no capítulo anterior) e as redes de estrutura horizontal, parece quase irrefutável que a solução para a reabilitação da Avenida Doutor Lourenço Peixinho, perspetivando um projeto que se coadune com a realidade existente, passa pela estruturação de um sistema para a comunicação da cultura local, que vise a parceria entre diversas entidades com o mesmo objetivo em comum.

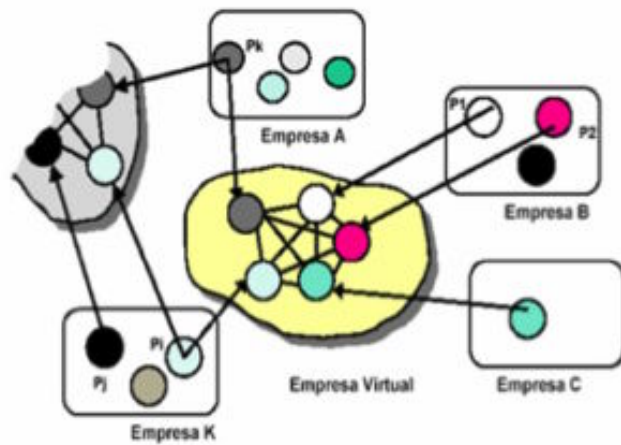


Figura 13 – “Cooperação entre entidades autónomas numa empresa virtual”.

“Parece pois pacífico considerar que a capacidade de construir e manter redes inter-organizacionais é, cada vez mais, a chave para sustentar vantagens competitivas no mundo de hoje e poder participar no aparentemente incontornável processo de globalização” (Gameiro 2008, 7).



Figura 14 cidade de Aveiro

Capítulo 2

2.1 Aveiro

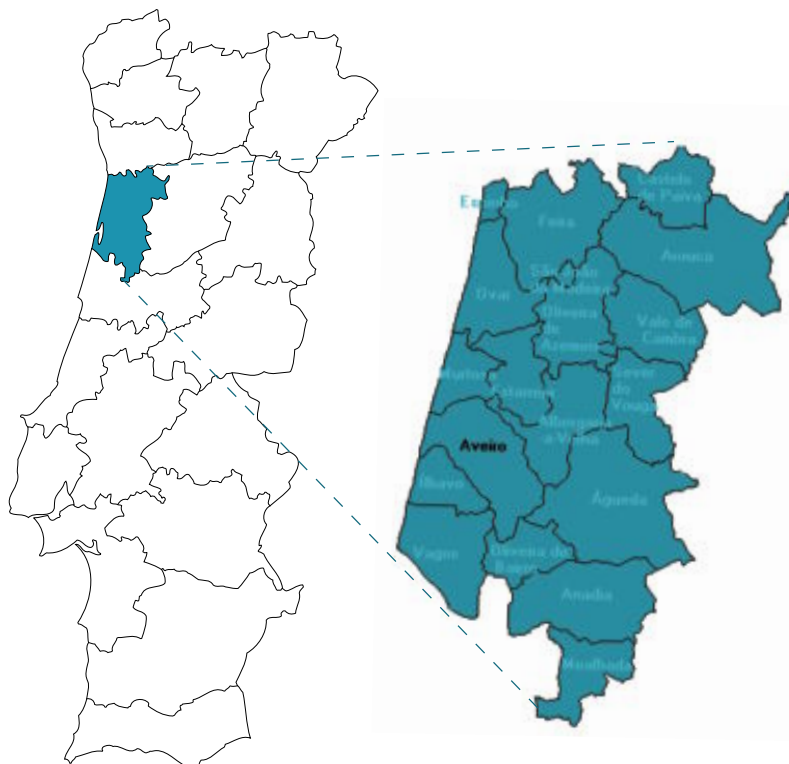


Figura 15 – Localização da cidade de Aveiro.

A cidade de Aveiro é o município principal do Distrito de Aveiro e do Concelho com o mesmo nome. Situada na zona Norte-Centro de Portugal, esta é banhada pelo oceano Atlântico e esculpida pela ria, um dos “*mais belos acidentes hidrográficos da costa portuguesa*” (Lacerda n.d.). Segundo a Associação Nacional de Municípios Portugueses, Aveiro enquanto urbe ocupa uma área de 197 Km² onde estão registadas cerca de 78463 pessoas, até ao ano de 2008.

Devido às suas particularidades geográficas, Aveiro possui características que aparentam ser únicas em Portugal, o que proporcionou ao longo dos tempos, o desenvolvimento de atividades económicas de grande êxito neste território. A produção de sal artesanal proveniente das salinas locais, a indústria naval instalada na imediação do Porto Marítimo e toda a atividade piscatória, são talvez os recursos mais evidentes associados à ria (Visita à cidade de Aveiro n.d.). Na periferia urbana existem também produções ligadas à agricultura, onde é possível encontrar a vinicultura na região da

Bairrada, a produção de cereais, frutas e legumes, a indústria pecuária e a indústria de laticínios.

No entanto o grande impulso económico da cidade, efetivou-se em 1973, com a abertura da Universidade de Aveiro, que até hoje tem sido o grande fator atrativo da população mais jovem (infopedia). Este polo de inovação e conhecimento situado na entrada da cidade, consta com cursos essencialmente ligados à área científica, destacando-se a engenharia cerâmica e do vidro e a engenharia informática e telecomunicações, ambas com grande divulgação no exterior.

Em termos culturais, Aveiro é também um exemplo paradigmático no nosso país. Desde toda a “tradição” (Giddens 1999) intrínseca à ria, com a presença dos moliceiros, das salinas, de todas as celebrações religiosas associadas, algumas ainda realizadas nos dias de hoje, até ao âmagio ímpar de património de Arte Nova desenvolvida em Portugal, e a internacionalmente conhecida indústria cerâmica, esta cidade apresenta uma riqueza imensa em património histórico, etnográfico e artístico.

Em tempos dirigida segundo os ideais absolutistas pelo Marquês de Pombal, após a execução do seu duque, Aveiro tem demonstrado ao longo da história também uma forte ligação aos valores políticos. Foi precisamente neste centro que se concretizaram os Congressos Republicanos de 1957 e 1969, e que curiosamente na Avenida Doutor Lourenço Peixinho decorreu o Congresso Democrático de 1973, direcionado contra a ditadura liderada pelo fascismo (Visita à cidade de Aveiro n.d.; Campos et al. 2000).

A Ria de Aveiro, para além de disponibilizar os meios para o desenvolvimento de atividades económicas já mencionadas, adiciona à zona um enorme espólio de património natural. Na fauna é possível avistar peixes de inúmeras espécies, aves selvagens, e mesmo alguns mamíferos que aqui habitam, e na flora a bagunça e o moliço, este que foi em tempos um recurso natural bastante utilizado pela agricultura (Pombo e Rebelo, 2001).

Partindo para a riqueza gastronómica, é de ressaltar toda a doçaria confeccionada com ovos, como os Ovos Moles, os Fios de Ovos e as Lampreias, heranças recebidas dos Conventos de Aveiro e Arouca, que duram até aos dias de hoje enquanto ícones desta cidade (Visita à cidade de Aveiro n.d.).

Todo um inventário poderia ser aqui elencado, no entanto cingiu-se este capítulo apenas à referência de alguns elementos característicos que comprovam certamente a extensão imensa do património existente nesta cidade litoral (contudo fica o ressalvo que estes foram os primeiros apontamentos de todo um levantamento apresentado posteriormente na descrição projetual).

Mas como inúmeras cidades europeias, Aveiro tem sofrido os efeitos da deslocação da indústria para as imediações, acarretando consigo alterações da morfologia urbana, o redesenho social e

consequentemente a difusão de toda a cultura local inerente (Visita à cidade de Aveiro n.d.).

Apesar da cidade apresentar um espólio patrimonial singular, este parece cada vez mais desassociado da cidade, espalhado por zonas periféricas, acabando por se afastar não apenas da comunidade Aveirense, que cada vez mais desconhece a riqueza que a sua própria cidade detém, mas igualmente da comunidade exterior que não procura naturalmente conhecer a cidade fora do seu circuito turístico.

O exemplo da empresa Vista Alegre, parece apresentar-se como um caso bastante identificativo desta situação. A qualidade da sua cerâmica é conhecida internacionalmente, destacando-se a porcelana fina, no entanto a fábrica e todos os serviços relativos à mesma, incluindo o centro de visitas, situam-se em Ílhavo (vistaalegreatlantis). Um elemento tão forte da economia local, poderia certamente manter a sua situação empresarial onde se encontra atualmente, no entanto seria um ato pertinente mobilizar o seu pequeno “museu”, onde é possível ficar a conhecer a história da empresa e todo o desenvolvimento dos seus produtos, para uma zona onde a sua acessibilidade fosse mais próxima do núcleo turístico da cidade.

Outro exemplo, este que destaca a falta de conhecimento relativo ao património Aveirense por parte dos próprios habitantes locais, inclusive as entidades turísticas responsáveis, é a escassez de informação e o embaraço no discurso encontrados aquando a investigação em campo para a concretização do levantamento projetual aqui apresentado.

Esta realidade torna-se incontestável quando existe, de facto, uma preocupação por parte das Entidades Municipais de tentar criar projetos que procurem dinamizar e valorizar a cidade. A BUGA, Bicicleta de utilização gratuita de Aveiro, indubitavelmente das tentativas mais comentadas, procurava através da prestação de um serviço de mobilidade, que se encontrava estrategicamente espalhado por toda a cidade, oferecer ao seu utilizador um meio de transporte que propiciava a experiência de conhecer Aveiro (Moveaveiro).

Em 2008, a Câmara Municipal oficializou ainda a construção de uma Carta do Património Cultural de Aveiro, que tinha como foco a salvaguarda, valorização e dinamização do património local (portal d’Aveiro). No entanto todos estes planos não parecem estar a introduzir melhorias consideráveis na valorização da cidade.

O património Aveirense, aos olhos deste estudo, parece continuar disperso, mal comunicado e sem qualquer perspetiva de mudança. É então na tentativa de reverter esta situação, que esta matéria é trazida para a proposta em causa.



Figura 16 Avenida Doutor Lourenço Peixinho

2.2 A Avenida Doutor Lourenço Peixinho

2.2.1 Análise Diacrónica

A Avenida Doutor Lourenço Peixinho é talvez a mais peculiar rua existente em Aveiro, não só por todo o seu papel histórico no desenvolvimento da cidade, mas pelas suas características físicas ímpares. O centro urbano Aveirense apresenta dois elementos delimitadores físicos, a ria e as linhas férreas, curiosamente elementos que coincidem com o início e o término desta artéria. Este eixo na sua extremidade Este vai de encontro à Estação de Caminhos de Ferro, tornando-se assim metaforicamente na “porta de entrada” turística para a cidade, e no lado Oeste colide com o canal central da ria (esta análise física será posteriormente apresentada, Parte 2; Cap.3).

Com base na pesquisa bibliográfica efetuada, salientando-se os documentos “O Futuro da Avenida Dr. Lourenço Peixinho”, documento resultante do seminário com o mesmo nome, de Novembro de 2008, e o relatório “Avenida Dr. Lourenço Peixinho, Diagnóstico e Primeiras Terapêuticas”, executado pela Arq. Ângela Cunha, é seguidamente estruturada uma análise histórica deste território.

Apesar do seu posicionamento físico perante a restante envolvente territorial parecer inalterado desde o seu aparecimento, a imagem da Avenida Doutor Lourenço Peixinho sofreu inúmeras transformações desde o séc. XIX.

Com a chegada do comboio à cidade, em 1864, o novo meio de transporte proporcionado na época pela grande revolução industrial, toda a comunidade viu o nascer de uma oportunidade de desenvolvimento da zona. Mas para que esta oportunidade fosse colocada em prática, existia a necessidade de aproximar o desvio da linha férrea à cidade já existente (Cunha 2006; O Futuro da Avenida Dr. Lourenço Peixinho 2008).



Figura 17 – Abertura da Avenida.

Assim nasceu a Avenida como solução para este problema. Presenteou-se a cidade com um espaço preocupado com a higiene, limpeza e brio das construções, questões que anteriormente não eram pensadas, com a circulação, esta cada vez maior, de peões e viaturas, bem como com a apresentação do espaço público, não só para os seus habitantes, mas para os seus visitantes. Positivamente, todo este crescimento do centro de Aveiro, desencadeou numa renovação contagiante para toda a sua periferia.

Esta nova ramificação da cidade teve também um papel importantíssimo quanto à absorção de novos equipamentos que foram surgindo após a industrialização. Como consequência, diversas funções, destacando-se a vertente comercial que anteriormente se situava nas imediações, transferem-se para a Avenida, que entretanto tornou-se num íman da sociedade. A habitação, o trabalho e o lazer, passam a culminar todos no mesmo espaço.



Figura 18 – Desenvolvimento da Avenida.

Com o desenrolar dos anos, assistiu-se a diversas tentativas de adaptação desta via à metamorfose que ia ocorrendo na sociedade, contudo a maioria não se mostrou bem sucedida. Entre demolições de edificações originais, alterações das cêrceas permitidas (o que hoje em dia se reflete quando se tenta qualificar urbanisticamente a Avenida), há um aumento do caos. Isto levou a uma sobre-exploração da zona sem qualquer noção das consequências, entre elas o desfasamento entre a realidade deste espaço com a cidade envolvente (*ibidem*).

Em 2004, com o projeto PU da cidade de Aveiro, a Avenida é comparada a um “catálogo” (Ante-Plano de Urbanização de Aveiro n.d., in O futuro da Avenida Dr. Lourenço Peixinho 2008, 18), onde é visível toda uma diversidade de épocas através das suas edificações, que vão desde o Neoclássico, Arte Nova, Português Suave, onde proliferavam as fachadas decoradas, ao Modernismo com os seus primeiros edifícios de betão. São igualmente de ressaltar algumas construções arquitectónicas mais recentes, resultado de um casamento entre a engenharia e a inovação, tal como o edifício do Mercado Manuel Firmino, que trazem uma perspetiva utilitária para

primeiro plano. Toda esta junção de estilos, uns mais evidentes que outros, criam uma imagem única, que é a Avenida Doutor Lourenço Peixinho (Cunha 2007, in O futuro da Avenida Dr. Lourenço Peixinho 2008).



Figura 19 – Cinema Avenida, na década de 60.

A conclusão a que se chega quando se finaliza esta análise diacrónica, é que não é possível voltar atrás e corrigir os erros cometidos. Será necessário ter uma visão consciente a partir de agora e tentar adaptar o que existe, na tentativa de preservar o bom que este espaço ainda conserva.

No entanto é indispensável ter a noção da dificuldade que é encarar este compromisso. A Avenida parece ter perdido todo o seu esplendor económico e social. Manter todo o património que se encontra nesta artéria, reorganizando o seu funcionamento, que claramente se encontra desatualizado e desfigurado, de forma a que se torne novamente num “espaço imaginável” (Lynch 1959), apresenta-se como um desafio ambicioso.

2.2.2 Análise das Patologias

A Avenida Doutor Lourenço Peixinho, apesar de todos os desenvolvimentos aparentemente nocivos que foi sofrendo ao longo dos tempos, neste momento ainda se pode considerar como um espaço com alguma importância para a cidade de Aveiro. No entanto, se este desfalecimento constante não sofrer uma atuação que altere este rumo, num futuro próximo poderá ter-se uma Avenida esquecida, privada de vida e completamente desfasada da realidade atual em que se vive. Para que haja um entendimento dos motivos que levam ao abandono deste eixo, é necessário analisar as suas patologias.

A sociedade contemporânea tem evoluído a um ritmo acelerado, e por consequente as suas necessidades (Parte 1; Cap.1), evolução esta que não mostra sinais de estar a ser acompanhada por esta artéria, tornando-a assim desajustada às exigências dos seus habitantes e visitantes.

Na questão da habitação ressaltam imediatamente diversas questões. Devido ao valor demasiado elevado das rendas, parece existir nesta artéria um reduzido número de habitantes permanentes. Naturalmente pela centralidade do eixo em relação à cidade, os proprietários dos imóveis que aqui se encontram sentem-se tentados a aumentar o valor monetário por habitação, o que leva, a par com outros problemas associados a esta via, a uma mobilização da população para a periferia. Acrescida a esta situação não se pode deixar de mencionar o facto de que a comunidade que já habitava este núcleo tende a envelhecer, resultando numa constante desabitação dos edifícios espalhados pela Avenida. Ressalta-se também a desvalorização constante do património arquitectónico que, a cada dia que passa, apresenta sinais de deterioração evidentes.



Figura 20 – Edifício abandonado para venda.

Mas não cingindo esta análise apenas ao edificado, a questão da reorientação da circulação automóvel, uma medida tomada por parte do município apenas há uns anos atrás, seguida da construção de uma viaduto sob a Estação de Caminhos de Ferro que, segundo o Arq. Paulo Anes (in O futuro da Avenida Dr. Lourenço Peixinho 2008, 49) foi uma intervenção que “esventrou” a Avenida, é notória a descaracterização drástica tolerada por este território. Entende-se que a Avenida, outrora viva e agitada, agora vê-se reduzida à existência de uma mera via rápida, uma passagem para outros locais com outros atractivos, pois o eixo central em si deixou de ser apelativo para justificar uma viagem.

Juntamente com as patologias ao nível da habitação e circulação, acrescenta-se ainda o estagnar do comércio. Sem procura e com concorrência das grandes superfícies a florescer de rompanete, os comerciantes viram-se forçados a desistir, tendo talvez aqui começado a verdadeira necrose da Avenida Doutor Lourenço Peixinho. Desprovida do negócio que atraía a população exterior e de espaços de lazer, hoje em dia esta via não se parece mais do que um espectro da cidade.

Já foi o tempo em que a Avenida era representativa de Aveiro,

cuidada ao extremo, fosse em termos estéticos, funcionais ou culturais. Era uma cidade para o Aveirense e representava o Aveirense. Oferecia conforto aos locais e aos que se encontravam de passagem, oferecia segurança, lazer, “diversidade” (a base para uma vida urbana saudável, segundo Jane Jacobs, 1961), cultura regional... Por contraponto, hoje, a Avenida apresenta-se a quem a observa como um espaço descuidado, sem vida e sem perspectivas de oferta para quem tenha a tentação de a visitar.

Dada a situação em que este espaço se encontra, conclui-se que todo o esforço que foi feito até agora, não foi suficiente, ou talvez mal direccionado, manifestando-se assim numa necessidade urgente de atuação, que revitalize todas as capacidades desta Avenida e as reajuste às necessidades da sociedade dos dias de hoje.

O testemunho da gravidade desta situação é comprovado com o aparecimento de grupos como os *Amigos d’Avenida*. Este grupo de locais tomou forma em Novembro de 2008, com o objetivo máximo de apelar e comunicar à restante comunidade, através do seu blog, questões preocupantes que se vão materializando, e para as quais são necessários apoios não só por parte dos habitantes, mas também das entidades do Município. Apesar da pouca idade, esta associação tem vindo a crescer e a tomar posição em diversas decisões não só relativas a esta Avenida, mas também a outros espaços em Aveiro (*Amigos d’Avenida*).



Figura 21 – Recortes de jornais com notícias relativas aos “Amigos d’Avenida”.

Mais recente é a iniciativa por parte da própria Câmara Municipal, que traz para primeiro plano um programa de requalificação para este território. Este plano pretende vir a atuar não só na transformação do edificado e morfologia da própria Avenida, onde as principais ações passam por criar duas praças, em que uma delas será totalmente pedonal, juntamente com a construção de um parque de estacionamento subterrâneo, mas também criar uma dinâmica que intenta dinamizar o comércio e a cultura inerentes a esta artéria (Cunha in Diário de Aveiro 2012).

No entanto é necessário avaliar conscientemente, mais uma vez, o resultado que estas intervenções vão trazer para esta Avenida. Tendo em conta todo o seu percurso até à atualidade, seria talvez de esperar uma visão mais focalizada na reabilitação dos edifícios que claramente se deterioram a cada dia que passa, dando a esta artéria uma imagem abandonada. Seria indubitavelmente um processo que traria diversas complicações visto que a maioria do edificado nestas condições pertence a privados, mas certamente seria uma intervenção significativamente mais regenerativa, que transformaria por completo a imagem desta Avenida.

“Para o social-democrata (Paulo Anes), o verdadeiro problema é o facto da Avenida “perder população residencial e comercial e a falta de vida no interior dos edifícios”, enquanto a proposta são “medidas de cosmética” (Peixinho in Diário de Aveiro 2012b).



Figura 22 – notícias Diário de Aveiro, Outubro 2012.



Capítulo 3

Enquadramento do projeto

“A Avenida é uma via estruturante para a cidade, uma peça fundamental no puzzle de espaços que a compõem. É possível recriar o que foi em tempos o orgulho da cidade” (O futuro da Avenida Doutor Lourenço Peixinho 2008, 11).

O projeto que aqui se apresenta teve o seu impulso inicial aquando a solicitação de um exercício no âmbito do presente mestrado, que incidia na escolha e análise de um território específico da cidade de Aveiro, no qual deveria ser visível uma situação intrincada e onde o papel do Designer atenderia como uma mais valia para a sua solução.

Apesar do já longo contacto pessoal com o território, o que demonstrou ser posteriormente uma mais valia no desenvolvimento do projeto, este foi o primeiro momento em que a Avenida Doutor Lourenço Peixinho foi examinada enquanto estudante da área do Design, e não enquanto habitante. Desta observação inicial, que integrou essencialmente a pesquisa de campo e o conhecimento empírico, surgiu a escolha e a motivação para trabalhar com este território.

O passo seguinte consistiu na apresentação de uma proposta de projeto que sugeria a reabilitação desta Avenida enquanto parte integrante da cidade. O objetivo delineado tencionava resgatar para uma realidade atual modernizada e globalizada esta artéria que claramente se encontra descontextualizada perante a sociedade não só que a habita, mas que a visita.

Tendo em consideração a necessidade de uma base consistente e aprofundada de investigação e material bibliográfico que estruturasse um conhecimento forte para o posterior planeamento do projeto, foi efetivado um primeiro contacto com a Câmara Municipal de Aveiro, na tentativa de estabelecer uma ligação com alguma figura responsável pertencente a esta entidade, que pudesse contribuir para esta investigação.

Após algumas tentativas, foi possível entrar em contacto com a Arquiteta Maria Ângela Cunha, técnica do Departamento de Planeamento e Desenvolvimento Territorial da Câmara Municipal, responsável por grande parte do trabalho de investigação e projetos realizados na Avenida Doutor Lourenço Peixinho.

Foi então agendada uma reunião a título informal com a arquiteta, com o intuito de lhe apresentar as intenções até ao momento ponderadas, tentando desde cedo ter um *feedback* claro quanto à viabilidade da proposta em causa. Tendo em consideração que a Arq. Ângela Cunha tem um suporte de informação e contacto com a Avenida bastante consistentes, o parecer positivo que resultou dessa

reunião foi de facto um momento decisivo para o avanço deste projeto.

Em termos de material bibliográfico demonstrou ser igualmente um precioso apoio, onde foram facultados diversos documentos relativos ao território, alguns de informação prática, levantamentos e estudos já realizados por parte de elementos da Câmara Municipal, outros de índole histórica, bastante prestáveis na criação de um conhecimento aprofundado e sustentado do território em análise.

Partindo da premissa que o centro histórico não existe enquanto área individual, mas como parte integrante da cidade a que pertence (Tavares 2008), neste caso a cidade de Aveiro, pareceu fazer sentido não focalizar desde logo a investigação no território da Avenida, mas antes fazer uma pesquisa partindo do geral para o particular.

Fase de Investigação

. A envolvente citadina

Recorrendo a métodos de pesquisa etnográfica, de levantamento de dados e pesquisa de campo, a primeira etapa do processo de investigação fixou-se na observação da área da cidade periférica à Avenida. O objetivo final centrava-se na concretização de um mapeamento que apresentasse toda a situação atual relativa à envolvimento do território em estudo, por forma a entender que tipo de serviços e atividades a rodeiam.

Em primeira análise confirmou-se que as limitações físicas do centro da cidade são coincidentes com os “limites” (Lynch 1959) da Avenida, onde a ria de Aveiro intersesta esta artéria a Oeste e as linhas dos Caminhos-de-Ferro a Este. Através desta observação inicial, é possível deduzir que este território forma uma via claramente ligada ao turismo.

A estação de comboios utiliza a Avenida como primeiro contacto dos visitantes com a cidade de Aveiro, obrigando-os a percorrer esta artéria para se dirigirem até à zona turística, que se encontra circundante à zona da ria. Infelizmente também se constatou que este espaço não está estruturado de forma a receber esta comunidade turística. A Avenida existe apenas como uma rua de passagem obrigatória, sem qualquer fator atrativo que alicie os visitantes.

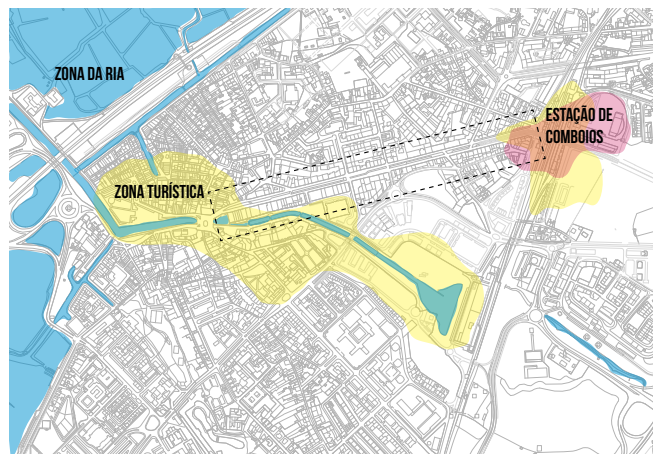


Figura 23 – Zona da Ria, Zona turística e Estação de Comboios.

Foi possível também verificar toda uma envolvente de zonas habitacionais à sua volta, a par com núcleos de serviços ligados ao ensino, o que traz para campo a hipótese de investir em áreas ligadas à educação, conhecimento e cultura. A par com esta análise direta do território em estudo, foi viável também começar a delinear o público-alvo do projeto. Claramente o objetivo passa por focalizar o planeamento em atividades turísticas, pois tal como já descrito

anteriormente a Avenida é concretamente um território de excelência para esta área, mas deve existir o cuidado de incluir a população aveirense, especialmente estes núcleos habitacionais e escolares nestas ações.

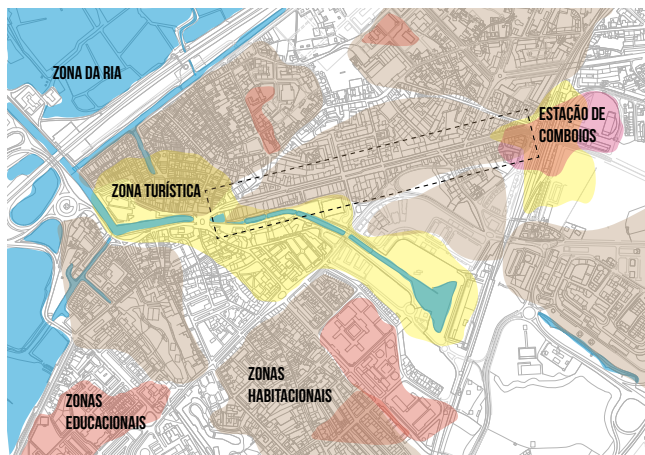


Figura 24 – Zonas habitacionais e Zonas educacionais.

As zonas verdes são também uma realidade que envolve a Avenida, o que a par com a existência do canal principal da ria que decorre mesmo ao lado desta artéria, acrescenta uma vertente ambiental ao projeto. Esta possibilidade de interação com o projeto fica no entanto relegada para segundo plano, pois entende-se que estes individualmente já representam uma mais valia para o território por existirem ao seu redor. É possível entender esta perspetiva quando se analisa o parque do Rossio, onde já existe uma dinâmica muito própria com toda a envolvência de edifícios de Arte Nova, bem como a sua proximidade à ria e às atividades turística inerentes, e também o parque da Fonte Nova, que atrai dezenas de habitantes aos fins-de-semana que pretendem praticar desporto ou simplesmente desfrutar de uma bela paisagem.

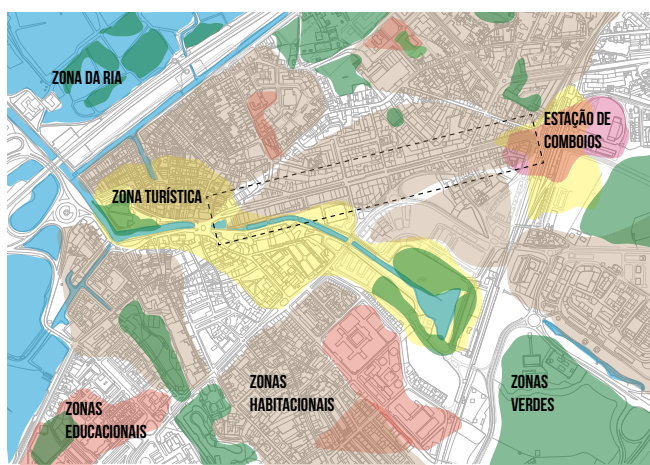


Figura 25 – Zonas verdes.

Para finalizar foram estudadas as zonas envolventes onde existem concentrações de comércio, serviços e parques de estacionamento. O território em estudo, a Avenida Doutor Lourenço Peixinho, para além de ser toda ela uma zona de habitação, detém a lado Este uma área claramente mais ligada aos serviços, cruzando-se com a zona turística já referida, e a Oeste uma área mais ligada ao comércio.

Esta observação pretendia ir ao encontro das possibilidades até então avaliadas para o planeamento a realizar. Aquando a execução do projeto mostrou-se extremamente útil perceber a proximidade destas áreas, por forma a criar uma proposta que não vivesse como unidade singular, mas que convivesse com o território envolvente.

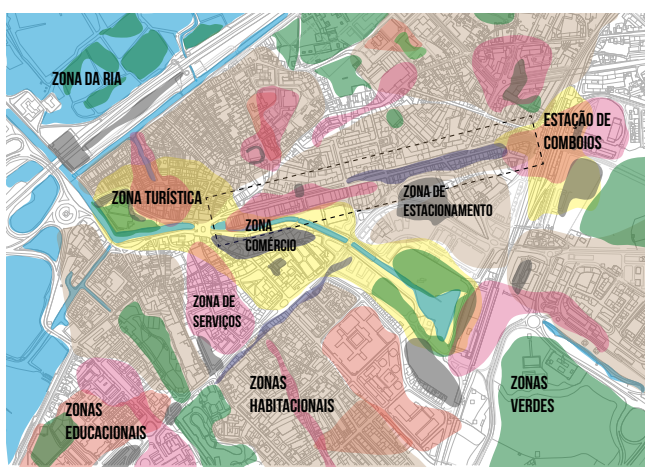


Figura 26 – Zonas de Comércio, Serviços e Estacionamentos.
(mapeamento em tamanho real em anexo)

. A Avenida

Nesta fase de investigação, depois de percepcionada a relação da cidade com a Avenida, sentiu-se a necessidade de fechar o foco de pesquisa e iniciar uma observação detalhada do território escolhido.

Em primeira análise foi submetida à investigação toda a contextualização e desenvolvimento histórico da Avenida. Com base na bibliografia encontrada relativa a este território, construiu-se um levantamento de fotografias antigas e mapas onde fica evidente a evolução que o centro histórico sofreu e toda a alteração morfológica realizada aquando a construção desta via. Faz-se destaque ao mapa datado de 1865, retirado do documento “A Arquitetura da Avenida” de Sara da Cruz, onde é possível comprovar a necessidade da construção da Avenida Doutor Lourenço Peixinho, quando comparada neste documento com o antigo caminho que fazia a ligação à Estação.



Figuras 27 e 28 – Mapas históricos da Avenida.

(restante levantamento em anexo)

Quanto ao levantamento fotográfico foram retiradas também conclusões igualmente valiosas. Deixou-se de ter um espaço essencialmente rural, onde a maioria das habitações aparentavam uma humildade típica, para passar a existir uma rua larga, já com as duas vias desde a sua construção, onde a qualidade dos imóveis e todos os elementos característicos de uma rua principal, transpiravam inovação e qualidade de vida.



Figura 29 – Fotografias antigas da Avenida.

(restante levantamento em anexo)

O passo seguinte procurou ser a confirmação do estado atual em que se encontra esta artéria. Apesar da extensa bibliografia que corrobora as diversas patologias que levam ao abandono confirmado deste espaço (Parte 2; Cap.2), julgou-se essencial realizar novamente uma pesquisa de campo para confirmar pessoalmente essa posição.

Foi então realizado um levantamento fotográfico do território na data de 27 de Outubro de 2010. Apesar de terem sido tiradas fotografias ao panorama geral que é possível visitar, a incidência refletiu-se no edificado, essencialmente devido ao estado necroso que aparenta, o que leva a concluir que será talvez a patologia mais evidente e mais preocupante desta artéria.



Figura 30 – Fotografias atuais da Avenida.
(restante levantamento em anexo)

Por comparação, através de todas as etapas fotográficas, é notório o desenvolvimento e descaracterização suportada por esta Avenida, tal como já tinha sido referido na descrição teórica anterior.

. O edificado

Como último momento desta análise que procurava ir diminuindo a escala de observação, e continuando a pesquisa já iniciada no momento anterior quando fotografados os edifícios, preparou-se um mapeamento que estudou os imóveis individualmente, tendo em conta alguns parâmetros previamente selecionados.

Com base maioritariamente na documentação cedida pela Câmara Municipal, onde já tinham sido elaborados alguns estudos deste género, delimitou-se que os critérios a ter em conta para a investigação de cada caso seriam os seguintes:

- . Identificação do edifício
- . Identificação de ocupações anteriores
- . Época de construção
- . Fase arquitetónica onde se insere
- . Tipo de ocupação (classificado pelo planeamento urbanístico da Câmara)
- . Número de cêrceas
- . Grau de classificação (classificado pelo planeamento urbanístico da Câmara)
- . Grau de conservação (classificado pelo planeamento urbanístico da Câmara)

Naturalmente esta informação, apesar de no momento ter sido avaliada e em algumas situações até atualizada, existem parâmetros que não foi possível preencher por falta de informação. No entanto pensa-se ter conseguido um resultado bastante satisfatório, que auxiliou significativamente a concretização do projeto.

Tendo em conta o volume de informação e a necessidade de a comunicar de forma clara no mapeamento que se pretendia estruturar, os 108 edifícios estudados foram agrupados consoante o seu tipo de ocupação.



Figura 31 – Levantamento do edificado.

(mapeamento em tamanho real em anexo)

Este primeiro momento de investigação relativo ao território mostrou ser bastante produtivo. A metodologia de focalização gradual levou a resultados bastante pormenorizados e o conhecimento obtido provou ser extremamente útil para o projeto que intenta a reabilitação local.

Indubitavelmente, a cidade necessita de ter uma relação com o trabalho que se tenciona realizar e toda a informação relativa à periferia envolvente fortaleceu possibilidades de projeto que até então não tinham sido ponderadas. A vertente turística deve trabalhar em uníssono com a comunidade habitante por forma a que a reabilitação em causa não seja apenas um projeto provisório, mas apenas o início de uma nova vida urbana.

. Delineamento Estratégico

Dado o estado já avançado em que o estudo da Avenida se encontrava nesta fase, foi necessário começar a delimitar mais criteriosamente o planeamento estratégico. Para tal, e porque entendeu-se que os mapeamentos anteriores apresentavam escalas muito distintas, foi realizado um último esquema do território.

Tendo em atenção toda a informação recolhida através da pesquisa bibliográfica e dos levantamentos de campo, pareceu ser uma escolha quase imediata a opção de trabalhar com o edificado que se encontra totalmente ou parcialmente abandonado.

Segundo o levantamento concretizado, existem até ao momento 23 edifícios desocupados, espalhados pela Avenida, em que a maioria aparenta estar totalmente devolutos. A decisão de concretizar uma proposta para a reabilitação destes imóveis surge com a consciencialização da aparente falta de planos futuros, por parte dos proprietários, para estes mesmos espaços, e a noção do potencial que cada um tem, não só pelo seu valor histórico e arquitetónico, mas pela capacidade que se acredita deterem de reabilitar esta artéria do centro de Aveiro.

A par com estes edifícios, foram ainda apontados os 4 centros comerciais existentes nesta Avenida, todos eles com uma paisagem igualmente abandonada. Por uma questão de escolha, estes foram deixados estrategicamente para segundo plano pela sua dimensão, o que obrigaria quase a que fosse realizado um projeto para cada um dos mesmos. No entanto estes fazem parte da investigação e dos levantamentos até ao momento final da definição do projeto.

Para além da seleção dos espaços urbanos específicos para o projeto, era necessário estipular que tipo de conteúdo se intencionava projetar. Este foi o momento em que ficou definido, dentro das capacidades do Design Estratégico e tendo em conta as intenções inerentes à reabilitação em vista, que proposta iria ser delineada.

Para uma rua como a Avenida Doutor Lourenço Peixinho, com o potencial turístico evidente já referido, numa cidade como Aveiro, com um património local tão característico, mas que, segundo opinião pessoal, encontra-se disperso e mal comunicado (Parte 2; Cap. 2), pareceu ser o casamento ideal de um território e um conteúdo, ambos com carências que necessitam ser colmatadas. O que se pretende propor então, é um projeto que, ao articular estas duas identidades tão próprias, consiga potenciar cada uma delas, através da outra.

Neste último mapeamento estão de novo assinaladas as zonas demarcadas no primeiro mapa (zona turística, da estação, estacionamentos,...), mas são-lhe acrescentadas novas informações que já espelham esta posição estratégica aqui descrita.

No panorama do edificado estão salientados os 22 edifícios abandonados, mais os 4 centros comerciais, onde é possível não só observar a quantidade preocupante de imóveis nestas condições, como a interessante disposição que apresentam na imagem geral desta artéria. É quase possível comparar esta paisagem a um corredor típico de lojas que se espalham de um lado e doutro dentro de um centro comercial. Os quarteirões periféricos continuam assinalados neste planeamento para que sejam visíveis alguns espaços/entidades já existentes na cidade que podem posteriormente ser chamadas a interagir com o projeto em construção.

Nesta produção ficaram também pensadas as zonas “temáticas” de intervenção. Apesar de ainda não ter sido realizado até este momento o estudo e levantamento do património de Aveiro, através do conhecimento já existente sobre a cidade, foi natural o processo de escolha. A Avenida foi então repartida em três grandes áreas: a zona histórica e turística, a zona da contemporaneidade e a zona da mobilidade (mais informação no mapeamento).

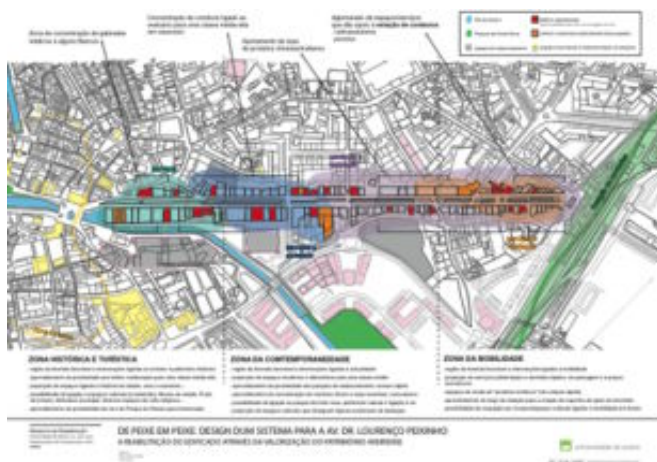


Figura 32 – Mapeamento com o início do delineamento estratégico.
(mapeamento em tamanho real em anexo)

. Casos Emblemáticos

Apesar de já estarem delineadas nesta fase do projeto as principais intenções estratégicas, sentiu-se no entanto a necessidade de completar este processo com a aplicação da metodologia de levantamento de Casos Emblemáticos. Estes não serão aqui novamente apresentados (Parte 1; Cap.3), mas fica o apontamento que se situou neste momento a sua investigação e o seu levantamento. Com toda a informação encontrada, foi possível apresentar uma narrativa para cada um dos territórios escolhidos, onde se procurou salientar os elementos e características julgadas pertinentes para a realização deste trabalho.

. Levantamento do Património Aveirense

Foi então iniciado um novo momento de investigação. Nesta fase em que já existia consciência dos objetivos gerais que se intentavam realizar no projeto, pausou-se a pesquisa relativa ao território a intervir, para dar início ao levantamento do património pertencente à cidade de Aveiro.

Apesar da extensa riqueza de património gastronómico, histórico, cultural, etnográfico,... que a cidade detém, não foi possível encontrar um levantamento geral que pudesse dar início a este trabalho. Depois de uma procura abrangente realizada perto da Câmara Municipal, do Posto de Turismo, do Museu da Cidade e outras entidades que se supunham detentoras desta informação, a resposta obtida pareceu ser análoga: Não consta existir nenhum documento global relativo ao património de Aveiro. Apenas é possível encontrar alguma informação procurando em livros específicos das áreas que se pretende abordar.

Tendo em conta esta informação, a primeira preocupação antes de avançar para a pesquisa bibliográfica, passou por definir que “áreas” do património seriam interessantes averiguar. Esta escolha partiu do conhecimento empírico relativo ao tema e de alguma bibliografia inicial consultada aquando a procura do levantamento anteriormente referido.

Os núcleos de informação fixados foram: Gastronomia, Usos e Costumes, Território, História, Arquitetura, Natureza, Figuras de Destaque, Desporto, Empresas e Comunicação e Cultura.

Para cada uma das áreas foram investigados os elementos patrimoniais que se julgou serem mais relevantes, até que fosse possível assegurar um levantamento consistente. Por questões pragmáticas foi impossível completar este trabalho como se idealizava, pois o facto de ter sido definida uma panóplia considerável de informação a investigar, tornar-se-ia impossível temporalmente a realização de todo o projeto.

No entanto o resultado foi satisfatório. O levantamento parece referir os elementos patrimoniais mais relevantes aquando se reflete sobre a cidade de Aveiro.



Figura 33 – Levantamento do património Aveirense.
(mapeamento em tamanho real em anexo)

Concretização da Proposta

. Objetivos

O objetivo geral do projeto é a concretização de uma proposta de reabilitação da Avenida Doutor Lourenço Peixinho, através do Design Estratégico e de Serviços, visando a comunicação, utilização e valorização do património da cidade de Aveiro, a fim de reavivar não só o território em causa, mas também o conteúdo patrimonial lá instalado.

A Avenida Doutor Lourenço Peixinho é visionada como um território a encaminhar para a realidade atual, progredindo para um “Espaço dos Fluxos”. Segundo Castells (in Nicolaci-da-Costa 2005, 5), este implica *“a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos. Por fluxos, entendo as sequências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais nas estruturas económica, política e simbólica da sociedade”*. Espera-se que o resultado seja a efetivação de um lugar onde exista uma nova organização social baseada no conceito de “sociedade em rede”.

Esta noção de “rede” (Parte 2; Cap. 1) que se pretende enfatizar, aplica-se não só a todo o projeto proposto para a Avenida em estudo, mas para toda a cidade. Ao reabilitar a Avenida enquanto “rua física”, deseja-se contaminar a periferia através desta iniciativa, interagindo com entidades, associações, museus,... existentes na cidade de Aveiro potenciando sinergias que conduzirão a uma maior dinamização destes serviços e produtos. A intenção é impulsionar um movimento de regeneração em cadeia por toda a cidade.

Outra ideia que deverá ficar aqui presente é a questão da experiência que se tenciona transpor para os visitantes. Não é ao acaso que se faz a comparação do posicionamento do edificado abandonado ao longo da Avenida, com um corredor de lojas num centro comercial (delineamento estratégico).

Cada vez mais, hoje em dia, é valorizada a questão da experiência lúdica em qualquer tipo de atividade realizada. Segundo Peixoto (1995), vive-se numa época em que o consumidor já não se dirige isoladamente aos centros comerciais e hipermercados, mas com a família, o que leva a um estreitamento relacional entre as práticas de consumo e de lazer que desembocam num inevitável e previsível aumento de gastos monetários, num ambiente que passou a ser festivo.

O que se pretende não é atribuir uma conotação de “produto para consumo” ao património, pois iríamos cair numa desvalorização do mesmo, mas a possibilidade de aproximar este mesmo património ao público visitante. Apesar da existência de espaços para compra de lembranças e de áreas de restauração, pois o projeto não se mantém

sem qualquer lucro económico, o propósito do consumismo aqui, remete para um consumo de conhecimento e de cultura. A Avenida transformar-se-ia num núcleo de experiências lúdicas e culturais, numa concentração de espaços de fruição.

. Questões técnicas

Apesar do estudo relativo à artéria central da cidade ter-se mostrado exaustivo, achou-se cauteloso investigar nesta etapa mais avançada algumas questões técnicas urbanísticas, para que não se caísse no erro de propor algo que na prática não pudesse ser aplicado.

Novamente os contactos realizados com o Departamento de Planeamento e Desenvolvimento Territorial da Câmara Municipal, revelaram ser preciosos ao facultar o estudo urbanístico relativo ao território em causa, onde foi possível conhecer todas as normativas necessárias para o trabalho, bem como os alçados de cada um dos edifícios.

Junto com o levantamento integral do Estudo Urbanístico, foi também realizado um aprofundamento dos conhecimentos existentes relativos a cada edifício. Lembra-se que já havia sido realizado um levantamento dos 108 edifícios distribuídos nesta Avenida, no entanto, faltavam informações pertinentes para a concretização do projeto.

Visto que neste momento já estavam limitados os imóveis com os quais se pretendiam trabalhar, esta nova investigação, também baseada na informação fornecida pela Câmara, é apenas focada no edificado abandonado (parcial ou total).

Para cada construção são indicadas as seguintes informações:

- . Numeração atribuída a cada edifício
(que se mantém em todo o processo posterior)
- . Indicação do lado “geográfico” (Norte ou Sul)
- . Época de construção
- . Grau de classificação
- . Grau de conservação
- . Número de pisos
- . Tipo de ocupação
- . Características morfo-tipológicas
- . Área do edifício (m2)
- . Classificação pelo PUCA
(legenda atribuída pela Câmara no Estudo Urbanístico)

- . Nível de intervenção: 1 para manutenção; 2 para alterações parciais; 3 para possibilidade de substituição total
- . e em alguns casos, uma pequena descrição arquitetónica retirada do documento “Rasgar de novos horizontes”, de Ana Gomes e Helena Monteiro (1999).



Figura 34 – Exemplar do levantamento, Edifício 1.
(restante levantamento e estudo urbanístico em anexo)

. De Peixe em Peixe: um sistema

Dado por terminada a investigação e o delineamento estratégico, iniciou-se então a concretização da proposta para a reabilitação da Avenida Doutor Lourenço Peixinho. Depois de reunidas todas as informações que se julgaram relevantes, já era possível fazer a ligação entre o território da Avenida e o Património da cidade de Aveiro.

Antes de mais, foram contabilizados os 23 edifícios por números de andares e averiguados aqueles que se encontravam totalmente abandonados em contraposto aos parcialmente vagos, na tentativa de associar estes espaços com as 10 temáticas pelas quais o património foi dividido.

Tendo sempre em atenção a delimitação estratégica já estipulada anteriormente, onde a Avenida foi repartida em três áreas, a zona histórica e turística, a zona da contemporaneidade e a zona da mobilidade, surgiu nesta fase alguma dificuldade na gestão destes elementos. A par com esta situação, era necessário também determinar se seria utilizado todo o edificado no projeto ou apenas parte do mesmo, sendo que a primeira opção exigia um dispêndio temporal para além daquele disponível.

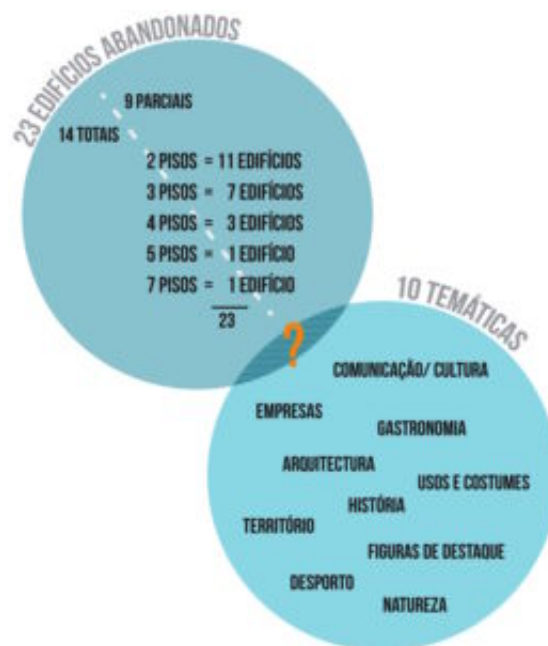


Figura 34 - Contabilização do edificado + temáticas.

Para a dissolução destes conflitos foram ponderadas 3 opções. A primeira proposta seria a utilização apenas do edificado totalmente abandonado, o que já implicaria apenas a projeção de 14 edifícios, mas que no entanto não dispunham de um posicionamento na artéria que favorecesse a estratégia anteriormente pensada, obrigando a uma reorganização dos objetivos.

A ponderação seguinte apresenta um cenário mais drástico e impraticável, que acaba por ir contra as ideologias duma proposta de reabilitação urbana e portanto, imediatamente rejeitada. Neste panorama a opção passaria por sugerir a evacuação dos serviços e comércio que estivessem a ocupar apenas um piso em edifícios que o excedente se encontrasse vago, alargando assim o espectro de possibilidades.

Naturalmente esta situação seria hipotética, transformando este projeto numa mera hipótese teórica, aparentemente mal estruturada e indiferente a todo o contexto atual discutido nos capítulos anteriores (Parte 1).

Como última opção e talvez a mais realista, não só tendo em consideração todas as questões urbanísticas, mas as limitações temporais, sugeriu-se o seguinte cenário:

. não serão selecionados os imóveis pela sua situação de total ou parcial de abandono, mas pelas suas características individuais, sendo que alguns poderão ficar excluídos;

. as diretrizes que conduzirão à estruturação da proposta serão as 3 áreas indicadas para a Avenida, avaliadas em parceria com os serviços que se tencionam propor e com a divisão do património que será consequentemente realizada aquando o planeamento dos serviços.

. na tentativa de valorizar os serviços e o comércio já existentes em alguns edifícios, estes tentar-se-ão enquadrar no sistema, sem que tenham de ser reestruturados.

.quanto ao património, este será subdividido em algumas temáticas que apresentem um número elevado de elementos, na tentativa de valorizar cada um dos mesmos.

Avaliando cada uma das opções consideradas, tendo em atenção os fatores da viabilidade de execução e do cuidado estratégico necessário para que o sistema seja bem sucedido, o último cenário mostrou ser o mais congruente.

O próximo trabalho recaiu na organização de uma listagem simples de serviços e espaços comerciais que poderiam facilmente ocupar estas áreas, tendo em vista o público-alvo de índole turística, no entanto não esquecendo a comunidade local. Esta lista serviu apenas como mera indicação, esboçada para facilitar o planeamento seguinte.

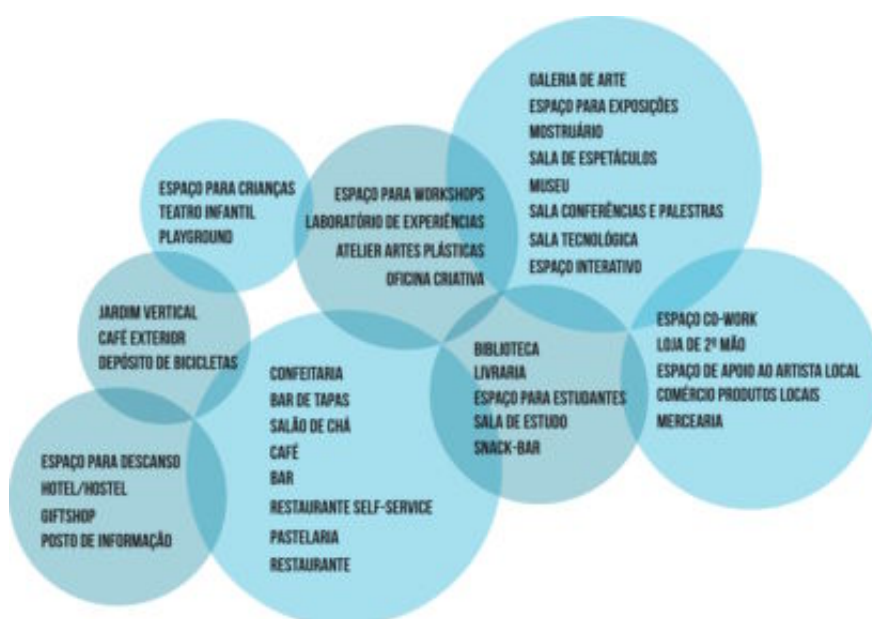


Figura 35 – Listagem de Serviços e Espaços comerciais.

A proposta materializa-se finalmente nesta etapa do processo, no formato de uma infografia, onde o sistema é apresentado. Neste trabalho infográfico é perceptível a relação criada entre os edifícios, representados pelos alçados, e o património Aveirense que se propõe valorizar através da criação de espaços que permitirão a sua comunicação, utilização e usufruto por parte do visitante.

Metaforicamente pode-se afirmar que a lógica utilizada foi simplesmente um “montar de peças”, como se de um *puzzle* se tratasse, onde de um lado existia o edificado, de outro o conteúdo patrimonial e a sua forma de encaixe fossem os diversos serviços e

espaços comerciais ponderados. Como exemplo é possível apresentar o Edifício da Doçaria.



Figura 36 – Exemplo da proposta planeada.

Um imóvel de 3 andares, onde o 2º e o 3º piso se encontram desocupados, mas no rés-do-chão existe a Pastelaria Avenida. Este estabelecimento de renome, conhecido pelos seus Ovos Moles, foi outrora um dos grandes espaços de convívio nesta zona. No entanto, com o esmorecer da própria artéria, esta confeitaria tendeu a perder clientela, sendo hoje em dia apenas frequentada por alguns habitantes próximos de mais idade.

Na tentativa de valorizar este espaço já existente, e aproveitando o património gastronómico “doce” que se pretende inserir num dos edifícios desta via, este pareceu ser o “casamento” ideal. Ressalta-se também a localização deste imóvel que se encontra na zona histórica e turística, de acordo com as delimitações estratégicas marcadas.

Individualmente cada elemento deste sistema foi sendo projetado, resultando na construção de uma proposta para a Avenida Doutor Lourenço Peixinho, onde se integram 15 edifícios temáticos, 3 elementos para o exterior e a sugestão de 3 outros imóveis já existentes que poderiam facilmente ser integrados neste projeto.

Durante este processo algumas indicações foram apontadas, com o intuito de salvaguardar determinadas decisões que poderão, na prática, não ser concretizáveis.

. Pela impossibilidade de visitar fisicamente os edifícios, não tendo portanto uma perfeita noção dos espaços em causa, todas as propostas são feitas com base no número de metros quadrados de cada imóvel. Quando, ou se, esta possibilidade surgir entretanto, terá que haver uma reavaliação dos espaços pensados.

. Todos os pisos onde são indicados mais do que um serviço ou espaço comercial, pretende-se que estes sejam espaços multifuncionais, onde a relação próxima dos vários elementos não surge ao acaso, mas na tentativa de se valorizarem entre si. O

exemplo dos espaços “Café/Bar” significa que, caso legalmente seja viável, são cafés durante o dia e bares durante o horário da noite.

. Todo o sistema será gerido pela “entidade responsável do sistema” em parceria com empresas e associações que terão que ter um peso considerável na implementação, gestão e exploração deste projeto. As entidades indicadas para a exploração dos espaços são apenas meras propostas. Caso o sistema venha a ser implementado, estas poderão ser substituídas por outras do mesmo género.

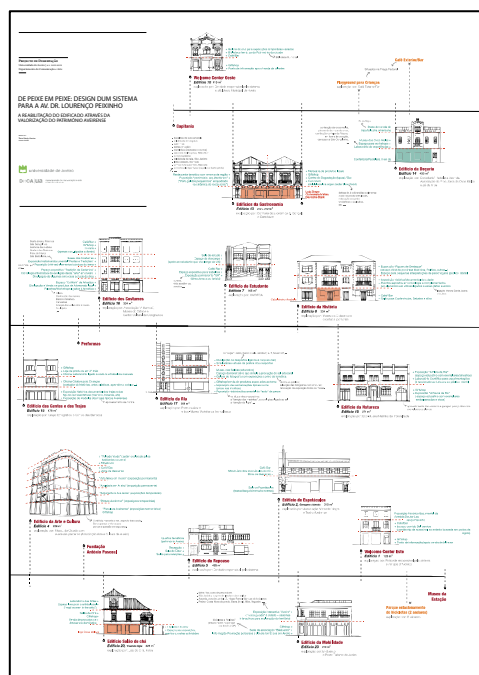


Figura 37 – Infografia para a comunicação do sistema proposto.

(infografia em tamanho real em anexo)

. De Peixe em Peixe: uma gestão

Quando se desenha um projeto com uma componente estratégica como o que aqui se apresenta, é necessário dedicar algum tempo às questões de gestão e administração do sistema. Como tal sentiu-se a necessidade de planificar uma estratégia por forma a entender como é que o sistema será gerido, caso venha a ser posto em prática.

Este planeamento pretendeu responder a diversas questões ligadas à gestão e coordenação entre a entidade responsável pelo sistema e as associações e entidades envolvidas no projeto, de maneira a fortalecer todas as intenções até então descritas. O fluxo de recursos económicos previstos encontra-se aqui também mapeado.

Para que seja perceptível a complexidade de cada um dos edifícios, pois dependendo do seu conteúdo e das coletividades envolventes a

sua gestão será sempre feita de maneira diferente, foram representados 4 esquemas: um esquema geral do sistema e 3 de edifícios escolhidos com exemplos.

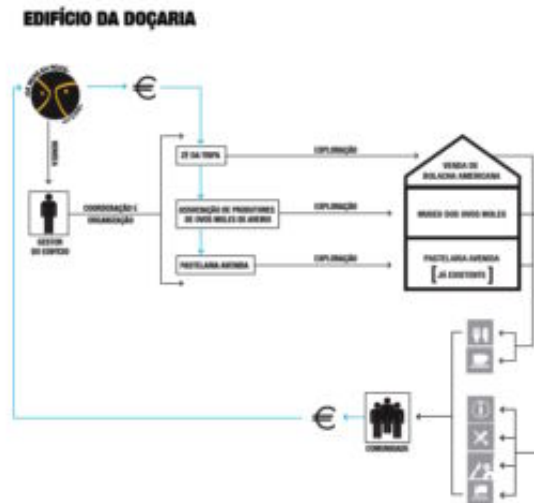


Figura 38 – Exemplo de esquema de gestão, Edifício da Doçaria.
(restantes esquemas em anexo)

. De Peixe em Peixe: um representação

Durante a realização do projeto, já na fase final, surgiu o convite para a participação numa exposição, o “PORTFOLIO Graduate Show” no Porto, onde se pretendia a exibição de diversos trabalhos ligados às áreas do Design, Arquitetura e Multimédia, realizados em diversas Universidades Portuguesas. O evento tinha como objetivo “*celebrar a criatividade e o jovem talento Nacional*” (portfoliogradshow).

Juntamente com o convite feito por parte dos Professores para a participação deste projeto na exposição, foi lançado também o desafio para a concretização de uma maquete do sistema que servisse de apoio à infografia já planificada.

Tendo em consideração que a mesma seria um complemento ao trabalho infográfico, esta solicitação foi vista como uma oportunidade para “imaginar” todo o trabalho realizado numa perspetiva mais pictórica, mais abstrata, no entanto nunca descuidando as intenções do projeto.

Num primeiro momento foram definidos 3 planos: o lado Norte e o lado Sul da Avenida e o plano térreo. Os planos Norte e Sul foram conceptualizados na vertical e virados para o lado de dentro da maquete, onde foram dispostos todos os alçados dos edifícios, com um distanciamento entre eles que figura uma distância relativa à que existe na realidade. A sua representação foi propositadamente

desenhada tal como se encontra na infografia, de maneira a criar uma coerência formal entre os dois suportes.

Quanto ao conteúdo a colocar no interior dos alçados, isto é, a representação dos serviços e espaços comerciais idealizados para a comunicação do património, ficou definida uma abordagem mais figurativa. Foram pesquisadas centenas de imagens, que posteriormente foram recortadas e dispostas em cada piso pertencente, com o objetivo de representar simbolicamente cada elemento proposto. A intenção por detrás desta perspetiva menos evidente pretende possibilitar ao observador a capacidade de imaginar cada um dos espaços através das imagens lá colocadas. Assim, apesar de ficar compreendido o sistema projetado, até porque o apoio da infografia não deixa margem para dúvidas, deixa-se em aberto a possibilidade a cada observador de visualizar o projeto de uma perspetiva mais pessoal.



Figura 39 – Planos Norte e Sul da maquete.

(planos reais em anexo)

No plano horizontal, onde fica representada a Avenida dum ponto de vista mais urbanístico, foi retirado do documento “Avenida Dr. Lourenço Peixinho”, realizado pela Câmara Municipal de Aveiro, em parceria com a Universidade de Aveiro e outros elementos, a planta do conceito base escolhido para a requalificação do espaço público, a “Avenida entre praças” (Parte 2; Cap.2).



Figura 40 – Plano de chão da maquete.

(tamanho real em anexo)

O conjunto final da maquete com a infografia, esteve em exposição no Mosteiro S. Bento da Vitória, durante os dias 28, 29 e 30 de Junho do presente ano.



Figura 41 – Fotografia da maquete final.

. De Peixe em Peixe: uma identidade

A construção de uma identidade territorial forte, desenvolvida enquanto estratégia estruturante para a implementação e comunicação do sistema, é uma componente essencial nos dias de hoje. Retomando o conceito da “glocalização” (Parte 1; Cap.1), o papel do Design num projeto desta envergadura, já não passa apenas pelo planeamento do projeto local, mas deve ter em consideração a necessidade da projeção de uma marca como elemento diferenciador numa realidade globalizada e cada vez mais competitiva.

Enquanto estratégia de comunicação foi necessário desenvolver inicialmente um conceito, de onde partiu posteriormente todo o desenvolvimento identitário. Para além da criação da marca, são também projetados alguns suportes exemplos da sua possível aplicação.

O conceito

O sistema em questão pretende transparecer uma imagem de qualidade e confiança, onde existe um equilíbrio perfeito entre tradição (Giddens 1999) e inovação, manifestado em todas as atividades traçadas ao longo da Avenida, e que deverá ficar explícito nos suportes identitários.

A criatividade é também um atributo que naturalmente terá que ficar espelhado na marca associada ao projeto, simbolizando assim a forma diferenciada como se tencionou comunicar e valorizar todo o conteúdo inerente à proposta. A noção de “rede”, de alguma forma, deverá também ficar demarcada.

O nome

O processo de construção do nome para o sistema demonstrou, desde logo, ser bem mais complexo do que inicialmente se esperava. Tendo sempre em consideração as noções traçadas no conceito, iniciou-se este trabalho com o esboçar de algumas ideias a seguir.

Antes de mais, porque as duas entidades associadas ao projeto se situam no território de Aveiro, e portanto em Portugal, optou-se pela escolha de um nome em Português. Apesar do público-alvo previsto ser na sua maioria turístico, esta decisão baseou-se essencialmente na forte componente local que se pretende deixar destacada na identidade. Seguindo esta lógica de valorização territorial, concretizou-se então um primeiro levantamento de vocábulos, sempre associados à ideia dos territórios da Avenida Doutor Lourenço Peixinho e de Aveiro.



Esta primeira remessa de ideias, apesar de consistentes, resultaram em exemplos demasiado lineares e muito presos aos nomes dos territórios envolvidos, não demonstrando ainda a qualidade criativa que se tencionava transmitir.

Também as noções de inovação e “rede”, que tencionavam estar intrínsecas no nome, não ficaram explícitas neste primeira indagação. Era necessário procurar um conceito que não tivesse uma associação tão direta, com uma indicação mais alternativa, talvez até com um aspeto metafórico.

A consciência da necessidade de fixar um rumo a seguir, levou à concretização do segundo levantamento. Este não objetivava a procura de um nome para o projeto, mas a delimitação de uma ideia geral que se pudesse acompanhar. Esta segunda listagem teve um espetro bastante mais amplo que a primeira.

AVENIDA TERRITÓRIO
 CULTURA LOCAL PEIXINHO SISTEMA
 PATRIMÓNIO TRADIÇÃO EDIFÍCIOS
 CIDADE AVEIRO REABILITAÇÃO
 CENTRO HISTÓRICO MUSEU
 EXPERIÊNCIA TURISMO
 EMOÇÃO FLUXO SENSações
 MEMÓRIA RUA MERCEARIA
 IDEIA
 URBANO CENTRO COMERCIAL

Caminhando em direção a um conceito não tão óbvio como os primeiros, e seguindo a ideia de um nome alternativo, talvez de índole metafórica, a palavra “Peixinho”, associando assim o território da Avenida pelo seu nome e Aveiro pela sua forte atividade piscatória, pareceu deter possibilidades interessantes.

Deste termo geral, adveio naturalmente uma panóplia de ideias que poderiam ser utilizadas, no entanto o processo de escolha encontrava-se de antemão restringido pelo conceito inicial. Ciente das características definidas anteriormente, realizou-se um último apanhado de expressões.

PEIXINHO BIGODES DE
 CARDUME AQUÁRIO
 CARDUME CRIATIVO CARDUME AO LUME
 SARDINHA NA BRASA PROTEÍNAS DE
 BACALHAU EM LATA PEIXE FRESCO
 TAINHA ENLATADA
 DE PEIXE EM PEIXE VIVINHA DA
 HÁ SARDINHAI

Deste último levantamento, surgiu finalmente uma designação que respondia às premissas conceituais estabelecidas e encaixava nas ideias que foram surgindo ao longo do processo.

O nome “De Peixe em Peixe” surge das expressões típicas portuguesas “de pedra em pedra” ou “de nenúfar em nenúfar”, resgatando assim a ideia de saltar de alguma coisa em alguma coisa, neste caso de edifício em edifício, onde diversos espaços estão ligados entre si como uma trama, uma rede.

A noção de “peixe”, tal como já referido, remete para as famosas atividades piscatórias existentes na cidade, trazendo para o nome do projeto a própria conotação tradicional, de algo típico da região que é conhecido pela sua qualidade. Por fim, a noção de criatividade espera-se que tenha ficado demarcada pela concepção de uma nova expressão típica que se tenciona que viva enquanto nome do sistema.

O logótipo

O processo de construção do logótipo evoluiu a par com a procura e criação do nome que designasse o sistema. Durante a realização dos levantamentos, naturalmente foram surgindo formas, ainda que pouco trabalhadas, na tentativa de encontrar um estilo de imagem que fosse ao encontro do pretendido.

A primeira abordagem remetia para a ideia de “escama” onde se pretendia a concretização de um padrão através do desenho, que remetesse para a ideia de diversos elementos juntos, em rede. No entanto a materialização da ideia demonstrou estar aquém do esperado e demasiado desassociada do rumo pretendido.

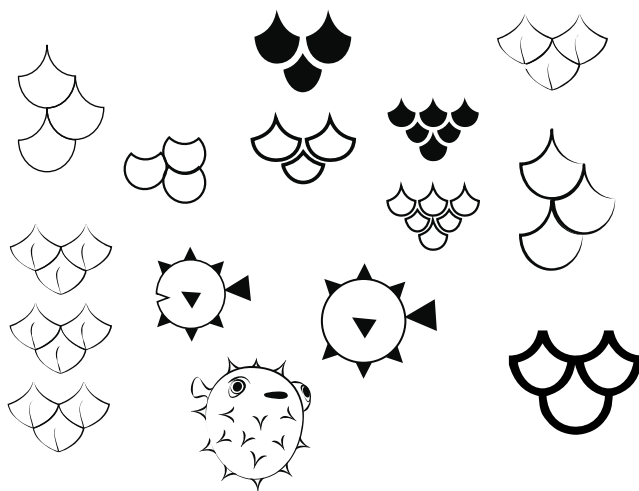


Figura 42 – Primeiros estudos do logótipo.

A ideia de “peixe” e talvez de “cardume” era a fase em que se encontrava a escolha do nome neste momento, o que resultou em vários estudos onde se procurava representar essa pluralidade. Estas imagens permaneceram como hipóteses até à decisão final do nome, onde já é possível ver algumas tentativas de inserir o texto enquanto componente do logótipo. A ideia de padrão continuava bastante marcada, mas não parecia ir ao encontro de uma forma que se desejasse.



Figura 43 – Segunda fase de estudos do logótipo.

É nesta altura que surge a ideia de linha interlaçada, em que a intenção era manter a ideia de “peixes”, mas de uma forma menos óbvia. Aqui a noção de “sistema em rede” parecia ficar representada na perfeição, onde uma só linha desenhava os peixes alinhados de um lado e de outro, representando assim os edifícios da Avenida. A desconstrução deste conceito foi bastante mais elaborada que a dos desenhos anteriores, no entanto acabou por não ser a forma adotada.

Durante o processo de desenho, surgiram 3 inconvenientes que não foram possíveis contornar: apesar da ideia inicial ser uma linha interlaçada, era necessário passar o desenho para a forma de uma mancha, por questões de impressão. As tentativas foram muitas, no entanto esta mutação não pareceu ter beneficiado esteticamente o conceito, dando-lhe um aspeto pesado e grosseiro, que não se tencionava.

A par com esta dificuldade, existia a sugestão de procurar estender as “pontas” da linha, como se esta forma pudesse ser comparada à representação de uma Avenida, agora com vida, situada num centro urbano Aveirense esmorecido, tal como a representação gráfica de

um sismo.

Os estudos forma concretizados, mas o resultado assemelhava-se mais a alguns elementos da caligrafia antiga, como o “f” ou o “L”, do que à representação que se procurava transpor. Apesar dos obstáculos, ainda não ultrapassados, procurou-se a introdução do nome do projeto, que apresentou resultados graficamente piores que os estudos anteriores.

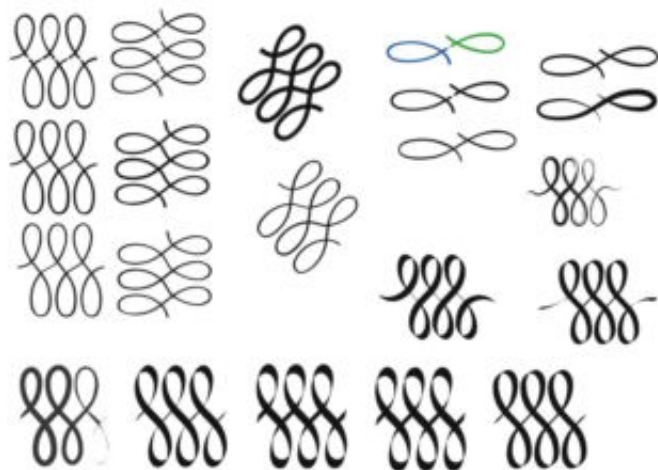


Figura 44 – Terceiros estudos do logótipo.

Numa quarta tentativa, a ideia inerente era a forma de uma etiqueta, como se tratasse de um selo de qualidade e confiança associado aos serviços e produtos existentes no sistema. Seguindo esta lógica foram esboçados 2 tipos de logótipos possíveis.

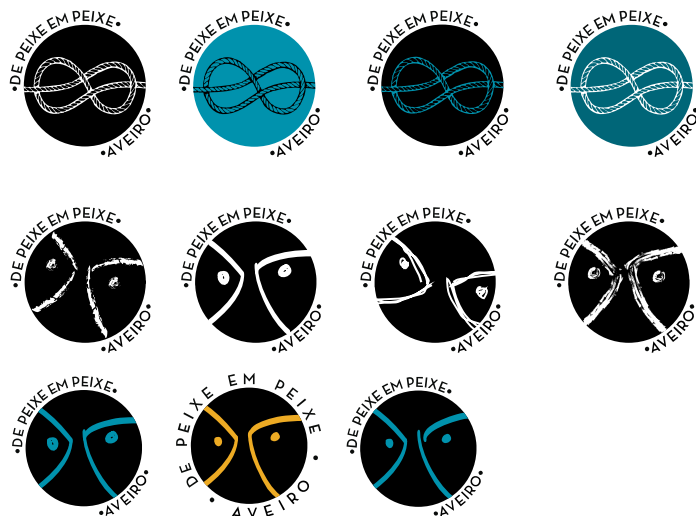


Figura 45 – Últimos estudos do logótipo.

A primeira experiência consistiu na representação da ideia anterior de linha sinuosa, desta vez com a forma de um nó de marinheiro, que aparenta a figura de dois peixes interlaçados. Ainda que o resultado tenha sido bastante satisfatório, em comparação com a reprodução seguinte, pareceu ter ficado aquém. O logótipo final resultou da última experiência. A forma do “peixe”, em vez da vulgar representação total do corpo do animal ou apenas da parte inferior, optou-se pela representação da parte superior, o “focinho”.

O género de traço escolhido foi o mais simples e limpo, representando assim o equilíbrio entre tradição e inovação descrito no delineamento do conceito. A escolha da tipografia para a aplicação do nome “De peixe em Peixe” seguiu as mesmas regras.

Quanto ao painel de cores, foram testadas diversas possibilidades, desde as quentes às mais frias. A escolha final cingiu-se a um logótipo de duas cores, o preto como cor principal e o amarelo “alaranjado” para o realce. Como declinações existem 3 versões mono-tom: o preto para aplicação em fundos claros, o branco para fundos escuros e o amarelo “alaranjado” para uma versão mais contrastante.

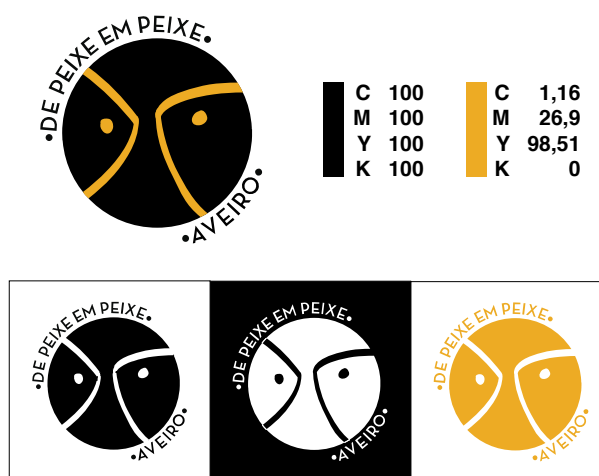


Figura 46 – Logótipo final.

Programação Mensal

Comummente os espaços que praticam atividades ligadas à cultura, como as salas de espetáculos, os museus, os anfiteatros,... são compelidos a ter, como forma de comunicação dos seus eventos, uma programação. Usualmente estes suportes apresentam-se sob a forma de pequeno folheto onde vêm descritos todos os acontecimentos, os horários e os espaços onde irão decorrer, entre

outras notas facultativas. Esta informação, cada vez mais, é difundida pelos meios virtuais, no entanto o formato em papel não parece ter tendência a desaparecer.

Com elemento de comunicação, e portanto indissociável da identidade do sistema, apostou-se na concretização de um modelo, apenas exemplificativo, do que poderia ser uma programação dos eventos no “*De Peixe em Peixe*”. A opção escolhida foi o planeamento de uma programação mensal.

A conformação tencionou ser a grande novidade onde em vez de se optar por um tamanho pequeno de folheto ou brochura, avançou-se para uma situação em que a programação ocupa o tamanho de uma única folha A2, como se tratasse de um mapa territorial, onde o observador é estimulado a procurar o local para onde deseja ir, com a atividade que quer experienciar. Por uma questão de praticidade, este “mapa de experiências” é dobrável, ficando apenas com cerca de 10,5x14,5cm.

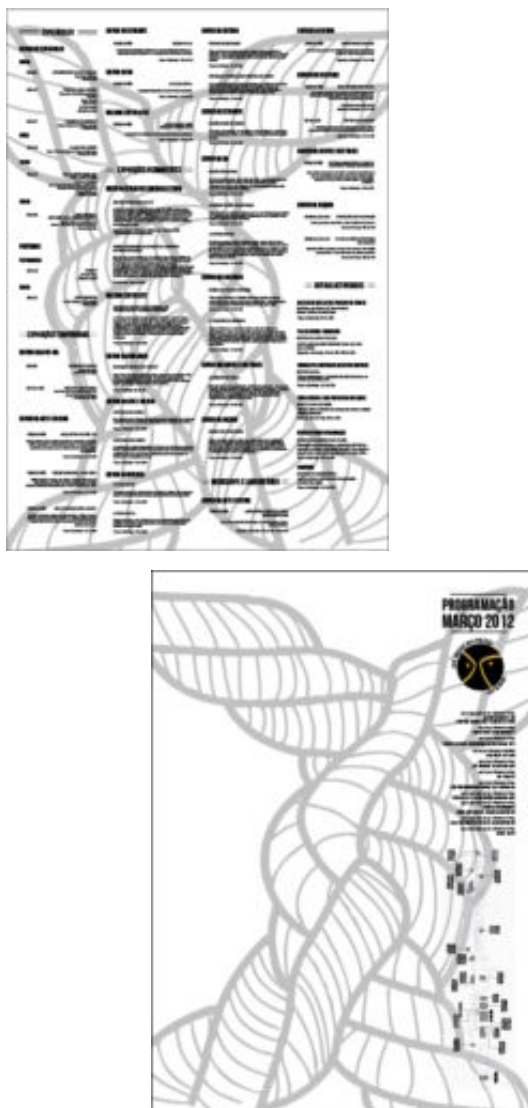


Figura 47 – Programação Mensal (frente e verso).

(em tamanho real em anexo)

No lado interior é possível encontrar todas as informações relativas aos espetáculos, exposições temporárias, exposições permanentes, workshops e laboratórios, e outras atividades. Já no lado exterior existe um pequeno mapa do sistema, para fácil localização dos edifícios respeitantes às atividades e os horários dos principais serviços de restauração e outros.

Aplicação para smartphones

Numa realidade cada vez mais virtualizada, a planificação de uma aplicação digital pareceu ser quase inevitável. Depois de construída a programação mensal em formato impresso, fez todo o sentido a aplicação da mesma informação, agora num formato para ser utilizado em smartphones, através da tecnologia GPS.

Tal como afirma Manzini (in Domingues 2011), uma infraestrutura deste género, parece das soluções mais viáveis, quando se pretende criar contactos, estabelecer relações e comunicar a oferta, criando assim no utilizador uma sensação de confiança e proximidade.

Por razões pragmáticas, destaca-se aqui o carácter ilustrativo que este conteúdo pretende expor. O objetivo não é, de facto, planificar toda a aplicação, mas deixar apenas algumas indicações de possíveis caminhos a seguir.

Como cenários exemplificativos, foram projetados o *layout* geral, que interage com a Avenida, dando a possibilidade ao utilizador de apontar o seu aparelho para o cenário real que tem à sua frente e ver no seu ecrã a mesma imagem, com o acrescento da localização dos edifícios inseridos no sistema; e um *layout* exemplo do Edifício da Doçaria, onde é possível, através do mesmo tipo de interação, receber a informação específica das atividades e eventos relativos a este espaço.



Figura 48 – Visualização da Aplicação para Smartphones.

Layout geral.



Figura 49 - Visualização da Aplicação para Smartphones.

Layout Edifício da Doçaria.

Outros formatos comunicativos

A necessidade de construção de meios para a comunicação e divulgação do “*De Peixe em Peixe*” é algo que se pretende deixar salientado nesta proposta, no entanto este trabalho gráfico não tencionou ser o grande foco do projeto. Depois de sugeridos dois formatos possíveis para a divulgação das atividades do sistema, um na configuração tradicional em papel e outro através de meios virtuais, ficam aqui apenas retratadas algumas outras possibilidades de suportes a adoptar para comunicação do sistema, que por questões pragmáticas não foi possível ilustrar.

Cartazes e Mupis

Este tipo de suportes informativos, que se pretende disseminar por toda a cidade, terão dois tipos de informação. Uns apenas farão a divulgação do sistema, com o logótipo da marca e um mapa da localização do sistema na cidade de Aveiro, enquanto outros terão a programação do mês. A intenção de realizar dois tipos de cartazes, é de carácter económico, pelo que o que contém a programação obriga a uma atualização mensal, e portanto torna-se mais dispendioso.

Flyers

Este tipo de folheto publicitário, pretende passar a mesma informação que os cartazes e mupis, no entanto acrescentam duas vantagens: o facto de poderem ser entregues “em mão” dá-lhes um carácter pessoal perante o receptor e o seu tamanho reduzido possibilita guardar a informação para mais tarde consultar.

Autocolantes

Um dos métodos publicitários mais comuns, estes serão distribuídos da mesma forma que os flyers. A imagem será o logótipo, apenas impresso nos mono-tons preto e amarelo.

Cartões de visitante

Por fim, são apresentados os cartões individuais. A sua intenção não passa por divulgar qualquer tipo de informação, mas fidelizar os clientes mais habituais. Cada cartão será atribuído apenas a um visitante, que através da compra de produtos ou participação em atividades do sistema, receberá pontos. No total de 12 pontos, ser-lhe-á oferecido um prémio (a decidir posteriormente).

Considerações Finais

A Avenida Doutor Lourenço Peixinho, apesar de todos os projetos planeados que pretendiam a sua reabilitação, encontra-se neste momento numa fase de decadência constante. Com todo o estudo bibliográfico realizado e pesquisa de campo foi possível comprovar a urgência de uma atuação que a reabilite e a traga para esta nova vivência atual.

Para tal nasceu o projeto de *Peixe em Peixe*. Este claramente apresenta uma proposta ambiciosa que propõe a sua regeneração através do edificado abandonado e da divulgação do património Aveirense. O sistema visa diversas melhorias, não só para o território em causa, mas por sinergia para a cidade de Aveiro. Toda herança cultural existente na cidade ganharia uma nova vida, pois a sua comunicação chegaria não só à comunidade habitante neste centro, mas aos visitantes do sistema.

Esta divulgação afirmaria a imagem da cidade num mundo globalizado. Aveiro ingressaria numa dinâmica global, que lhe traria consequentemente reconhecimento exterior e posteriormente uma evolução económica.

Apesar da relutância existente perante projetos que atuam numa dinâmica de valorização cultural através da “economia criativa”, existem de facto diversos exemplos de implementações que conseguiram criar um turismo de experiência sem danificar o património inerente.

A dificuldade clara na implementação do projeto, tal como já referido neste documento, passa pela falta de suporte económico e pela dificuldade em trabalhar com estes imóveis devolutos pois, na sua maioria, estes pertencem a privados.

Na tentativa de encontrar algum apoio por parte de entidades que poderiam possibilitar esta implementação, foi estabelecido contacto com o grupo responsável pelo projeto de requalificação para a Avenida, a par com alguns elementos da Universidade de Aveiro e da Câmara Municipal. Já durante o término da proposta projetual foi possível marcar uma reunião, no entanto esta ficou apenas pela exposição de ideias e conceitos. Os elementos da Câmara Municipal apesar do aparente interesse no projeto, demonstram alguma dificuldade em conseguir colaborar.

Não obstante, a título futuro, seria interessante conseguir visitar os edifícios inerentes ao projeto para que se possa ter uma maior noção das condições existentes e portanto melhorar a proposta do projeto. Tal como referido da descrição projetual, o sistema foi planeado segundo o número de metros quadrados e portanto pensa-se que deverá ter algumas lacunas.

Quanto ao trabalho dissertativo foram sentidas também algumas dificuldades durante o processo de investigação bibliográfica. Existem

de facto inúmeros documentos relativos às intervenções urbanas e outras componentes teóricas global, que se espelharam neste documento, no entanto relativamente à bibliografia local a pesquisa pareceu ser mais difícil. Aquando a procura de documentos para o levantamento do património da cidade de Aveiro, ficou clara a ausência de informação, mesmo por parte das entidades que se julgavam detentoras da mesma, o que criou alguma dificuldade na execução desta parcela do trabalho.

Quanto à parte identitária da proposta, existia a vontade de completar este trabalho com outros elementos para além dos apresentados, no entanto por questões pragmáticas, tornou-se impossível a sua execução.

Numa retrospectiva final, o trabalho a título pessoal, mostrou-se ser bastante satisfatório. O contributo do projeto enquanto conhecimento acrescentado foi uma mais valia, não só enquanto estudante, mas enquanto preparação para o mundo do trabalho.

Bibliografia

AUGÉ, Marc. 2007. Não-Lugares, Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade. 90ª Editora

BAUMAN, Zygmunt. Tradução de Plínio Dentzien. 2001. Modernidade Líquida. Oxford, Inglaterra. Polity Press

CARLOS, Ana. 2007. O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a cidade. São Paulo, Brasil. FFLCH

CASTELLS, Manuel. 2005. A Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política. Lisboa, Portugal. Imprensa Nacional, Casa da Moeda

CUNHA, Maria Ângela. 2006. Avenida Dr. Lourenço Peixinho, Diagnóstico e Primeiras Terapêuticas. Gestão de Centros Históricos. Aveiro, Portugal

DGOTDU. 2008. Proposta de projeto de decreto regulamentar que estabelece conceitos técnicos a utilizar nos instrumentos de gestão territorial. relatório final. Lisboa, Portugal

DOMINGUES, Verónica. 2011. Villa: sistema de redes locais – Contributos do Design para a valorização do comércio tradicional alimentar em Aveiro. Dissertação de Design. Universidade de Aveiro, Portugal

FURTADO, Gonçalo & **MACEDO**, Rosa. n.d. Reabilitação urbana e intervenção em centros históricos: Alguns desafios e evolução de paradigmas em Portugal. artigo em colóquio internacional. <http://ebookbrowse.com/11-goncalo-furtado-rosa-macedo-pdf-d91142534>

GAMEIRO, Paulo. 2008. As Organizações em Rede. Lisboa, Portugal

GIDDENS, Anthony. Tradução de Saul Barata. 1999. O mundo na era da globalização. Lisboa, Portugal. Editorial Presença

GOMES, Ana & **MONTEIRO**, Helena. 1999. Rasgar de novos horizontes. pós-graduação em história e património local. Aveiro, Portugal

GUERRA, Isabel. 2005. Políticas Públicas e Revitalização Urbana: reflexão para a formulação estratégica e operacional das atuações a concretizar no QREN. Lisboa, Portugal. <https://infoeuropa.eurocid.pt/registo/000036269/>

HENRIQUES, Cláudia. 2003. Turismo Cidade e Cultura –

Planeamento e Gestão Sustentável. Lisboa, Portugal. Edições Silabo

JACOBS, Jane. 1961. The death and life of Great American Cities. Nova York. Random House

LANDRY, Charles & **BIANCHINI**, Franco. 1998. The Creative City. Londres, Inglaterra. Demos

LANDRY, Charles. 2000. The Creative City: A toolkit for urban innovators. Londres, Inglaterra. Earthscan Publications Ltd

LIPOVETSKY, Gilles. 1983. A Era do Vazio. Gallimard, Paris

LYNCH, Kevin. Tradução de Maria Cristina Afonso. 1959. A imagem da cidade. Lisboa, Portugal. Edições 70

MANCE, Euclides. 2000. A revolução das redes, A colaboração solidária como alternativa pós-capitalista à globalização atual. Petrópolis, Brasil. Vozes

MARTINHO, Cássio. 2001. Algumas palavras sobre Redes. artigo da 8ª Conferência Internacional Pesquisa e Ação sindical. São Paulo, Brasil. <http://www.os.org.br/peas/flash/hotPeA.swf>

MENDES, José. 2011. O Futuro das Cidades. Coimbra, Portugal. Edições Minerva

NEVES, Amaro & **SEMEDO**, Énio & **ARROTEIA**, Jorge. 1989. Aveiro do Vouga ao Buçaco. Lisboa, Portugal. Editorial Presença

NICOLACI-DA-COSTA, Ana. 2005. O Quotidiano nos Múltiplos Espaços Contemporâneos. artigo crítico em Psicologia: Teoria e Pesquisa. Rio de Janeiro, Brasil.

OLIVEIRA, Rosa Maria. 1959. O discurso da cidade: leituras da Av. Dr. Lourenço Peixinho. dissertação em mestrado. Publicações Câmara de Aveiro. Aveiro, Portugal

PASQUOTTO, Geise. 2010. Renovação, Revitalização e Reabilitação: reflexões sobre as terminologias nas intervenções urbanas. Revista Complexus. www.Engenho.Info

PEIXOTO, Paulo. 1995. artigo crítico. Revista Crítica de Ciências Sociais. nº43. Santa Maria da Feira, Portugal. Rainho & Neves, Lda

PEIXOTO, Paulo. 2003. Centros históricos e sustentabilidade cultural das cidades. Texto apresentado no colóquio A cidade entre projetos e políticas. Porto, Portugal

PINHO, Ana & **AGUIAR**, José. 2005. Reabilitação em Portugal: a mentira denunciada pelos números. artigo crítico em Arquiteturas. Lisboa, Portugal

PINHO, Ana. 2009. Conceitos e Políticas de Reabilitação Urbana. dissertação em Planeamento Urbanístico. Universidade Técnica de Lisboa, Portugal

PORTUGUEZ, Anderson. 2004. Turismo, Memória e Património Cultural. São Paulo, Brasil. Editora Roca Ltda.

RODA, Rui. 2005. Doctoral studies concerning contemporary social needs: The flexible reuse of abandoned buildings as a ph.d. research área of Design. artigo crítico. Milão, Itália

SEM NOME. 2008. Creative Economy report. USA

SEM NOME. 2008. O Futuro da Avenida Dr. Lourenço Peixinho. Informações relativas ao seminário decorrido no ano de 2008

SEM NOME. Visita à Cidade de Aveiro. Aveiro, Portugal

TAVARES, Ana. 2008. Reabilitação Urbana – O caso dos pequenos centros históricos. dissertação em Engenharia do Ambiente. Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Webgrafia

AMIGOS D'AVENIDA. <http://amigosdavenida.blogs.sapo.pt/2008/11/> (acedido em Agosto de 2012)

ASSOCIAÇÃO NACIONAL MUNICIPIOS PORTUGUESES. <http://www.anmp.pt/anmp/pro/mun1/mun101w3.php?cod=M3800> (acedido em Junho 2012)

CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO. http://www.cm-aveiro.pt/www/templates/tabtemplate.aspx?id_class=2730&TM=2730&SelectedTab=36218 (acedido em Setembro 2012)

CUNHA in DIÁRIO DE AVEIRO. 2012. <http://www.diarioaveiro.pt/noticias/aveiro-renovacao-da-avenida-apresentada-segunda-feira-populacao> (acedido em Agosto 2012)

INFOPEDIA. [http://www.infopedia.pt/\\$aveiro,2](http://www.infopedia.pt/$aveiro,2) (acedido em Junho 2012)

LACERDA. n.d. <http://www.av.it.pt/aveirocidade/pt/ria/ria.htm> (acedido em Junho 2012)

MOVEAVEIRO. <http://www.moveaveiro.pt/04mobilidade/movebuga/condicoes.htm> (acedido em Junho 2012)

PEIXINHO in DIÁRIO DE AVEIRO. 2012.

<http://www.diarioaveiro.pt/noticias/uma-maioria-contra-projecto-da-nova-avenida> (acedido em Novembro 2012)

PORTAL D'AVEIRO.

<http://www.aveiro.co.pt/noticia.aspx?id=72576¬ic=Aveiro:%20Carta%20do%20Património%20Cultural%20vai%20permitir%20definir%20pol%C3%ADticas%20de%20intervenção> (acedido em Junho 2012)

PORTFOLIOGRADSHOW. <http://www.portfoliogradshow.net/> (acedido em Outubro 2012)

VISTAALLEGREATLANTIS. <http://www.vistaalegreatlantis.com/> (acedido em Agosto 2012)

Índice de Figuras

Figura 1 Efeitos da globalização -

<http://www.hdwallpapers24.com/nature-wallpapers/times-square-new-york/>

Figura 2 Abandono territorial - <http://www.pxleyes.com/photography-contest/14726/abandoned-buildings.html>

Figura 3 Proposta do Concelho da Europa para a “Nova política europeia de reabilitação urbana” - “Conceitos e Políticas de Reabilitação Urbana, dissertação em Planeamento Urbanístico” de Ana Pinho.

Figura 4 “Segmento da reabilitação no sector da construção em 2002. Enquadramento internacional” - “Reabilitação em Portugal: a mentira denunciada pelos números” de Pinho e Aguiar.

Figura 5 “Peso da construção nova no sector da construção de edifícios em 2004. Enquadramento internacional” - “Reabilitação em Portugal: a mentira denunciada pelos números” de Pinho e Aguiar.

Figura 6 Casos Emblemáticos -

<http://daniellelouisemahoney.wordpress.com/2012/08/29/how-i-made-a-pin-board-map-of-where-ive-been/>

Figura 7 Mapa Casos Emblemáticos– imagem da autora.

Figura 8 Seleção dos Casos Emblemáticos– imagem da autora.

Figura 9 Criatividade - <http://wallsdl.com/wp-content/uploads/2012/02/science-quotes-thinking-brain-code-imagination-creative-artwork.jpg>

Figura 10 “Modelo dos 5 C’s” – “Creative Economy”.

Figura 11 Classificação das “indústrias criativas” – “Creative Economy”.

Figura 12 Gestão em Rede -

<http://www.arbitragemagazine.com/topics/infographics/current-state-social-networks/attachment/social-networks/>

Figura 13 “Cooperação entre entidades autónomas numa empresa virtual” – “As Organizações em Rede” de Paulo Gameiro

Figura 14 cidade de Aveiro -

<http://mentorawska.blogspot.pt/2011/02/once-again-aveiro-d.html>

Figura 15 Localização da cidade de Aveiro– imagem da autora.

Figura 16 Avenida Doutor Lourenço Peixinho – imagem da autora.

Figura 17 Abertura da Avenida - – “A Construção da Avenida Dr. Lourenço Peixinho em Aveiro”, de Sara Cruz

Figura 18 Desenvolvimento da Avenida -
<http://www.prof2000.pt/users/secjeste/arkidigi/aveiro11.htm>

Figura 19 Cinema Avenida, na década de 60 -
http://www.prof2000.pt/users/secjeste/arkidigi/Mem_Aveiro/CineAvenida01.htm

Figura 20 Edifício abandonado para venda– imagem da autora.

Figura 21 Recortes de jornais com notícias relativas aos “Amigos d’Avenida” – imagem da autora.

Figura 22 notícias Diário de Aveiro, Outubro 2012– imagem da autora.

Figura 23 Zona da Ria, Zona turística e Estação de Comboios– imagem da autora.

Figura 24 Zonas habitacionais e Zonas educacionais– imagem da autora.

Figura 25 Zonas verdes– imagem da autora.

Figura 26 Zonas de Comércio, Serviços e Estacionamento– imagem da autora.

Figuras 27 e 28 Mapas históricos da Avenida – “A Construção da Avenida Dr. Lourenço Peixinho em Aveiro”, de Sara Cruz

Figura 29 Fotografias antigas da Avenida– imagem da autora.

Figura 30 Fotografias atuais da Avenida– imagem da autora.

Figura 31 Levantamento do edificado– imagem da autora.

Figura 32 Mapeamento com o início do delineamento estratégico– imagem da autora.

Figura 33 Levantamento do património Aveirense– imagem da autora.

Figura 34 Exemplar do levantamento, Edifício 1– imagem da autora.

Figura 34 Contabilização do edificado + temáticas– imagem da autora.

Figura 35 Listagem de Serviços e Espaços comerciais– imagem da autora.

Figura 36 Exemplo da proposta planeada– imagem da autora.

Figura 37 Infografia para a comunicação do sistema proposto– imagem da autora.

Figura 38 Exemplo de esquema de gestão, Edifício da Doçaria – imagem da autora.

Figura 39 Planos Norte e Sul da maquete– imagem da autora.

Figura 40 Plano de chão da maquete– imagem da autora.

Figura 41 Fotografia da maquete final– imagem da autora.

Figura 42 Primeiros estudos do logótipo– imagem da autora.

Figura 43 Segunda fase de estudos do logótipo– imagem da autora.

Figura 44 Terceiros estudos do logótipo– imagem da autora.

Figura 45 Últimos estudos do logótipo – imagem da autora.

Figura 46 Logótipo final– imagem da autora.

Figura 47 Programação Mensal (frente e verso) – imagem da autora.

Figura 48 Visualização da Aplicação para Smartphones– imagem da autora.

Figura 49 Visualização da Aplicação para Smartphones– imagem da autora.

Anexos

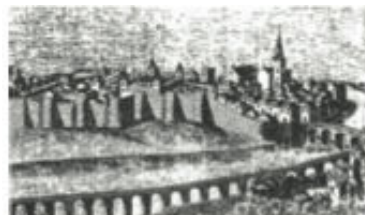
Anexo 1
Levantamento Diacrónico

Etimologicamente, "avenida" significa «caminho, estrada, que conduz a determinado lugar»; «rua larga e regular, geralmente ladeada de árvores»; e «via mais larga do que uma rua e cuja faixa de rodagem tem geralmente diversas pistas para a circulação automóvel»⁷. Ou seja, são apresentados alguns aspectos morfológicos relevantes deste elemento, tais como a sua ligação com a circulação, as suas características em termos de perfil e a habitual presença de árvores. Ressalta também o papel das avenidas como eixos de ligação, geralmente a pontos de referência no contexto urbano. Em geral, estes são elementos bastante definidos e com limites claros, havendo a preocupação de marcar os seus extremos, com praças ou edifícios significativos⁸.

Aveiro no início do século XX, e apesar de ser capital do distrito, não tinha "aspecto de cidade"⁹. A sua matriz urbana antiga não se coadunava com as novas exigências, com a escala da máquina e do progresso. Faltava-lhe um eixo nobre, centralizador da vivência urbana, que introduzisse essa nova escala e o sentido de modernidade na cidade. Essa lacuna vai ser colmatada com a abertura da Avenida Dr. Lourenço Peixinho em 1918.



Perspectiva da cidade de Aveiro, final séc. XVIII.



Aspecto de Aveiro, com a cerca de muralhas



Muralhas de Aveiro (reconstituição)



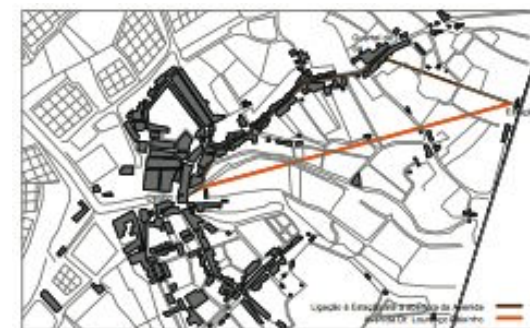
Vila de Aveiro: séc. XV - XVIII



Planta de Aveiro em 1781



Aveiro em 1865



Ligação à Estação anterior à abertura da Avenida

Análise Histórica da Avenida



Duas possibilidades para a construção de uma avenida de ligação à Estação, previstas em 1895



Legenda: - Conventos - Hospitais - Igrejas e Capelas
 - Caminho de Ferro

Planta de Aveiro em 1904



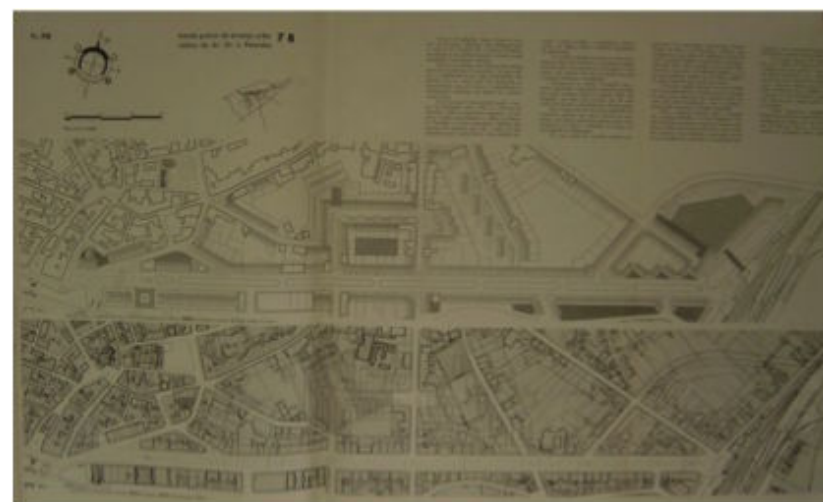
Perfil longitudinal do projecto da Avenida (9 de Julho de 1907)



Estudo prévio do Plano para o centro da cidade, com a colaboração do Arq. Fernando Távora



Aveiro em 1931



Estudo prévio do arranjo urbanístico da Avenida Dr. Lourenço Peixinho

Análise Histórica da Avenida



Vista do início da Avenida antes da sua construção (1909)



Aspecto da abertura da Avenida, 1918-1921



Aspecto da abertura da Avenida, 1918-1921: aqui o Cais do Cão ainda não se encontrava alinhado com a artéria.



A Avenida com o espaço público consolidado, com os habitantes a passear



Mercado Manuel Firmino, demolido em 1919 durante o processo de construção da Avenida



Aspecto da abertura da Avenida, 1918-1921



Cine-Teatro Avenida, foto de jornal da época, 1949



Vista da Avenida



abertura da Avenida, 1918-1921



Aspecto da abertura da Avenida, 1918-1921



A Avenida já com o piso regularizado embora ainda não conformada pelos edifícios e sem equipamentos



Garagem Trindade, foto da época

Algumas fotografias históricas da Avenida



Avenida hoje...

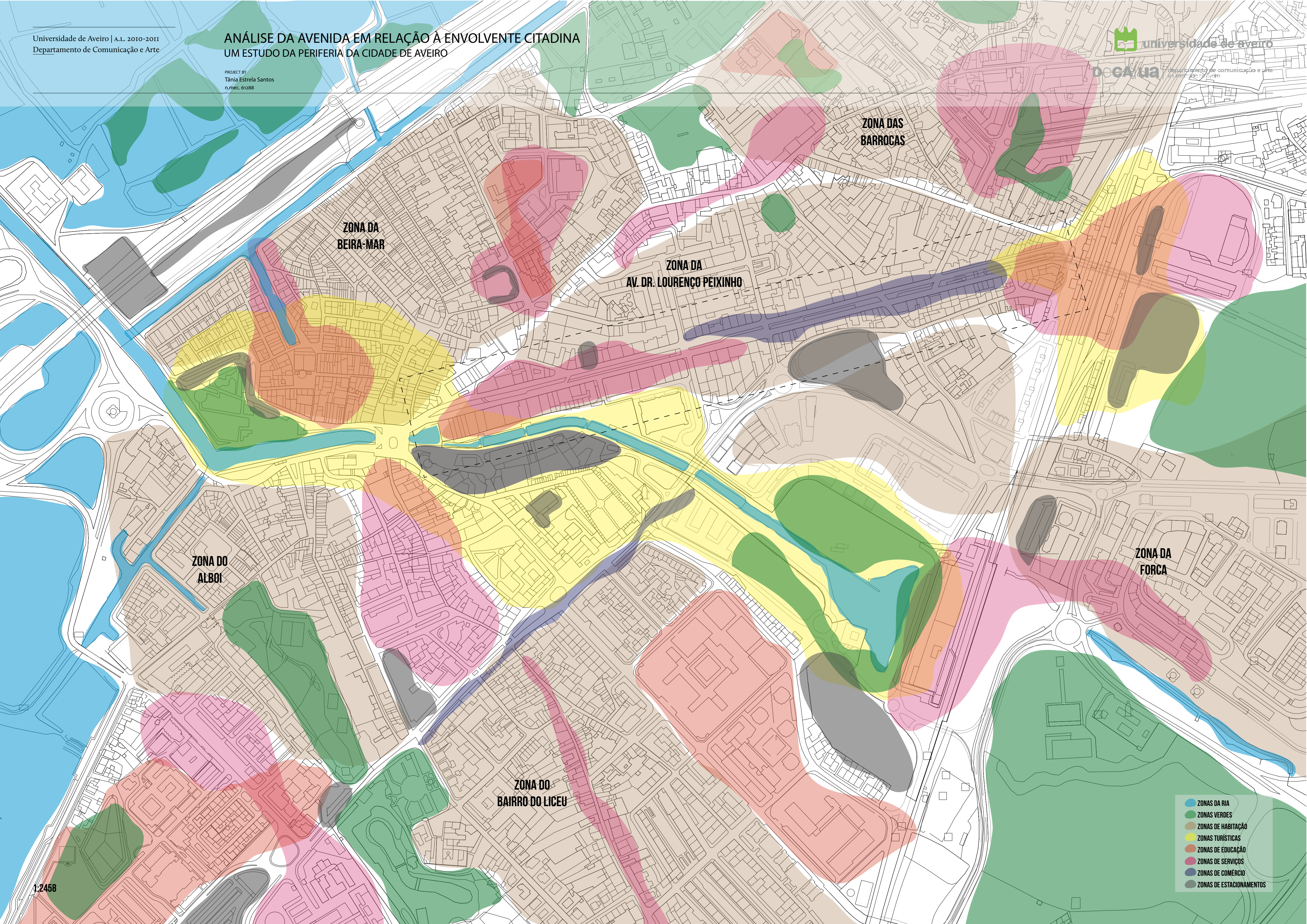


Algumas fotografias da Avenida hoje...

Anexo 2
Análise da Avenida em relação
à envolvente citadina

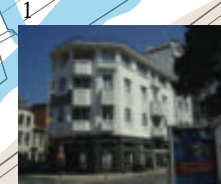
ANÁLISE DA AVENIDA EM RELAÇÃO À ENVOLVENTE CIDADINA
UM ESTUDO DA PERIFERIA DA CIDADE DE AVEIRO

PROJECT BY
Tânia Estrela Santos
n.mec. 61288



Anexo 3
Análise da Avenida Doutor
Lourenço Peixinho

EDIFÍCIOS ABANDONADOS



Edif. Alfredo Esteves
Banco Espírito Santo no R/C
4 andares
em bom estado/ recuperado
antigo *Café Avenida*
"à cara da Avenida", lado oeste
5
antigo cabeleireiro e
loja *Tecidos Paar*
construção anos 20/30's
muito mau estado, mas
de interesse público
influência Arte Nova



loja *Marques Soares* no R/C
restante habitação
reconstruído recentemente
5 andares
imóvel de qualidade



loja *Castigo&Delto* no R/C
e sapataria
restante habitação (desocupado)
construção anos 20/30's
em estado regular



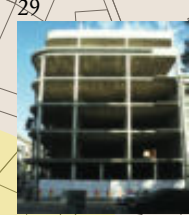
edifício apenas de habitação
construção anos 20/30's
de interesse público, em
estado regular



edifício apenas ocupado por
cabeleireiro (alugado)
3 andares
construção anos 40/50's
imóvel de qualidade



edifício apenas de habitação
3 andares
recentemente desocupado
construção anos 40/50's
em muito mau estado



Obra embargada por motivos
técnicos, 4 andares
antiga garagem emblemática
sem projecto em vista,
com grande espaço

39
edifício de habitação (2 andares)
desocupado há bastante tempo
imóvel de qualidade, em
muito mau estado



Edif. Garagem Atlantic
arquitectura moderna
edifício emblemático
construção anos 40/50's
fachada c/ imagem forte
"sem recuperação/ocupação à vista"
44

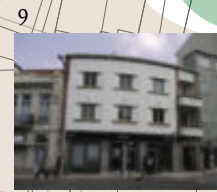


edifício de 3 andares
desocupado há bastante tempo
com pouca afirmação
valor conselho, em
muito mau estado

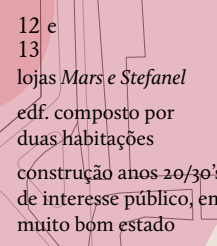
COMÉRCIO + HABITAÇÃO



Edif. Vieira de Carvalho
Sapataria *Azuleto* R/C
Edifício de interesse público
apontamentos de Art Déco
antigo *Café Trianon*



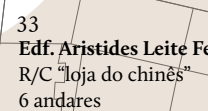
Edif. José Videira
loja *Casa Alvarinho* no R/C
em bom estado/ recuperado
fachada redonda,
imóvel de qualidade



lojas *Mars* e *Stefanel*
edif. composto por
duas habitações
construção anos 20/30's
de interesse público, em
muito bom estado



Conjunto de edifícios
semelhantes
construções anos 60/70's
maioria consultórios médicos e
habitação
entre 5 e 7 andares
imóveis de qualidade, em estado
regular

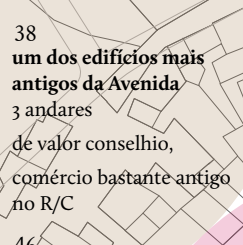


Edif. João Francisco do Casal
R/C em ruído com comércio
chines e pastelaria
6 andares
arquitectura moderna

Edif. Aristides Leite Ferreira
R/C "loja do chinês"
6 andares



construção anos 80/90's
"arquitectura envidraçada"
aglomerado vertical de
serviços rápidos
comércio frutaria no R/C
7 andares, em bom estado



um dos edifícios mais
antigos da *Avenida*
3 andares
de valor conselho,
comércio bastante antigo
no R/C



Chapelaria Costa no R/C
(dos comércios mais antigos)
fachada com grande afirmação
pela cor



loja *Super Decor* no R/C
edifício contrastante,
fora de contexto

SERVIÇOS + COMÉRCIO

4
sapataria *Antoine*
3 andares
sem informação
relevante

8
antiga livraria
no R/C
construção anos 20/30's
já restaurado
de interesse público



Edif. Ana Vieira
construção anos 80/90's,
varandas alinhadas com o passeio
arquitectura moderna
grande parque de
estacionamento

14 e
15
Conjunto de edifícios
semelhantes
construções anos 60/70's
entre 5 e 7 andares
imóveis de qualidade, em estado
regular



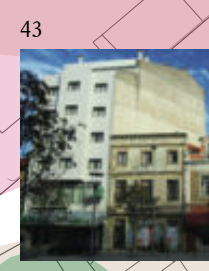
Edif. Fernando e Manuel Matos Lima
construção anos 60/70's,
fachada construída por volumes
arquitectura moderna
imóvel de qualidade,
Centro de Yoga e FórumOptica



Edif. Centro Avenida
centro comercial dos anos 80/90's
7 andares
maioritariamente desocupado,
em estado regular

35
R/C bastante desaproveitado
temporariamente sede de
partidos políticos
andares superiores ligam
ao edifício ao lado (túnel)

37
construção anos 80/90's
galeria *Centro Avenida* bastante
desaproveitada e habitações
antigo shopping 2002
7 andares
em bom estado
"arquitectura envidraçada"



Edif. Residencial Santa Joana
lateral do edif. com grande
visibilidade desaproveitada
(virada para a estação)
7 andares

SERVIÇOS + HABITAÇÃO

7
Escola de música *Riff*
imóvel de qualidade,
em estado regular

17
construção anos 60/70's
garagem no R/C
imóvel de qualidade, em
estado regular

26 e
27
escritórios particulares no R/C
construção anos 40/50's
em bom estado



construção anos 40/50's
banco *Millenium* no R/C
edif. com fachada característica
3 andares
desocupado no último andar
construção anos 40/50's

30
Agoriana Seguros no R/C
4 andares
sem informação
relevante

34
Correios no R/C
6 andares
sem informação
relevante

41
Eurocar e Clínica de Fitness no R/C
2 andares
sem informação
relevante

42
Grupama Seguros e Pérola loja de
noivas no R/C
destaca-se pela fachada no
quartier onde se integra
2 andares

SERVIÇOS

2
Edifício 15
consultórios médicos
Diário de Aveiro
Aveiro FM
Santander Totta
7 andares
construção anos 80/90's
fachada envidraçada



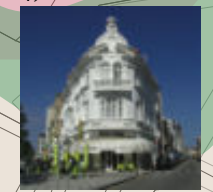
Edif. Companhia de Seguros Ultramarina
AVELAB e outros serviços
construção anos 40/50's
formato triangular
em bom estado



Casa António Pascoal
Fundação *António Pascoal*
única vivenda reguada na
Av. espaço verde explícito



Edif. Casa do Benfica
construção anos 20/30's,
fachada alterada devido à
ocupação actual
interesse público,
em mau estado



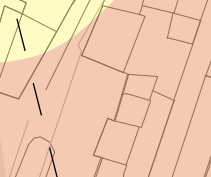
Edif. Pensão Avenida
fachada monumental
estilo "academismo francês"
"a cara da Avenida", lado este



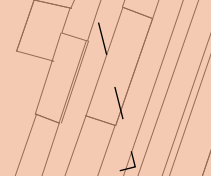
Edif. António Osório de Almeida
fachada original com
elemento marcante
moderna
loja *Ribasil* no R/C
restantes para venda



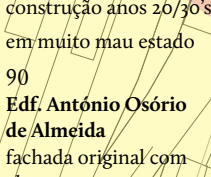
Edif. Manuel Maria Moreira
influências beaux-artiana,
"edif. eclético"
loja artigos casa no R/C
grande visibilidade
estado regular



Edif. Manuel Maria Moreira
influências beaux-artiana,
"edif. eclético"
loja artigos casa no R/C
grande visibilidade
estado regular



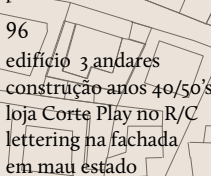
Edif. Manuel Maria Moreira
influências beaux-artiana,
"edif. eclético"
loja artigos casa no R/C
grande visibilidade
estado regular



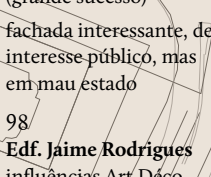
Edif. Manuel Maria Moreira
influências beaux-artiana,
"edif. eclético"
loja artigos casa no R/C
grande visibilidade
estado regular



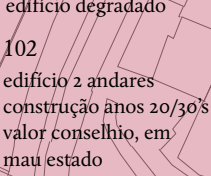
Edif. Manuel Maria Moreira
influências beaux-artiana,
"edif. eclético"
loja artigos casa no R/C
grande visibilidade
estado regular



Edif. Manuel Maria Moreira
influências beaux-artiana,
"edif. eclético"
loja artigos casa no R/C
grande visibilidade
estado regular



Edif. Manuel Maria Moreira
influências beaux-artiana,
"edif. eclético"
loja artigos casa no R/C
grande visibilidade
estado regular



Edif. Manuel Maria Moreira
influências beaux-artiana,
"edif. eclético"
loja artigos casa no R/C
grande visibilidade
estado regular



Edif. Manuel Maria Moreira
influências beaux-artiana,
"edif. eclético"
loja artigos casa no R/C
grande visibilidade
estado regular

1:1553

Universidade de Aveiro | A.L. 2010-2011
Departamento de Comunicação e Arte

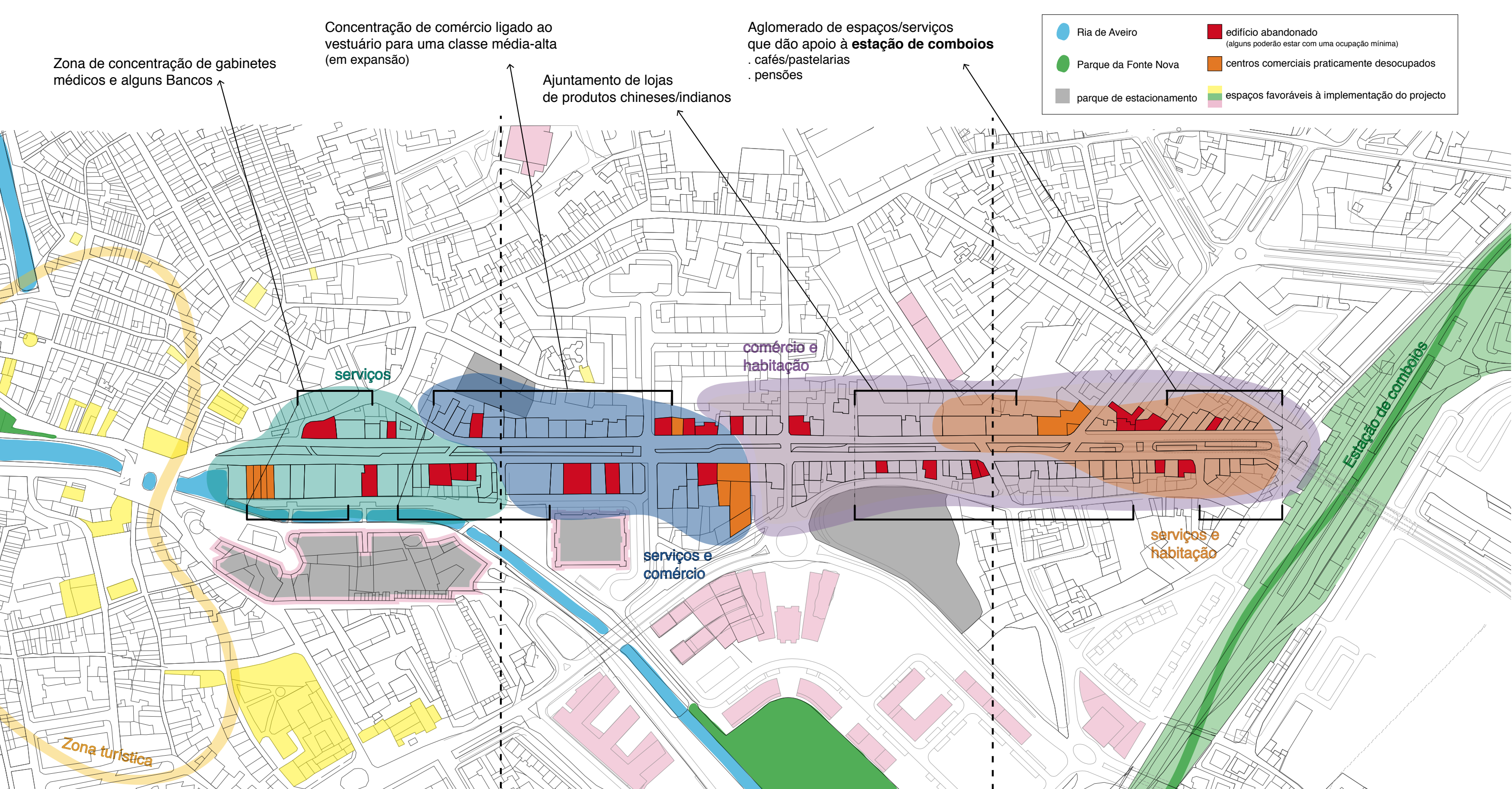
ANÁLISE DA AVENIDA DOUTOR LOURENÇO PEIXINHO UM ESTUDO PORMENORIZADO DO EDIFICADO EXISTENTE NESTE TERRITÓRIO

PROJECT BY
Tânia Estrela Santos
n.mec. 61288

universidade de aveiro

DECA | UA | departamento de comunicação e arte
univ. de aveiro

Anexo 4
Mapeamento com o início
do Delineamento Estratégico



ZONA HISTÓRICA E TURÍSTICA

- . região da Avenida favorável a intervenções ligadas ao turismo e património histórico
- . aproveitamento da proximidade aos hotéis; restauração para uma classe média-alta
- . projecção de espaços ligados à história da cidade, usos e costumes,...
- . possibilidade de ligação a espaços culturais já existentes; Museu da cidade, Posto de turismo, biblioteca municipal, diversos espaços de culto religioso,...
- . aproveitamento da proximidade da ria e do Parque do Rossio para intervenção

ZONA DA CONTEMPORANEIDADE

- . região da Avenida favorável a intervenções ligadas à actualidade
- . projecção de espaços modernos e alternativos para uma classe média
- . aproveitamento da proximidade dos parques de estacionamento; acesso rápido
- . aproveitamento da concentração de comércio (fórum e lojas recentes); consumismo
- . possibilidade de ligação ao parque da fonte nova, património natural e ligação à ria
- . projecção de espaços culturais que divulguem figuras aveirenses de destaque

ZONA DA MOBILIDADE

- . região da Avenida favorável a intervenções ligadas à mobilidade
- . projecção de serviços (alimentação e durmida) rápidos, de passagem e a preços económicos
- . espaços de venda de “produtos turísticos” (de compra rápida)
- . aproveitamento do largo da estação para a criação de suportes de apoio às bicicletas
- . possibilidade de ocupação por museus/espaços culturais ligados à mobilidade em Aveiro

Anexo 5
Levantamento do Património
De Aveiro

Gastronomia

- . ovos moles
 - doce de ovos
 - lampreia de ovos
 - fios de ovos
 - barricas madeira pintadas, etc...

- . Sal, flor de sal
- . bacalhau de cura amarela (processo de cura)
- . caldeirada de enguias
- . sardinhas
- . ostras (criação)
- . folar da Páscoa em forma de coração
- . bolacha america e tripa
- . broas doces de São Simão (convento de Jesus)
- . mexilhões → em barris
 - espetadas
- . cavacas (promessas de São Gonçalvesinho)
- . raia com molho pitau, Beira Mar
- . carne marinhoa, denominação de origem protegida

- . caldeirada de raia, São Jacinto
- . leitão assado, Bairrada
- . pão de ló, Ovar
- . vinhos e espumantes, Bairrada
- . carneiro à lampantana (caçoila de barro preto)

Figuras de Destaque

- . História → Santa Joana Princesa
Condessa Mumadona, 1º testemunho escrito da existência Aveiro
Antónia Rodrigues, heroína de Mazagão
Família Tavora
Marquês de Pombal
- . Cultura → Zeca Afonso, músico
Vasco Branco, escritor e cineasta
Aires Barbosa, 1º etórico da Península
Fernão de Oliveira, gramática da lingua Portuguesa
Ricardo Melo, arquitecto RVDM (actual)
Fernando Tavora, arquitecto (?)
 - ↳ arquitectos ligados à Universidade:
Siza Vieira, Souto Moura, Soutinho, ...
 - Agostinho Pinheiro, jornalista
 - Francisco da Silva Rocha, arquitecto Arte Nova
- . Medicina → Artur Ravara, professor
Dr. Edmundo Machado, publicista
Egas Moniz, neurologia
- . Política → Morais Sarmento, ideais liberais/ industrial
José Estevão
Dr. Alberto Souto, publicista e 1 dos organizadores do Congresso Republicano ‘73
Dr. Vale Guimarães, “o pai do aveirismo”
Gustavo Pinto Basto, presidente Câmara notável
Homem Cristo
Dr. Jaime de Magalhães Lima
Dr. José Maria Soares
- . Outros → Major Pessoa, negociante/ ligado à Arte Novs
Francisco Rocha, fundador da escola industrial
Madre Maria Inês Champalimaud Duff, fundou Colégio Eng. Araújo e Silva, engenheiro civil

Desporto

- . clube Beira Mar
- . tradição local da prática de Basketball e Hockey patins (?)
- . desportos ligados à ria
 - canoagem
 - remo
 - barco à vela
 - windsurf
 - hovercraft

- . desportos ligados ao mar → surf
, ...

Empresas

- . Cerâmica → Aleluia
 - Vista Alegre
 - Jerónimo Campos (antiga)
 - Revigrés
 - ,...

- . Arquitectura RVDM

- . Caves Aliança, museu Berardo

Arquitectura

- . casas típicas → Beira Mar, chão de terra coberta com junco)
Casta Nova do Prado, palheiros
norte do Vouga, espigueiras (guardar espigas)

- . Arte Nova → Casa do Rossio
Casa Major Pessoa
Casa dos Ovos Moles
Casa da Cooperativa Agrícola
monumento da Liberdade, arcos
Casa Farmácia Ala
Casa Pensão Ferro
Edifício das Íris
Residência Francisco da Silva Rocha
Hotél As Américas
Capitania de Aveiro
,... (livrete “*Parcours de l’Art Nouveau*”)

- . Religiosos → capela Senhor das Barrocas
museu Santa Joana ou Igreja de Jesus
igreja do Carmo
imagem do Senhor dos Aflitos
capela Nossa Senhora dos Navegantes
Santa Casa da Misericórdia
Sé Catedral de Aveiro
igreja da Vera Cruz
capela de São Bartolomeu
igreja das Carmelitas

- . Outros → Edifício Tavora, frente à Câmara
Edifício da Câmara
Edifícios da Universidade
Casa Morgado da Pedricosa
Estádio Municipal de Aveiro
Estaleiro Teatral

Comunicação/ Cultura

- . associação Amigos d’Avenida
- . bicicletas BUGA
- . Fundação António Pascoal, na Avenida (apoio cultural)

- . jornais → Correio do Vouga
Diário de Aveiro
Campeão das Províncias
O Litoral

- . Museus → museu da cidade
eco-museu marinha da Troncalhada
fábrica da ciência viva
museu de caça e pesca
Secção Museológica da CP

- . museu marítimo de ilhavo
navio museu Santo André
museu da etnomúsica, Bairrada
museu de Ovar
centro visitas Vista Alegre
museu caves Aliança, Underground
Museu de Arte Sacra de Arouca
Casa-Museu Egas Moniz, Avanca

- . Passeios turísticos → ecoria
ria norte
viva a ria
1000 cerimónias
o cicerone
alquimia do mar
bioria, para crianças
parque infante D.Pedro

- . Teatro Aveirense
- . Mercado Negro
- . Centro Cultural de Congressos
- . Estúdio Performas
- . Parque de Exposições
- . A azulejaria

Território

- . Zonas de interesse → Beira Mar, zona de pescadores
São Jacinto, viagem de lancha e área militar
Águeda, zona industrial: Zundapp Famel
fábricas de bicicletas
→ praias: Costa Nova do prado
Barra (farol)
Mira
Vagueira
, ...

Usos e Costumes

- . Festas locais, romarias → 12 Maio, Santa Joana
domingo depois 10 Janeiro, São Gonçalvesinho
2º domingo Setembro, Senhora das Febres
30 Setembro, Senhor das Barrocas
feira de Março
24 Agosto, São Bartolomeu
(marés vivas, diabo à solta)

- . Figuras características → marnotos, trabalhadores das salinas
peixeiras
pescadeiras
mercantéis
tricanas
pescadores
Beira Mar → Cagaréus “vs.” Ceboleiros
(os de “cá” e de “lá” das pontes)

- . O “acto” da pesca → Preparativos, partida e chegada
(descrito “*Aveiro, suas gentes terras e costumes*”)
→ Benção das marinhas, acto religioso ligado ao sal
→ Benção do Lugre, acto religioso antes das pescas
em alto mar (bacalhau)

- . Artesanato → olaria, oficinas tradicionais (fábrica Jerónimo Campos)
a feitura dos ramos, festa Santa Joana (em extinção)
a feitura de barcos miniaturas (em extinção)
a feitura das canastras, arte ligada à pesca/ ria
, madeira de carvalho e eucalipto
a feitura das franjas dos xailes das tricanas, Beira Mar
a pintura da azulejaria

- . os cardadores, Ilhavo (vestes de Carnaval)
mantas de trapos, Verdemilho

- . Tradições → A entrega dos ramos, carácter religioso
(de mordomo para mordomo)
→ Quadras e cantares populares da região
(livro “*Cancioneiro de Aveiro*”)

- . Embarcações tradicionais da ria → Moliceiro
Varino
Ilhava
Mercantel

História

- 959 Condessa Mumadona sede salinas em testamento
- séc. XV Infante D. Pedro promove a construção de diver-
sos monumentos e da muralha
- 1434 D. Duarte cria a primeira Feira de Março
- 1472 Santa Joana veio para o Mosteiro de Jesus
- 1490 D. João II morre em Aveiro
- 1515 D. Manuel I outorga o primeiro foral (conhecido)
- 1591 Aveiro recebe o título de “Vila Notável”
- 1759 passa a ser Cidade

- 1910 “Comité Revolucionário de Aveiro”,
tomou posse da Câmara Municipal
- 1957 Primeiro Congresso Republicano
- 1969 Segundo Congresso Republicano
- 1973 Congresso da Oposição Democrática (Avenida)

- . “feira das barcas”, até 1950, 1º dia da feira de Março,
enchia-se o canal da ria de barcas
- . ”feira dos moços”, também na época da feira de Março,
servia para contratar Marnotos

Natureza

- . Ria → actividades principais → agricultura
→ pesca lagunar
→ produção de sal
→ apanha do moliço
↓
marinhas de sal
↓
flora bajunça, aquática (pantanos)
moliço
↓
fauna
↓
aves gaivotas
narcejas
maçaricos
,...
(livro das aves)
↓
peixes cabozes de vários tipos
sardinha
taíinha
dourada
peixe aranha
enguia
,... (livro “Os peixes da
Ria de Aveiro”)

Anexo 6
Levantamento do Estudo Urbanístico
e dos Edifícios Abandonados

Estudo Urbanístico e Levantamento de Edifícios Desocupados

MONTEIRO, Helena & **GOMES**, Ana. *Rasgar de Novos Horizontes, De Avenida: "...de ligação da cidade à estação" ou "...central" a "...do Dr. Lourenço Peixinho"*. Pós Graduação em História e Património Local. Aveiro. 1999

CUNHA, Maria Ângela O.. *Avenida Dr. Lourenço Peixinho, Diagnóstico e Primeiras Terapêuticas*. Relatório (estudo). Gestão de Centros Históricos. 2006, Março

Departamento de Desenvolvimento e Planeamento Territorial. *Avenida Dr. Lourenço Peixinho, Estudo de Alinhamento e Cérceas*. Câmara Municipal de Aveiro. 2007, Outubro

Departamento de Desenvolvimento e Planeamento Territorial. *Avenida Dr. Lourenço Peixinho, Alçados*. Estudo Urbanístico (mapeamento). Câmara Municipal de Aveiro. 2007, Dezembro

AVENIDA DOUTOR LOURENÇO PEIXINHO, UM HIPERMERCADO DE EXPERIÊNCIAS DE VALORES TERRITORIAIS

PROJECT BY
Tânia Estrela Santos
n.mec. 61288

PROJECTO DE DISSERTAÇÃO
Universidade de Aveiro | A.L. 2011-2012
Departamento de Comunicação e Arte

orientação,
Prof. Teresa Franqueira
Prof. Rui Roda

Dando continuidade ao projecto de dissertação que visa a reabilitação da Avenida Doutor Lourenço Peixinho através da criação de serviços que comuniquem o património da cidade de Aveiro, foi necessário nesta fase do processo, visto que todo o território já foi analisado enquanto espaço que abraçará esta proposta, entender urbanisticamente os limites possíveis de trabalho.

Para tal foi realizado este levantamento que numa primeira fase providencia informações técnicas, impostas pela entidade Câmara Municipal de Aveiro, divulgadas no documento *Estudo Urbanístico*, construído pelo Departamento de Desenvolvimento e Planeamento Territorial, a 12 de Dezembro de 2007.

Estas informações são relevantes não só para entender os limites que previamente terão que ser impostos ao projecto, mas também reúne um conjunto de legendas que ajudam a descodificar a informação fornecida posteriormente durante o levantamento.

Num segundo momento é então apresentado o levantamento de todos os edifícios desocupados/abandonados que se encontram na Avenida.

É de ressaltar que toda a informação aqui presente foi fornecida pela Câmara de Aveiro através de diversos documentos, estes que por vezes apresentam mínimas divergências na informação que relatam. Procurando uma maior fiabilidade de informação, foi dada prioridade à informação contida no Relatório (estudo) realizado pela Arquitecta Maria Ângela Cunha, arquitecta do Departamento de Desenvolvimento e Planeamento Territorial, *Avenida Dr. Lourenço Peixinho, Diagnóstico e Primeiras Terapêuticas*, em Março de 2006.

Estudo Urbanístico Normativa

1. Definições

Cércea - dimensão vertical da construção, medida a partir do ponto de cota média do terreno marginal ao alinhamento da fachada até à linha superior do beirado, platibanda ou guarda do terraço, incluindo andares recuados, mas excluindo: acessórios, chaminés, casa de máquinas de ascensores, depósitos de água;

Cota de soleira - demarcação altimétrica do nível do pavimento da entrada principal do edifício;

Obras de ampliação - obras de que resulte o aumento da área de pavimento ou da área de implantação, da cércea ou do volume de uma edificação existente;

Obras de alteração - as obras de que resulte a modificação das características físicas de uma edificação existente ou sua fracção, designadamente a respectiva estrutura resistente, o número de fogos ou divisões interiores, ou a natureza e cor dos materiais de revestimento exterior, sem aumento da superfície de pavimento ou da área de implantação ou da cércea;

Obras de conservação - as obras destinadas a manter uma edificação nas condições existentes à data da sua construção, reconstrução, ampliação ou alteração, designadamente as obras de restauro, reparação ou limpeza;

Obras de reabilitação - obras que visam adequar e melhorar as condições de desempenho funcional de um edifício, com eventual reorganização do espaço interior, mantendo o esquema estrutural básico e o essencial aspecto exterior original;

Obras de remodelação - obras que visam a alteração funcional de um edifício ou de parte dele sem alterar as suas características estruturais;

Obras de restauro - obras especializadas que têm por fim a conservação e consolidação de uma construção, assim como a preservação ou reposição da totalidade ou de parte da sua concepção original ou correspondente aos momentos mais significativos da sua história.

2. Usos e Funções

2.1. A função predominante dos edifícios deverá ser a habitação, permitindo-se o uso para comércio no piso térreo.

2.2. Poderão ser permitidas alterações de uso dos edifícios existentes desde que assegurem, no mínimo, 25% da área de construção para habitação e não criem quaisquer das seguintes condições de incompatibilidade:

- . afectem negativamente a imagem urbana e ambiente paisagístico da zona onde se inserem;
- . possuam dimensão ou outras características não conformes com a escala urbana do local;
- . dêem lugar a ruídos, fumos, resíduos ou agravem as condições de salubridade;
- . perturbem as condições de trânsito e de estacionamento, nomeadamente com operações de carga e descarga;
- . acarretem agravados riscos de incêndio ou explosão;

2.3. A ocupação total do edifício por uma só função que não habitacional poderá ser autorizada quando se trate de equipamento de carácter público, de interesse colectivo ou relevante interesse económico e social, expressamente reconhecido pelo Município.

3. Profundidade dos edifícios

3.1. Os logradouros serão preferencialmente ocupados com áreas verdes.

3.2. O interior do quarteirão apenas poderá ser usado a nível do piso térreo como complemento da actividade exercida nesse piso ou estacionamento.

4. Cércea

4.1. Nos alçados do estudo está definida a cércea a respeitar por cada edificação.

4.2. A cércea definida pelo estudo deverá ser ajustada caso a caso de forma a obter a exacta concordância dos elementos de remate superior entre edifícios contíguos.

5. Balanços, Varandas e Recuados

5.1. Poderão admitir-se varandas e balanços fechados a partir do primeiro andar desde que:

- . se garantam 3,5 metros livres acima do passeio;
- . a sua projecção não exceda 1,00 metro relativamente ao plano da fachada, sem embargo de ser garantida uma faixa livre mínima no passeio de 1,50 metros;
- . não ocupem mais do que 30% do comprimento da fachada correspondente, ocorrendo só a 2,00 metros, no mínimo, relativamente ao encosto com os edifícios adjacentes.

6. Composição do alçado

6.1. Qualquer operação urbanística que envolva alteração da fachada deverá comprovar, através da representação de alçados de conjunto da frente de quarteirão, que o desenho de fachada dos novos edifícios respeita e integra os alinhamentos dos elementos de composição de fachada dos edifícios confinantes.

6.2. O alinhamento de uma nova fachada, que integre a fachada de edifício existente, poderá promover um recuo, no máximo, de 1,5 metros relativamente ao plano da fachada existente.

7. Empenas

7.1. As empenas visíveis dos novos edifícios ou as resultantes do acréscimo de pisos em edifícios existentes são sempre revestidas com materiais de qualidade, preferencialmente os utilizados na fachada principal.

8. Remoção de elementos dissonantes

8.1. Qualquer operação urbanística deverá incluir a remoção de todos os elementos dissonantes existentes na fachada do edifício, nomeadamente o encerramento envidraçado de varandas ou de pisos recuados, aparelhos de ar condicionado, publicidade, etc.

9. Estacionamento

9.1. O regime de estacionamento é definido no Regulamento do PDM.

9.2. Poderá ser ponderada a diminuição do número de estacionamentos a cumprir quando se verificar uma das seguintes condições:

- . o seu cumprimento implicar a alteração da arquitectura original de edifícios existentes que devam ser preservados;
- . quando se trate de obras de reconstrução, alteração ou ampliação de edifícios existentes de que não resulte acréscimo de área de construção superior a 25% da área de construção original.

10. Intervenção

10.1. O nível 1 apresenta indicação para salvaguarda da arquitectura original dos edifícios, com os seguintes critérios:

- . o edifício poderá ser objecto de obras de conservação e reabilitação, desde que associadas à melhoria das condições de habitabilidade e conforto;
- . o invólucro exterior (cobertura e fachada) só poderá ser alterado com o intuito de beneficiação ou reposição do aspecto original.

10.2. O nível 2 apresenta indicação para manutenção das características essenciais das edifícios, com os seguintes critérios:

- . são admitidas, para além do tipo de obras referidas no nível 1, as obras de ampliação;
- . o edifício poderá reformular a composição e acabamento da fachada face à modernização da imagem ou alteração funcional do edifício, contemplar a integração de novos elementos de composição, desde que demonstrada a salvaguarda dos elementos patrimoniais essenciais, o equilíbrio volumétrico da solução e a utilização de materiais idênticos ou compatíveis com os originais;
- . os remates superiores das fachadas existentes, constituídos por frontões e balaustradas ou pisos parcialmente situados no plano da fachada principal devem ser preservados de forma a garantir a individualização desses remates;
- . a ampliação deverá ser efectuada com especial cuidado de integração entre elementos contemporâneos

e antigos, com vista à preservação da identidade da fachada existente.

10.3. O nível 3 corresponde a casos de integração de edifícios novos, com aumento de cércea, com os seguintes critérios:

- . deve ser privilegiada a integração da fachada na frente marginal através da dimensão, ritmo e alinhamento dos vãos, varandas e outros elementos de composição de fachada, assim como, através dos materiais de acabamento e da cor;
- . a volumetria e composição da fachada do edifício devem fazer a transição entre os edifícios confinantes de diferentes épocas, cérceas e tipologias de fachada;
- . a colmatação do espaço livre existente entre as empenas dos edifícios com valor patrimonial, deve ser justificada pela introdução de elementos contemporâneos destinados à adequação funcional, melhoria das condições de conforto e segurança dos edifícios.

11. Substituições

11.1. As construções existentes devem ser, em princípio, conservadas, restauradas ou recuperadas.

11.2. A demolição de edifícios identificados com nível 1 só é admitida nos seguintes casos:

- . em caso de ruína eminente do edifício, que ponha em risco a segurança de pessoas e bens, comprovada por vistoria municipal;
- . quando a Câmara Municipal, após vistoria, considere que o edifício não cumpre os requisitos mínimos de segurança e salubridade para os fins a que se destina e que a sua conservação é técnica e economicamente inviável;
- . nos casos referidos no número anterior, não é permitida a demolição antes do licenciamento de novo edifício, devendo o proprietário assegurar a conservação do imóvel em boas condições de salubridade e segurança.

[...]

Classificação pelo PUCA (resumo da descrição incluída no Ante-Plano de Urbanização) valor arquitectónico

- g1** edifícios representativos, não só pela função e qualidade, como pelo papel que ocupam no imaginário colectivo
- g2** edifícios inseridos numa lógica de afirmação individual, geralmente ocupando uma posição isolada no lote
- g3** tipologias de transição entre o g1 e g4. Lógica de “fazer rua”, sem prescindir da afirmação individual
- g4** tipologias agregadas de carácter mais urbano. Preocupação no desenho do conjunto. Nítida vontade de “fazer rua”
- g5** edifícios modernos, inseridos numa lógica de quarteirão ou avenida, mas que introduzem uma nova mudança de escala
- g6** edifícios e tipologias dos anos 60,70. Respeitam o esquema do quarteirão, mas introduzem outra mudança de escala

Nível de intervenção

- 1** Manutenção
- 2** Alterações parciais
- 3** Possibilidade de substituição total

Edifício 1

Lado Norte

época de construção
grau de classificação
grau de conservação
nº de pisos
tipo de ocupação
carac. morfo-tipológicas
área do edifício
classificação pelo PUCA
nível de intervenção

20/30's
valor concelhio
em muito mau estado
3
desocupado
arquitectura privada; agrupado
120 m²
g3
2



Edifício 2

Lado Norte

Garagem Atlantic

época de construção	40/50's
grau de classificação	interesse público
grau de conservação	em muito mau estado
nº de pisos	2
tipo de ocupação	desocupado
carac. morfo-tipológicas	arquitECTURA privada; agrupado
área do edifício	310 m ²
classificação pelo PUCA	g1
nível de intervenção	2



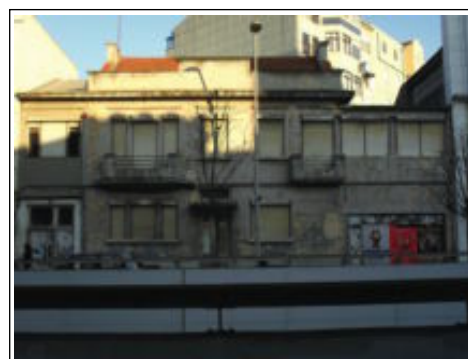
“ Interessantíssima peça de arquitectura modernista. Composição assimétrica, equilibrada, recorrendo à pala e à “torre” futurista, muito características de um certo gosto formal da época. Também o lettrring participa da mesma lógica.”



Edifício 3

Lado Norte

época de construção	20/30's
grau de classificação	imóvel de qualidade
grau de conservação	em muito mau estado
nº de pisos	2
tipo de ocupação	desocupado
carac. morfo-tipológicas	arquitectura privada; agrupado
área do edifício	429 m ²
classificação pelo PUCA	g4
nível de intervenção	2



Edifício modernista, com lógicas de inserção urbana semelhante a outras propriedades da Avenida. Apresenta um carácter de moradia expressando o estilo “tradicionalista português”. “Interessante composição de quase simetria/assimetria. Contenção da expressão formal.”



Centro comercial 2002

Lado Norte

época de construção	80/90's
grau de classificação	sem inf.
grau de conservação	em bom estado
nº de pisos	6
tipo de ocupação	com alguns serviços activos
carac. morfo-tipológicas	sem inf.
área do edifício	390 m ²
classificação pelo PUCA	—
nível de intervenção	3



Edifício 4

Lado Norte

época de construção

grau de classificação

grau de conservação

nº de pisos

tipo de ocupação

carac. morfo-tipológicas

área do edifício

classificação pelo PUCA

nível de intervenção

séc.XXI

sem inf.

em obras

4

desocupado

arquitectura privada; gaveto

228 m²

—

3

(sem alçado disponível)



Edifício 5

Lado Norte

época de construção	40/50's
grau de classificação	sem inf.
grau de conservação	em mau estado
nº de pisos	3
tipo de ocupação	desocupado
carac. morfo-tipológicas	arquitECTURA privada; agrupado
área do edifício	203 m ²
classificação pelo PUCA	—
nível de intervenção	3



Edifício 6

Lado Norte

época de construção	40/50's
grau de classificação	imóvel de qualidade
grau de conservação	em estado regular
nº de pisos	3
tipo de ocupação	desocupado (menos cabeleireiro no r/c)
carac. morfo-tipológicas	arquitECTURA privada; agrupado
área do edifício	234 m ²
classificação pelo PUCA	—
nível de intervenção	3



Conjunto de edifícios com aparências formais trazidas do “Português Suave” (beirados salientes encimando os vãos, cantarias em pedra com pequenos frisos). No entanto bastante sóbrio, com princípios bastante ponderados.



Edifício 7

Lado Norte

época de construção	20/30's
grau de classificação	interesse público
grau de conservação	em estado regular
nº de pisos	2
tipo de ocupação	desocupado
carac. morfo-tipológicas	arquitECTURA privada; agrupado
área do edifício	165 m ²
classificação pelo PUCA	g4
nível de intervenção	3



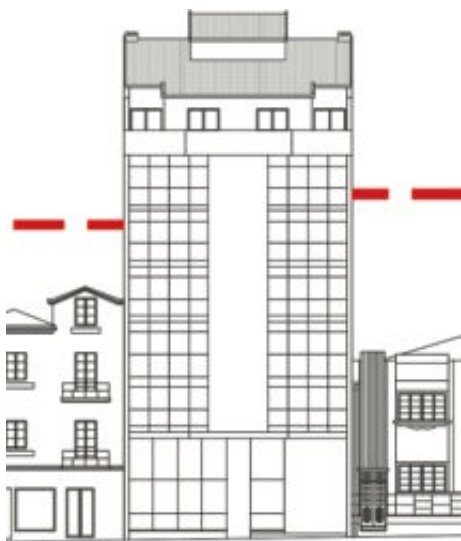
Edifício modernista com um traço bastante singular. Destacam-se os janelões e os elementos geométricos. Conceito “bastante coerente e correcto, na sua originalidade”.



Edf. Centro Avenida

Lado Norte

época de construção	80/90's
grau de classificação	sem inf.
grau de conservação	em estado regular
nº de pisos	+7
tipo de ocupação	com alguns serviços activos
carac. morfo-tipológicas	sem inf.
área do edifício	179 m ²
classificação pelo PUCA	—
nível de intervenção	3



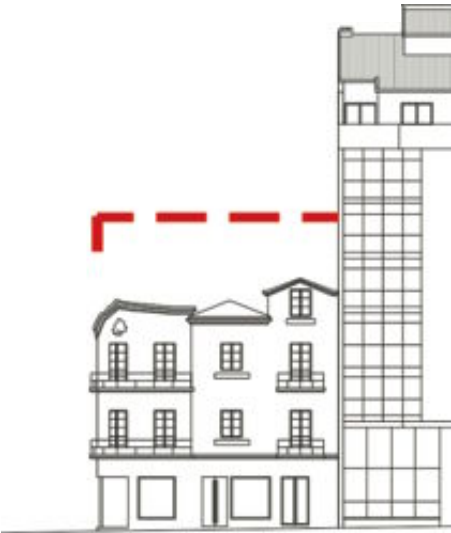
Edifício 8

Lado Norte

época de construção	40/50's
grau de classificação	sem inf.
grau de conservação	em estado regular
nº de pisos	3
tipo de ocupação	desocupado
carac. morfo-tipológicas	arquitetura privada; gaveto
área do edifício	192 m ²
classificação pelo PUCA	—
nível de intervenção	3



Caso interessante de um edifício de estilo “Português Suave” que partilha noções volumétricas com alguns edifícios modernistas. A sua relação com a cidade é invulgar para o seu estilo, “ficando “para trás” os tiques de linguagem que trás consigo”.



Edifício 9

Lado Norte

Marques/Soares

época de construção

grau de classificação

grau de conservação

nº de pisos

tipo de ocupação

carac. morfo-tipológicas

área do edifício

classificação pelo PUCA

nível de intervenção

séc.XXI

imóvel de qualidade

em bom estado

5

desocupado (menos loja no r/c)

arquitetura privada; agrupado

219 m²

g5

2



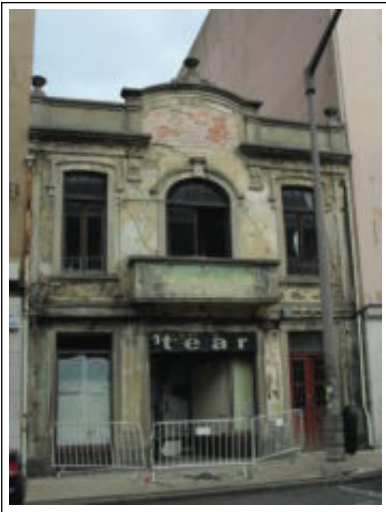
“Edifício “sui generis” na decoração e linguagem, um certo requinte afrancesado nos elementos decorativos”. Em termos de composição - “simetria, varandas em alvenaria ao meio, entradas laterais”. Destaca-se pela “atitude” urbana e na utilização sóbria e contida dos elementos de decoração. “É, no entanto este edifício mais requintado, menos ”rude””.



Edifício 10

Lado Norte

época de construção	20/30's
grau de classificação	interesse público
grau de conservação	em muito mau estado
nº de pisos	2
tipo de ocupação	desocupado
carac. morfo-tipológicas	arquitECTURA privada; agrupado
área do edifício	119 m ₂
classificação pelo PUCA	g3
nível de intervenção	3



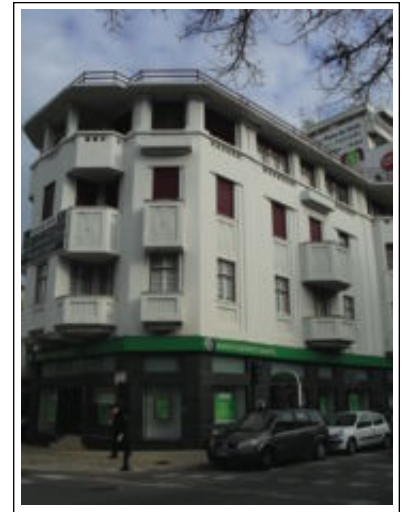
Edifício classizante, de lote largo e simétrico. Em termos decorativos procura acentuar uma certa monumentalidade, tanto na abertura dos vãos principais, como no trabalho do reboco e ornamentos. Verifica-se uma grande disparidade entre o r/c e o 1º andar.



Edifício 11

Lado Norte

época de construção	20/30's
grau de classificação	interesse público
grau de conservação	em estado regular
nº de pisos	4
tipo de ocupação	desocupado (menos banco no r/c)
carac. morfo-tipológicas	arquitetura privada; gaveto
área do edifício	381 m ²
classificação pelo PUCA	g5
nível de intervenção	1



“Edifício modernista. Coerência e qualidade no desenho. A sua expressão formal, apesar de mais rude, recorda alguns movimentos de vanguarda de finais do século. Sendo um edifício de cidade média, quase tentando uma linguagem modernista, torna-se interessantemente eclético. Utiliza a sua situação de gaveto para afirmar a sua volumetria. Decoração extremamente contida.”



Centro Avenida

Lado Sul

época de construção	80/90's
grau de classificação	sem inf.
grau de conservação	em estado regular
nº de pisos	+7
tipo de ocupação	com alguns serviços activos
carac. morfo-tipológicas	sem inf.
área do edifício	364 + 412 m ²
classificação pelo PUCA	—
nível de intervenção	3



Edifício 12

Lado Sul

época de construção	20/30's
grau de classificação	valor concelhio
grau de conservação	em mau estado
nº de pisos	2
tipo de ocupação	desocupado (menos loja no r/c)
carac. morfo-tipológicas	arquitetura privada; agrupado
área do edifício	419 m ²
classificação pelo PUCA	g3
nível de intervenção	3



“ Edifício muito trabalhado. Marcação de entrada lateral, ao nível da fachada - o restante edifício é marcado pela simetria. Rebocos formam molduras dos vãos, cornija e platibanda. Interessante o facto da procura dessa simetria forte entrar em contradição com a necessidade funcional de marcar uma entrada.”



Edifício 13

Lado Sul

época de construção	20/30's
grau de classificação	interesse público
grau de conservação	em mau estado
nº de pisos	2
tipo de ocupação	desocupado (lojas e banco no r/c)
carac. morfo-tipológicas	arquitetura privada; agrupado
área do edifício	212 + 212 m ²
classificação pelo PUCA	g4
nível de intervenção	2



“Decoração interessante, “Art Deco” bastante trabalhada, apesar da expressão mais ou menos provinciana ou seja: marcação de vãos, coroamento da cornija, marcação de frisos, marcando elementos de certa forma tradicionalista, à semelhança do “Português Suave”. Talvez de uma fase de crescimento da Avenida, onde as construções individuais em lote começam a dar lugar a tipologias onde o tratamento da fachadas e a assunção da mesma como elemento agregador de vários lotes, denota uma maior vontade urbana, de fazer rua, de gerar unidade na diversidade.”



Edifício 14

Lado Sul

época de construção	20/30's
grau de classificação	interesse público
grau de conservação	em mau estado
nº de pisos	2
tipo de ocupação	desocupado (menos pastelaria no r/c)
carac. morfo-tipológicas	arquitetura privada; agrupado
área do edifício	433 m ²
classificação pelo PUCA	g3
nível de intervenção	2



“Interessante exemplo, onde o reboco é potenciado na decoração de uma fachada simétrica, extremamente cuidada no seu desenho. Utilização de vários motivos pictóricos, conseguindo no entanto uma riqueza e coerência final notáveis. Edifício agrupado, numa lógica urbana de avenida e quarteirão, sem prescindir no entanto de afirmar uma certa individualidade “burguesa”.”



Edifício 15

Lado Sul

época de construção	40/50's
grau de classificação	sem inf.
grau de conservação	em mau estado
nº de pisos	3
tipo de ocupação	desocupado (menos loja no r/c)
carac. morfo-tipológicas	sem inf.
área do edifício	176 m ²
classificação pelo PUCA	—
nível de intervenção	2



Edifício 16

Lado Sul

época de construção	40/50's
grau de classificação	imóvel de qualidade
grau de conservação	em mau estado
nº de pisos	4
tipo de ocupação	desocupado
carac. morfo-tipológicas	arquitetura privada; agrupado
área do edifício	334 m ²
classificação pelo PUCA	g5
nível de intervenção	2



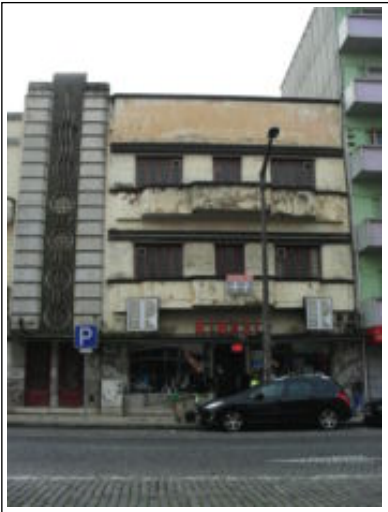
“Edifício de carácter modernista. Grande sobriedade e qualidade no desenho da fachada, assimétrica, permitindo a marcação da entrada. De notar o desenho das cornijas e as caixilharias.”



Edifício 17

Lado Sul

época de construção	40/50's
grau de classificação	interesse público
grau de conservação	em estado regular
nº de pisos	3
tipo de ocupação	desocupado (menos loja no r/c)
carac. morfo-tipológicas	arquitetura privada; agrupado
área do edifício	208 m ²
classificação pelo PUCA	—
nível de intervenção	2



Edifício de carácter modernista, sem no entanto denotar sobriedade nas linhas da fachada. “Desenho de certa forma elaborado e extremamente original.” Destaca-se o grande elemento decorativo da caixa de escadas.



Edifício 18

Lado Sul

Antigo Centro de Saúde

época de construção	20/30's
grau de classificação	interesse público
grau de conservação	em muito mau estado
nº de pisos	2
tipo de ocupação	desocupado
carac. morfo-tipológicas	agrupado
área do edifício	271 m ²
classificação pelo PUCA	g4
nível de intervenção	3



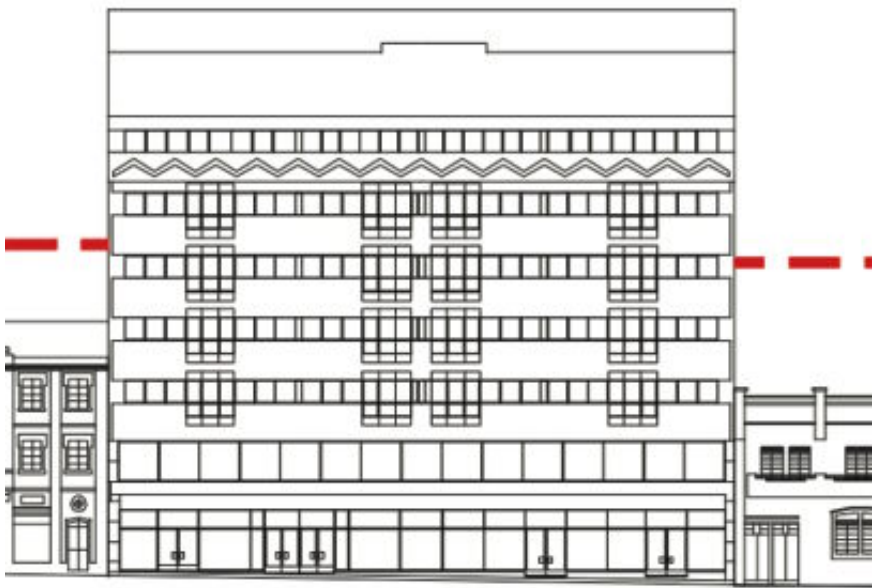
“ Interessante o desenho simétrico da fachada, onde existe uma óbvia contradição entre o r/c de desenho mais tradicionalista e o 1º andar de carácter modernista.”



Centro comercial Oita

Lado Norte

época de construção	80/90's
grau de classificação	sem inf.
grau de conservação	em estado regular
nº de pisos	+7
tipo de ocupação	com algum comércio activo
carac. morfo-tipológicas	sem inf.
área do edifício	522 m ²
classificação pelo PUCA	—
nível de intervenção	3



Edifício 19

Lado Sul

época de construção	20/30's
grau de classificação	valor concelhio
grau de conservação	em muito mau estado
nº de pisos	2
tipo de ocupação	desocupado
carac. morfo-tipológicas	arquitectura privada; agrupado
área do edifício	178 m ²
classificação pelo PUCA	g4
nível de intervenção	2



Fachada com decoração tradicionalista misturada com elementos “Art Deco”. “Desta forma, o reboco é bastante trabalhado, introduzindo uma riqueza formal notável. De salientar também o desenho das caixilharias.”



Edifício 20

Lado Sul

Vivenda Lúgia

época de construção	20/30's
grau de classificação	interesse público
grau de conservação	em mau estado
nº de pisos	2
tipo de ocupação	desocupado (menos loja no r/c)
carac. morfo-tipológicas	arquitectura privada; isolado
área do edifício	225 m ²
classificação pelo PUCA	g2
nível de intervenção	2



“Edifício tipo moradia com terreno envolvente. Marcação de torreão. Construção de uma 1º fase da Avenida, com características de moradia unifamiliar. Arquitectura estilo “tradicional português”.”



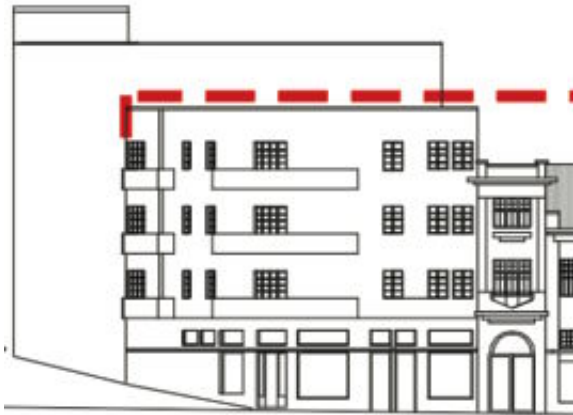
Edifício 21

Lado Sul

época de construção	40/50's
grau de classificação	imóvel de qualidade
grau de conservação	em mau estado
nº de pisos	4
tipo de ocupação	desocupado
carac. morfo-tipológicas	arquitetura privada; gaveto
área do edifício	187 m ²
classificação pelo PUCA	g5
nível de intervenção	3



Edifício modernista com um desenho extremamente sóbrio e equilibrado. “Toda a fachada é um elemento contínuo ao longo da Avenida (gaveto). Interessante jogo de volumes entre as varandas e a fachada; expressão plástica agradável.”



Edifício 22

Lado Sul

época de construção	20/30's
grau de classificação	interesse público
grau de conservação	em muito mau estado
nº de pisos	2
tipo de ocupação	desocupado
carac. morfo-tipológicas	arquitectura privada; agrupado
área do edifício	158 m ²
classificação pelo PUCA	g4
nível de intervenção	3



Edifício 23

Lado Sul

época de construção	20/30's
grau de classificação	interesse público
grau de conservação	em muito mau estado
nº de pisos	2
tipo de ocupação	desocupado
carac. morfo-tipológicas	arquitetura privada; gaveto
área do edifício	210 m ²
classificação pelo PUCA	g3
nível de intervenção	3



“ Edifício bastante original; linhas relativamente sóbrias, mas alguma complexidade no desenho, especialmente do gaveto. Riqueza formal. Apesar de tendencialmente modernista, na quase ausência de decoração e sobriedade do traço, não resiste a afirmar uma certa individualidade, de casa ou moradia tradicionalista.”

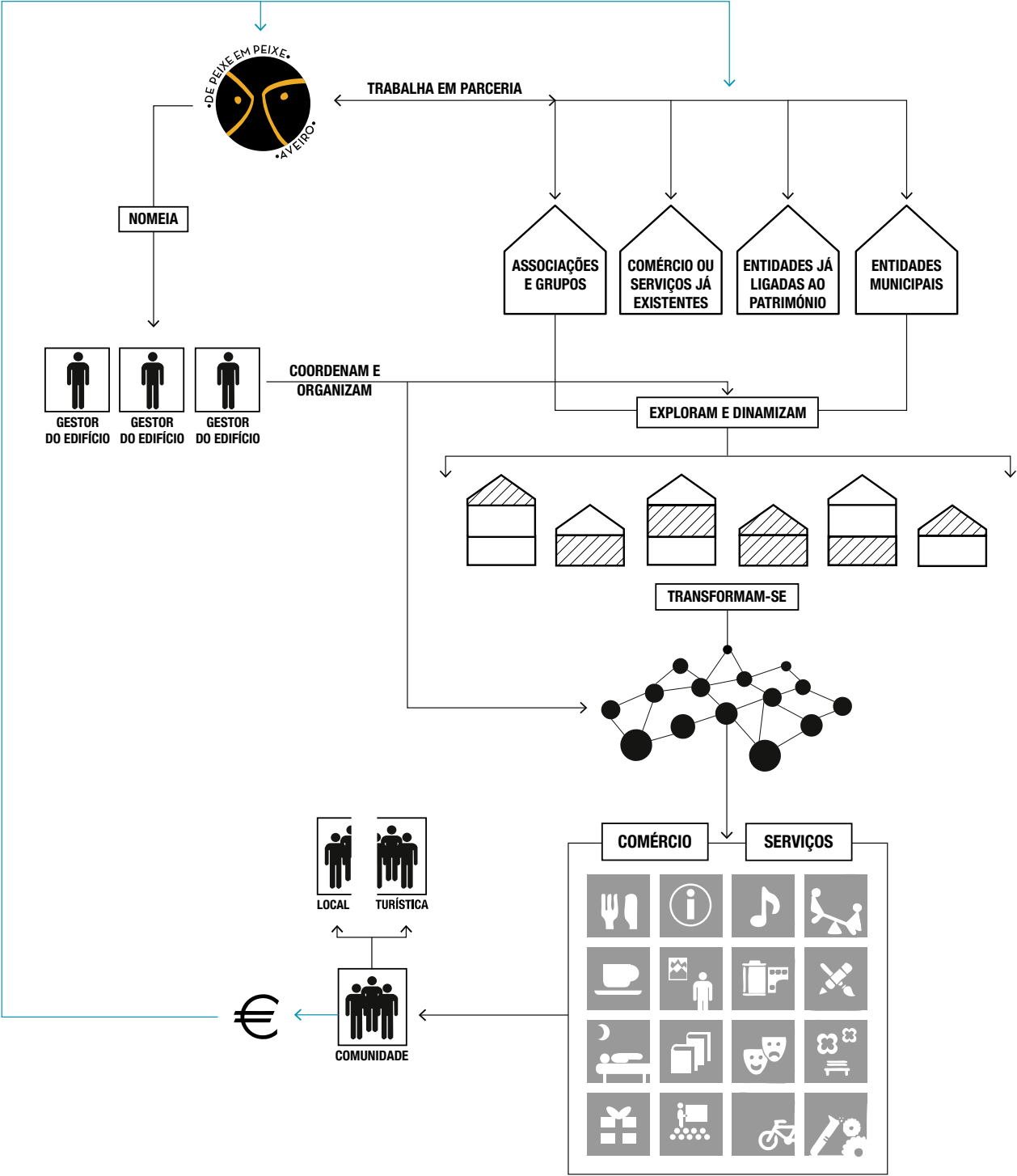


Anexo 7
Apresentação da Proposta

3 210 m²
 Autor: Bik&vento
 e Posto Turismo de Aveiro

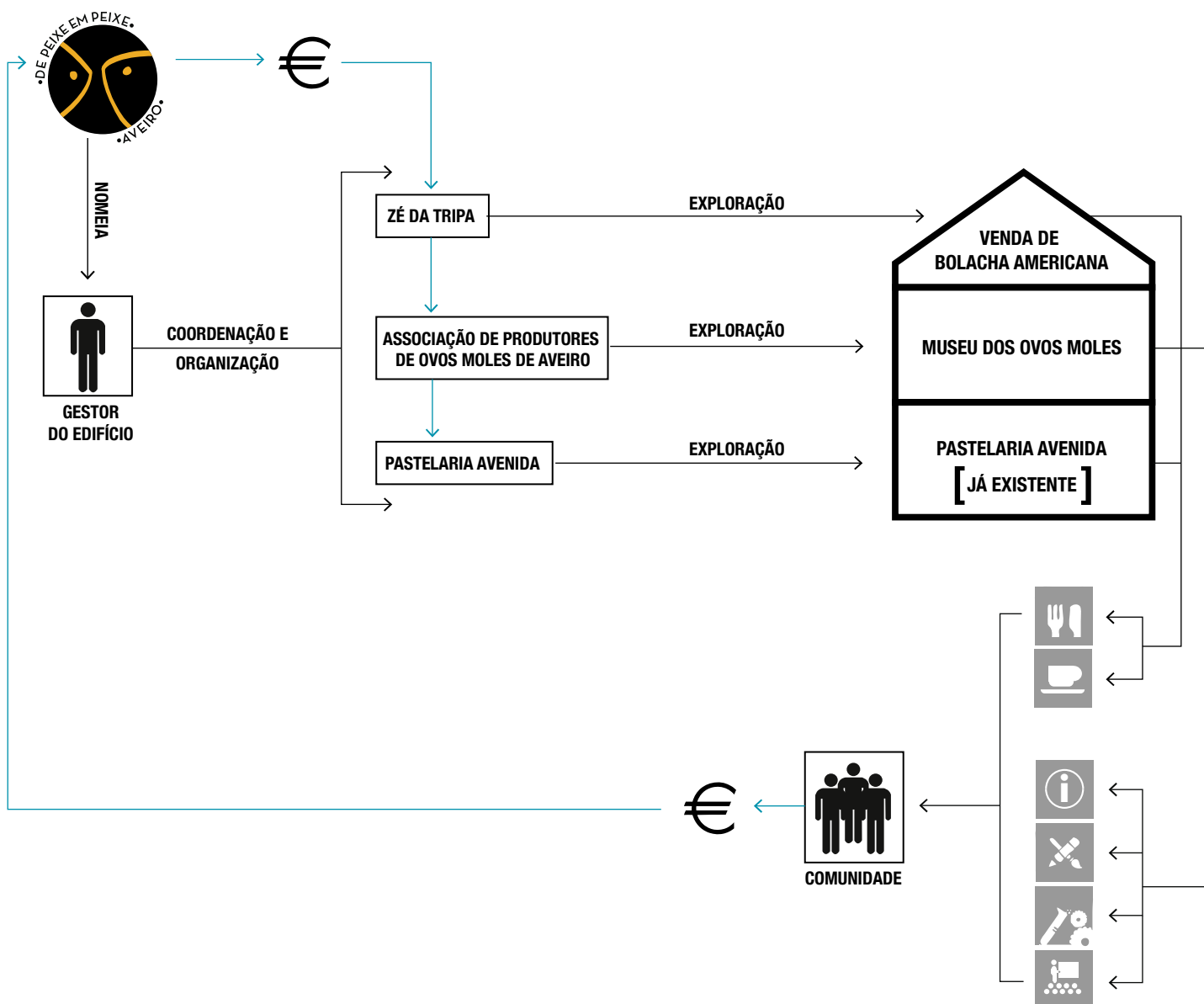
Anexo 8
Esquemas de Gestão do Sistema

SISTEMA GERAL

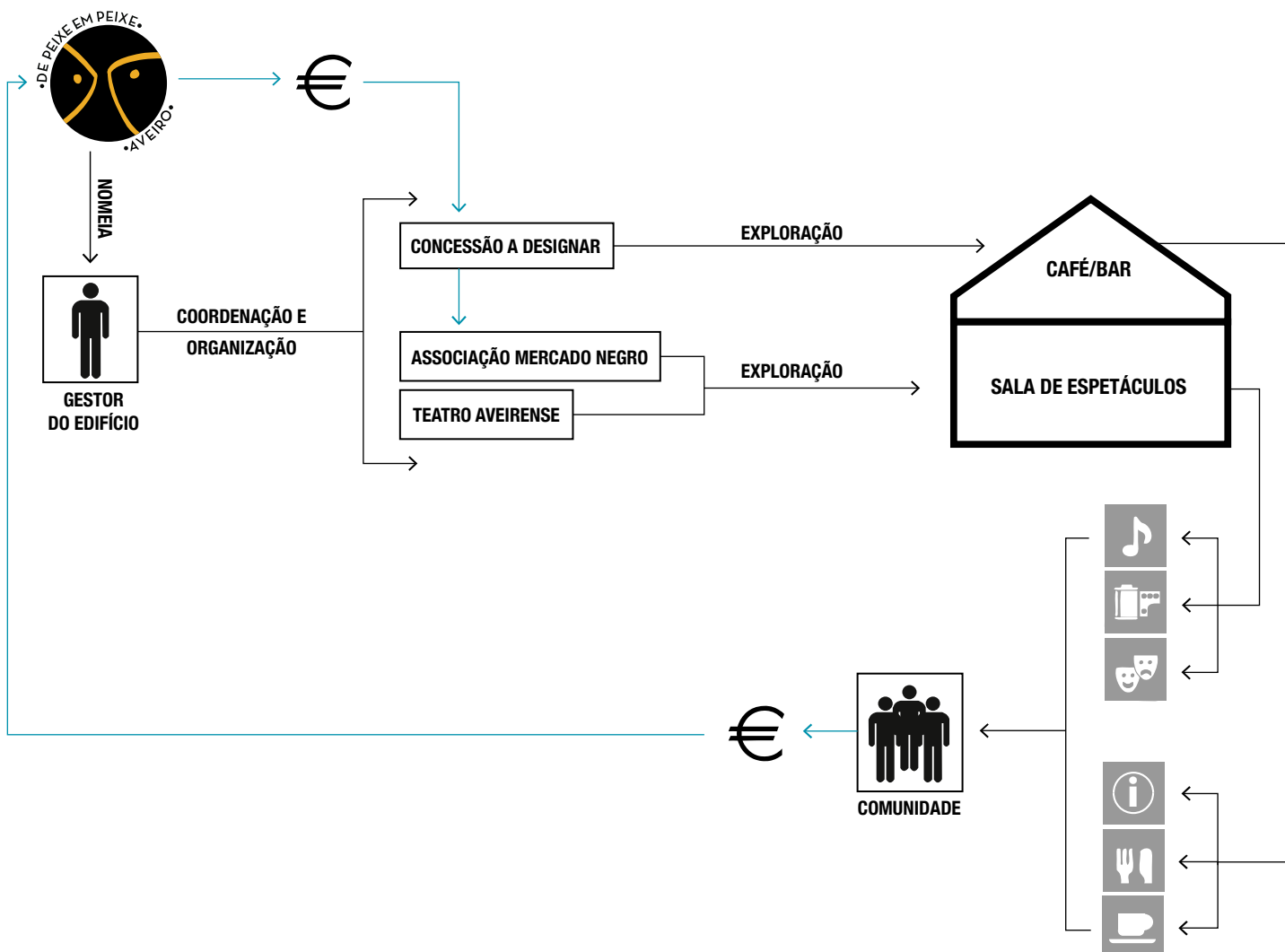


	FLUXO DE RECURSOS FINANCEIROS		ESPAÇO INFORMATIVO		TEATRO/PERFORMANCE
	FLUXO DE RECURSOS HUMANOS		ESPAÇO EDUCATIVO		ESPAÇO DE/PARA BICICLETAS
	RESTAURANTE/ SELF-SERVICE		LIVRARIA/BIBLIOTECA		ESPAÇO DESTINADO A CRIANÇAS
	CAFÉ/BAR		CONFERÊNCIA/PALESTRA		WORKSHOP/ACTIVIDADES LÚDICAS
	HOTEL/HOSTEL		MÚSICA		ESPAÇO EXTERIOR
	GIFTSHOP/LOJA		CINEMA		ESPAÇO DE EXPERIÊNCIAS

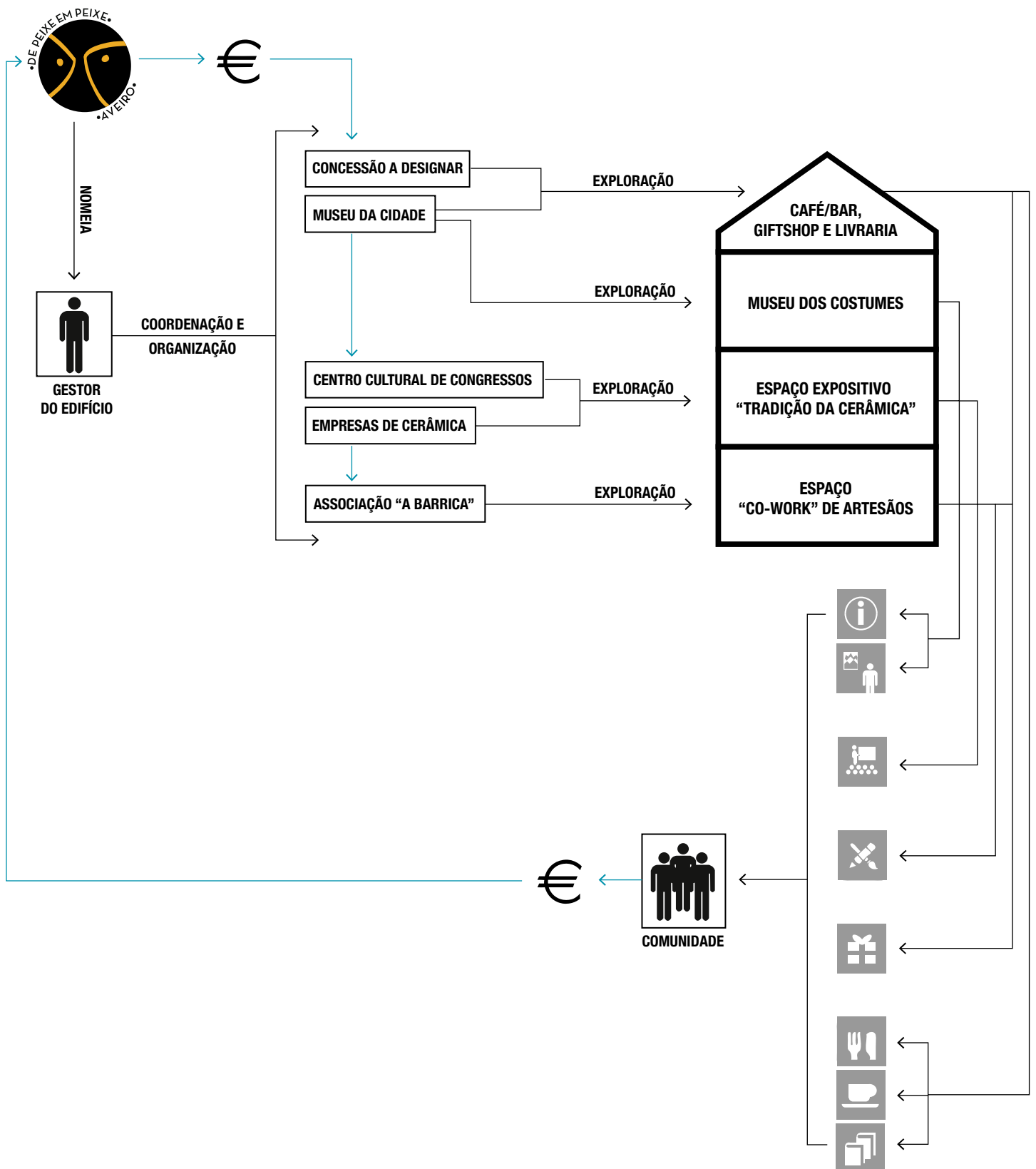
EDIFÍCIO DA DOÇARIA



EDIFÍCIO DE ESPETÁCULOS



EDIFÍCIO DOS COSTUMES



Anexo 9
Programação exemplo

== ESPETÁCULOS ==

EDIFÍCIO DE ESPETÁCULOS

MÚSICA

DIA 02 APRESENTAÇÃO DO NOVO BOLSO
QUARTETO DE BOLSO
... PELAS 22H

DIA 12 TRIBUTO A ZECA AFONSO
ORQUESTRA FILARMONIA DAS BEIRAS
VITORINO
JANITA SALOMÉ
JOÃO AFONSO
CARLOS TAVARES
...PELAS 21:30H

DIA 27 CONCERTO PROMENADE
CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DE AVEIRO
... PELAS 11H

DANÇA

DIA 19 O LAGO DOS CISNES
BALLET TEATRO NACIONAL RUSSO DE MOSCOVO
... PELAS 21:30H

TEATRO

DIA 23 TODA A GENTE SABE QUE
TODA A GENTE SABE
DE MIGUEL FALABELLA
COM TERESA GUILHERME, SOFIA DE PORTUGAL,
RODRIGO SARAIVA, HEITOR LOURENÇO
E LURDES NORBERTO
... PELAS 21:30H

CINEMA

DIA 30 VASCO BRANCO:
RETROSPECTIVA CINEMATOGRAFICA
REPRODUÇÃO DA APRESENTAÇÃO NO
EVENTO "100 ANOS DO CINEMA PORTUGUÊS"
... PELAS 16:30H

PERFORMAS

PERFORMANCES

DIA 13 MORPHY
DE FILIPA PERES
... PELAS 21:30H

MÚSICA

DIA 22 CAFÉ-CONCERTO
DE RUI OLIVEIRA E CONVIDADOS
... PELAS 22H

== EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS ==

EDIFÍCIO SALÃO DE CHÁ

DIA 03 FLEAMARKET MARÇO
JARDIM EXTERIOR
... DAS 15H ÀS 20H

DE 10 A 20 ESCULPIR, RECICLANDO
REALIZADO PELO LABORATÓRIO DAS ARTES
JARDIM EXTERIOR E 3º ANDAR
... DAS 15H ÀS 19H

EDIFÍCIO DA ARTE E CULTURA

TODOS O MÊS ARQUITETURA DO SÉC. XXI

Porque Aveiro é uma cidade que está em constante evolução, nesta exposição o visitante pode apreciar e compreender a arquitetura inovadora que se desenvolve por toda a cidade na atualidade.

Terça a Domingo: 11h às 20h

TODOS O MÊS HÉLDER BANDARRA, A SUA OBRA

Hélder Bandarra nasceu em Aveiro. Discípulo dos pintores Júlio Sobreiro e Porfírio de Abreu, inicia a sua atividade artística realizando ilustrações para o Jornal "Litoral", em 1959.

Terça a Domingo: 11h às 20h

TODOS O MÊS ESCULTURAS DE JOÃO CALISTO

Escultor Aveirense, pessoa de poucos bens, realizou a maior parte da sua obra em barro cozido. O visitante pode apreciar grupos escultóricos, mas na sua maioria bustos de figuras ilustres Aveirenses.

Terça a Domingo: 11h às 20h

EDIFÍCIO DO ESTUDANTE

TODOS O MÊS DESIGN NA UA

Exposição de trabalhos relativos ao curso de Design(licenciatura e mestrado), desenvolvidos no 1º semestre do ano lectivo corrente.

Terça a Domingo: 11h às 24h

EDIFÍCIO DA RIA

TODOS O MÊS A RIA DE AVEIRO

Exposição fotográfica de José Morais Sarmento.

Terça a Domingo: 11h às 20h

WELCOME CENTER OESTE

TODOS O MÊS A ILUSTRAÇÃO COMO
MEIO DE COMUNICAÇÃO

Exposição de trabalhos de diversos ilustradores aveirenses.

Terça a Domingo: 11h às 24h

== EXPOSIÇÕES PERMANENTES ==

MUSEU DA ESTAÇÃO DE CAMINHOS DE FERRO

SECÇÃO MUSEOLÓGICA DA CP

Quatro locomotivas a vapor (a mais antiga de 1886) testemunham mais de um século de história do caminho de ferro. Uma ambulância postal, um salão pagador - utilizado para os salários dos homens que construíram e fizeram a manutenção das estreitas vias férreas por vales apertados e encostas íngremes - juntam-se a outras memórias da locomoção a vapor.

Segunda a Sexta: 09h00 às 13h00 horas/ 14h00 às 17h00
Visitas sujeitas a marcação prévia

PAINÉIS AZULEJARES DA ESTAÇÃO DA CAMINHOS
DE FERRO DE AVEIRO

Mais do que a sua arquitetura, é a azulejaria que torna o edifício da Estação, notável. Este, apresenta uma riquíssima coleção de painéis de azulejos que revestem as paredes das suas fachadas. O seu objectivo é, não só, ilustrar as fachadas do edifício, mas também transmitir, através de um discurso visual de leitura fácil e assegurada (Calado, 2001, p.245), os principais monumentos culturais da região e do país aos viajantes e utentes em geral que por ali passam.

Visita Exterior (sem horário)

WELCOME CENTER ESTE

EXPOSIÇÃO HISTÓRICO/DOCUMENTAL DA
AVENIDA DOUTOR LOURENÇO PEIXINHO

A estrutura da Avenida Doutor Lourenço Peixinho, como a vemos hoje em dia, já advém do séc. XIX. Com a chegada do comboio à cidade, o novo meio de transporte no país em 1864, toda a comunidade viu o nascer de uma oportunidade de desenvolvimento da zona. Esta exposição representa o que foi esta Avenida para a cidade ao longo dos tempos, e analisa as suas transformações temporais.

Terça a Domingo: 11h às 20h

EDIFÍCIO DA MOBILIDADE

EXPOSIÇÃO INTERATIVA "AVEIRO"

Uma visita virtual pela cidade de Aveiro, que o leva a conhecer cada canto e esquina desta bela cidade. Através dos equipamentos interativos poderá fazer uma visita geral ou escolher visitar apenas aquilo que deseja. Explore Aveiro à sua maneira...

Terça a Domingo: 9h às 18h

EDIFÍCIO DA ARTE E CULTURA

ARTE NOVA EM AVEIRO

Em conjunto com o Museu da Arte Nova, esta exposição dá a conhecer o grande espólio de elementos desta época que surgiram em Aveiro.

Terça a Domingo: 11h às 20h

AZULEJARIA EM AVEIRO

Os painéis de azulejos etnográficos, históricos ou de figuras populares foram embelezando e dando vida a paredes nuas, com mensagens de saudade e de amor, que muito contribuíram para uma imagem de Aveiro com mais policromia e luz.

Terça a Domingo: 11h às 20h

EDIFÍCIO DA NATUREZA

A FLORA DA RIA

Exposição educativa, direccionada para todas as idades. Uma pequena amostra das plantas típicas locais, essencialmente na Ria de Aveiro.

Terça a Domingo: 11h às 20h

A FAUNA DA RIA

Espaço educativo, com exemplares vivos e embalsamados da fauna existente em Aveiro. Venha aprender tudo sobre os animais que habitam na nossa cidade.

Terça a Domingo: 11h às 20h

EDIFÍCIO DA HISTÓRIA

FIGURAS DE DESTAQUE

Figuras ilustres da cidade de Aveiro, desde médicos, políticos a princesas...uma exposição histórico-documental dividida por áreas de interesse, onde poderá descobrir toda a história por detrás de cada pessoa.

Terça a Domingo: 11h às 20h

EXPOSIÇÃO HISTÓRICO/DOCUMENTAL DE AVEIRO

Uma exposição disposta cronologicamente, com todos os momentos relevantes da história desta cidade. Um espólio exemplar de documentação e fotografia que demonstram toda a evolução e desenvolvimento desta magnífica cidade da região centro.

Terça a Domingo: 11h às 20h

EDIFÍCIO DO ESTUDANTE

UNIVERSIDADE DE AVEIRO

Os cursos, os projectos, as inovações, a vida académica...tudo sobre a Universidade de Aveiro, considerada uma das melhores instituições do país.

Terça a Domingo: 11h às 20h

EDIFÍCIO DA RIA

MUSEU DAS SALINAS

Um dos grandes ícones das cidade de Aveiro aqui apresentados em grande plano. Venha explorar esta tão rudimentar, mas tão entusiasmante, forma de produzir sal. Uma exposição documental, mas com a sua pitada de realidade...

Terça a Domingo: 11h às 20h

AS EMBARCAÇÕES TRADICIONAIS

Sabe o que é um moliceiro? Alguma vez viu um? Neste espaço poderá ver cada uma das embarcações tradicionais ao vivo, conhecer a sua origem e descobrir como são feitos.

Terça a Domingo: 11h às 20h

A ARTE DE PESCAR

Se julga que pescar sempre significou pegar numa rede ou numa cana e simplesmente pescar, não se engane. Já foi o tempo em que o ato de pescar era de uma enorme importância para a cidade, e como tal, de um enorme respeito. Descubra tudo sobre esta arte, desde os preparativos, às bênçãos religiosas, todas as tradições por detrás desta simples profissão.

Terça a Domingo: 11h às 20h

EDIFÍCIO DOS COSTUMES

MUSEU DOS USOS E COSTUMES

Tudo sobre as Festas e Tradições Aveirenses, desde as antigas romarias da zona, até às mais atuais celebrações...complementada com a exposição de elementos icónicos de cada ato e festa.

Terça a Domingo: 11h às 20h

A TRADIÇÃO DA CERÂMICA

Espaço informativo e educativo sobre a arte da Cerâmica na generalidade, e toda a sua evolução específica na cidade de Aveiro. Desde os processos mais antigos, até às últimas grandes inovações conseguidas através da Universidade e algumas empresas da região. Divulgação Poderá também conhecer algumas dessas empresas e o seu trabalho.

Terça a Domingo: 11h às 20h

EDIFÍCIO DAS GENTES E DOS TRAJES

AS GENTES DE AVEIRO

Não são só os ilustres que fazem a história de cada terra, mas o povo também. Venha descobrir o Marnoto, o Pescador, a Peixeira, a Tricana, que fizeram de Aveiro o que ela é hoje em dia. Uma exposição documentada, acompanhada de modelos exemplos dos trajes tradicionais que cada elemento usava.

Terça a Domingo: 11h às 20h

EDIFÍCIO DA DOÇARIA

MUSEU DOS OVOS MOLES

Venha conhecer todo o mistério por detrás deste doce tradicional aveirense, conhecido internacionalmente. Uma exposição histórica e educativa, onde fica retratada toda a evolução que o doce sofreu até aos dias de hoje. Poderá também ver, no momento, profissionais a confeccionarem o doce e experimentar...

Terça a Domingo: 11h às 20h

EDIFÍCIO DA ARTE E CULTURA

TODOS O MÊS LABORATÓRIO CIENTÍFICO PARA
EXPERIMENTAÇÕES

Uma forma divertida de interagir e aprender sobre a fauna e flora aveirense.

Segunda a Domingo: 11h às 18h/ 19h às 24h

EDIFÍCIO DA HISTÓRIA

TODOS O MÊS PERFORMANCE INFANTIL

Para os mais novos, uma forma entusiasmante de conhecer as figuras importantes aveirenses.

Segunda a Domingo: 11h às 18h

EDIFÍCIO DOS COSTUMES

TODOS O MÊS SEJA ARTESÃO POR UM DIA

Para todos aqueles que anseiam aprender alguma arte dentro do artesanato, poderá vir participar neste espaço de conhecimento e partilha por um dia.

(necessária marcação prévia)
Segunda a Domingo: 11h às 18h

DE 10 a 20 PINTURA DE AZULEJOS

Workshop, liderado por profissionais da área. Não é necessária inscrição prévia, mas terá limite de aprendizdes.

Segunda a Domingo: 11h às 18h

EDIFÍCIO DAS GENTES E DOS TRAJES

TODOS O MÊS OFICINA/LABORATÓRIO LIGADO Á
COSTURA E TRABALHOS MANUAIS

Uma oficina preparada com todo o material necessário para pôr as suas ideias em prática. Para quem deseja visitar apenas uma vez, ou fazer deste espaço o seu hobby preferido...

Terça a Domingo: 11h às 20h

EDIFÍCIO DA DOÇARIA

DIAS 01, 02 e 03 CONFECCÇÃO DE OVOS MOLES

Venha aprender como fazer o doce tradicional de Aveiro.

Terça a Domingo: 15h às 19h

DIAS 23, 24 e 25 FOLAR DA PÁSCOA EM FORMA
DE CORAÇÃO

Aprenda a fazer a massa e concorra ao concurso do coração mais perfeito. O vencedor tem um prémio surpresa.

Terça a Domingo: 15h às 19h

== OUTRAS ACTIVIDADES ==

ALUGUER DE BICICLETAS E PASSEIOS DE BOLINAS

Bicicletas: em frente à CP (sem horário)
Bolinas: Edifício da Mobilidade

Terça a Domingo: 9h às 18h

TELHADO VERDE/ MIRADOURO

EDIFÍCIO DA ARTE E CULTURA

Jardim explorado pelos habitantes locais com vista para a cidade

Segunda a Domingo: 11h às 18h/ 19h às 24h

SIMULADORES VIRTUAIS DE DESPORTOS NÁUTICOS

EDIFÍCIO DA RIA

Venha experimentar a sensação de andar de canoa, ou atrever-se aprender surf...

Terça a Domingo: 11h às 20h

TODA A CIÊNCIA E ARTE POR DETRÁS DOS RAMOS

EDIFÍCIO DOS COSTUMES

Palestra sobre a temática da entrega dos ramos, tradição religiosa Aveirense.

DIAS 12, 19 e 27: das 15h às 19h

OFICINA CRIATIVA PARA CRIANÇAS

EDIFÍCIO DAS GENTES E DOS TRAJES

Actividades de artes plásticas, contadores de histórias, aprender a reciclar,...aqui temos de tudo! Uma aventura para os mais novos e um sossego para os mais velhos.

Terça a Domingo: 11h às 20h

CONVIVÍUM

EDIFÍCIOS DA GASTRONOMIA

Venha conhecer a célula local da organização mundial Slow Food.

Terça a Domingo: 11h às 20h

PROGRAMAÇÃO MARÇO 2012



CAFÉS E BARES
Terça a Domingo: 11h às 18h/ 19h às 24h

RESTAURANTE SELF-SERVICE (WELCOME CENTER ESTE)
Terça a Domingo: 11h às 18h/ 19h às 24h

RESTAURANTE TEMÁTICO COM EMENTA DA REGIÃO
(EDIFÍCIO DA GASTRONOMIA)
Terça a Domingo: 11h às 18h/ 19h às 24h

CENTRO DE DEGUSTAÇÃO (EDIFÍCIO DA GASTRONOMIA)
Terça a Domingo: 11h às 18h/ 19h às 24h

VENDA DA BOLACHA AMERICANA (EDIFÍCIO DA DOÇARIA)
Terça a Domingo: 9h às 18h

SALÃO DE CHÁ
Terça a Domingo: 9h às 18h

GIFTSHOPS/POSTOS DE INFORMAÇÃO
Terça a Domingo: 9h às 18h

HOSTEL "O PATRIMÔNIO"
Segunda a Domingo: 12h às 24h

LOJA DE PRODUTOS EM 2ª MÃO (EDIFÍCIO DAS GENTES E TRAJES)
Terça a Domingo: 9h às 18h

LIVRARIA (EDIFÍCIO DOS COSTUMES)
Terça a Domingo: 9h às 18h

BIBLIOTECA TEMÁTICA DO PATRIMÔNIO DA CIDADE
(WELCOME CENTER OESTE)
Terça a Domingo: 11h às 18h/ 19h às 24h

